

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Letras – Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa

Érika Dourado Amorelli

**A (DES)CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DE DILMA ROUSSEFF DURANTE O
IMPEACHMENT EM CAPAS DE JORNAIS IMPRESSOS**

Belo Horizonte
2018

Érika Dourado Amorelli

**A (DES)CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DE DILMA ROUSSEFF DURANTE O
IMPEACHMENT EM CAPAS DE JORNAIS IMPRESSOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Daniella Lopes Dias Ignácio Rodrigues

Área de Concentração: Linguística e Língua Portuguesa

Belo Horizonte
2018

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

A524d Amorelli, Érika Dourado
A (Des)construção da imagem de Dilma Rousseff durante o impeachment em capas de jornais impressos / Érika Dourado Amorelli. Belo Horizonte, 2018.
161 f.: il.

Orientadora: Daniella Lopes Dias Ignácio Rodrigues
Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
Programa de Pós-Graduação em Letras

1. Rousseff, Dilma 1947- - Impeachment. 2. Jornalismo - Aspectos políticos. 3. Semiótica. 4. Análise crítica do discurso. 5. Fotojornalismo - Análise do discurso. 6. Ironia. I. Rodrigues, Daniella Lopes Dias Ignácio. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

SIB PUC MINAS

CDU: 800.855

Ficha catalográfica elaborada por Rosemary Socorro Hosken – CRB 6/3170

Érika Dourado Amorelli

**A (DES)CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DE DILMA ROUSSEFF DURANTE O
IMPEACHMENT EM CAPAS DE JORNAIS IMPRESSOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Área de Concentração: Linguística e Língua Portuguesa

Prof^a. Dr^a. Daniella Lopes Dias Ignácio Rodrigues - PUC Minas (Orientadora)

Prof^a. Dr^a. Jane Quintiliano Guimarães Silva - PUC Minas (Banca Examinadora)

Prof. Dr. Conrado Moreira Mendes - PUC Minas (Banca Examinadora)

Prof^a. Dr^a. Sandra Cavalcante (Suplente) - PUC Minas (Banca Examinadora)

Belo Horizonte, 17 de Agosto de 2018.

*Aos meus pais, irmãs e sobrinhos,
fontes de inspiração e apoio na caminhada.*

AGRADECIMENTOS

Dois longos e desafiadores anos se passaram e chegou a hora de agradecer. É tempo de reconhecer o apoio e a torcida de pessoas e instituições que foram essenciais para que concluísse este processo.

Em primeiro lugar, sou grata a Deus, por intercessão de Nossa Senhora Aparecida, por direcionar e guiar todos os meus passos durante o processo do Mestrado. Obrigada por alimentar a minha fé, especialmente, nas horas que achei que não iria mais conseguir. Sou grata por me amparar, dar força, perseverança e coragem, dia a dia, para conseguir finalizar essa missão que foi me tornar mestre.

Meu eterno agradecimento à minha família: meus pais (Wanderson e Lilian), às minhas irmãs (Priscilla e Ludmilla) e aos meus lindos sobrinhos (Lucca e Bella), que são a renovação e a esperança de um futuro melhor. Vocês são os meus maiores tesouros, meu suporte e exemplos de vida. São as pessoas que me acompanharam mais de perto em todas as dificuldades e alegrias durante essa longa jornada.

Mãe e pai, essa conquista também é de vocês! Obrigada por me apoiarem, incentivarem e vivenciarem comigo, incondicionalmente, as dádivas e também as incertezas das minhas escolhas. Posso dizer, com muito orgulho, que vocês sempre investiram em mim, estiveram ao meu lado em todos e em mais esse desafio. Saibam que é em vocês que busco a minha inspiração para a vida: meus grandes exemplos de seres humanos, de amor, dedicação, honestidade, profissionalismo, força e também de perseverança. Essa vitória é dedicada a vocês, que se alegram junto comigo em cada passo dado e conquista alcançada. Tenho certeza que o esforço, as horas intermináveis de estudo e dedicação, além das dificuldades no caminho vão fazer cada momento valer a pena! Quero que se orgulhem ainda mais de mim!

Ao Marcelo, amor e companheiro de vida, obrigada por ser um dos grandes incentivadores nesta caminhada. Agradeço pelos conselhos e em não me deixar abater e esmorecer. Você também é uma das pessoas em quem mais me espelho como exemplo de profissional e pesquisador. É parte essencial dessa minha conquista. Me falta palavras para agradecer a dedicação, todo o suporte, e, acima de tudo, por estar ao meu lado do seu jeito, me acalmando e oferecendo sempre uma demonstração de carinho, força, incentivo e alento. Serei para sempre grata!

Família e Marcelo. Essa vitória é minha, é de vocês, é nossa!

À minha orientadora Daniella Lopes, por quem tenho imenso respeito como pessoa e, sobretudo, enquanto profissional, professora, formadora e pesquisadora que é. Obrigada por ter me acolhido e conduzido nessa desafiante caminhada da pesquisa científica. Sou grata ainda pelos ensinamentos e, sobretudo, por acreditar em mim e na minha investigação.

Muito obrigada à banca examinadora desta dissertação, que aceitou avaliar o meu trabalho e contribuir para a melhoria e lapidação deste estudo.

Minha gratidão aos professores do Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas, que me acolheram com tanto amor e me tornaram um ser humano melhor, mais crítico e uma pessoa apaixonada pela área da Linguística e da Língua Portuguesa. Foi uma honra ser aluna de cada um de vocês, que são o verdadeiro alicerce do ensino e do conhecimento desta Universidade. Meus agradecimentos extensivos à Secretaria do Mestrado, nas pessoas de Berenice, Rosária e Jefferson por estarem sempre disponíveis para me ajudar nas dificuldades e também nos procedimentos acadêmicos. Gratidão também aos funcionários da Biblioteca, que me deram todo o apoio esclarecendo minhas dúvidas durante o processo de pesquisa.

Agradeço à FAPEMIG, órgão responsável por me conceder uma bolsa de estudos durante estes dois anos no Mestrado. Sem essa ajuda certamente seria mais difícil ingressar no Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Letras da PUC Minas.

Obrigada aos meus colegas de curso e companheiros também dos sufocos e das alegrias desse processo. Minha gratidão à Karoline do Vale, Ana Carolina Lima, Kelcius Rodrigues e, em especial, à Amanda Carvalho, colegas queridos e parceiros de trabalhos e estudos, com quem aprendi muito e compartilhei grande parte dos momentos de angústia e também as alegrias deste sonho.

Minha gratidão também aos colegas do Núcleo de Estudos em Linguagem, Letramento e Formação (NELLF) da PUC Minas e do grupo Mídia e Discurso (MíD) da PUC Minas por dividirem comigo o conhecimento, as dúvidas, os desafios na caminhada e os sucessos na pesquisa. Agradeço a cada um e cada uma que ajudaram a me tornar a pessoa e pesquisadora que sou hoje.

Meus agradecimentos aos alunos (Brenda, Graziella, Isabella, Jonathan, Larissa, Mariana, Noane e Marcos) do curso de graduação em Letras da PUC Minas, participantes da Oficina de Leitura e Produção de Textos, realizada no período de março a abril de 2017, grupo em que tive a minha primeira experiência como docente e, sobretudo, a oportunidade de aprender. Gratidão ainda à Sibely Oliveira, minha colega de trabalho nesse projeto. Agradeço à professora Maria Ângela por me proporcionar essa chance e por acreditar e

confiar no meu trabalho e também à professora Sandra Cavalcante por me acompanhar e ajudar nessa missão.

Ainda o meu muito obrigada a algumas pessoas que também foram essenciais com o apoio e torcida para que escolhesse o caminho do Mestrado ou que estiveram presentes de alguma forma positiva e especial durante essa caminhada. Gratidão à Ângela, Paulo e Camila, à Felipe, Ana e Juvercil, Nívia Rodrigues, Vanessa Cristina, Eduardo Martins, Rosimi Maria da Silva, Fernanda Santana, Eliziane Silva Oliveira, Daniella Prado, Érika Caixeta, Flávia Dourado Maia, Jaqueline Balbina, Carla Jurka, Eduardo Paulista e às pessoas que direta ou indiretamente vibram e acreditam no meu sucesso.

Que venham as conquistas desta etapa!

Do primeiro grito ao último suspiro, a vida nos coloca em muitos ambientes e nos permite testemunhar muitas situações. A descoberta da luz, da forma, do seio materno, da própria identidade; os jogos da infância, o espaço da casa, da rua, da escola; o amor, o trabalho, a vivência particular dos fatos políticos e sociais de nosso tempo: os soldados que desfilam, os poderosos que passam, algumas pessoas notáveis, o povo nas ruas, o efêmero gesto de vitória. Por mais fortes que sejam esses quadros, por quanto determinem de nosso comportamento, de nossas angústias e esperanças, são apenas parte daquilo que sabemos. A parte menor. Muito mais nos chega por notícias, testemunhos, em palavras ou representações icônicas. (LAGE, 1999, p. 5).

RESUMO

A proposta deste estudo foi investigar como a mídia construiu a imagem da ex-presidenta Dilma Rousseff em capas de jornais impressos durante o período do *impeachment* no Brasil. Para tanto, foi realizada uma análise verbal e não-verbal dos enunciados (manchetes, chamadas e imagens) de 16 capas dos seguintes veículos: (1) *Diário do Nordeste (CE)*; (2) *O Tempo (MG)*; (3) *Hoje em Dia (MG)*; (4) *Super Notícias (MG)*; (5) *Folha de S. Paulo (SP)*; (6) *O Globo (RJ)*; (7) *EXTRA (RJ)*; (8) *Meia Hora (RJ)*; (9) *O Popular (GO)*; (10) *Tribuna (PR)*; (11) *Diário Catarinense (SC)* e (12) *Zero Hora (RS)*, que circularam em 12 de maio e 1º de setembro de 2016, datas de repercussão de dois momentos marcantes do afastamento (provisório e definitivo) da ex-presidenta do poder no processo de *impeachment*. Esta pesquisa teve como objetivo geral levantar as marcas e as estratégias verbais e não-verbais presentes nos enunciados, com a intenção de revelar como esses elementos orientam a leitura desse acontecimento político e histórico. Este trabalho apresenta sua relevância científica ao promover uma análise focada, sobretudo, na linguagem não-verbal, diferenciando da maioria das pesquisas da área da linguística, que ainda se restringem a investigar os textos jornalísticos apenas por meio dos recortes verbais. Outro destaque foi trazer o acontecimento do *impeachment*, levantando a influência da mídia como produtora de discurso, de ideologias e de poder durante o processo. Como estratégia metodológica foram empregados os aportes de teóricos da Análise do Discurso Francesa de Pêcheux (1993, 1997, 2009, 2010); Charaudeau (2005, 2006); Orlandi (1999, 2001, 2011, 2015); Bakhtin (2003) e Maingueneau (1997, 2006); da Análise Crítica do Discurso por Van Dijk (2012); da Semiótica por meio dos estudos de Joly (2007) e da Semiologia por Barthes (1961), a fim de identificar de que forma a linguagem verbal e não-verbal, especialmente esta última, por meio das imagens, cores, composição, texturas, entre outros elementos presentes nas manchetes e chamadas de capa foram utilizados pela mídia como marcas discursivas que ajudaram a (des)construir a imagem da ex-presidenta Dilma Rousseff. Entre os resultados da investigação foi identificado um discurso homogêneo dos veículos de comunicação nos enunciados analisados, mostrando suas relações intrínsecas com as ideologias e o poder dos grupos midiáticos aos quais pertencem, privilegiando assim a imagem de Michel Temer como novo presidente da república em detrimento da figura de Dilma Rousseff. Ficou constatado ainda que houve uma tentativa massiva da mídia em articular o seu discurso a fim de promover um apagamento e uma construção negativa da imagem da ex-presidenta nas capas dos jornais impressos durante o período do *impeachment*. Para tanto, foram articuladas estratégias como o *silenciamento* e a *ironia*, na tentativa de tirar Rousseff do circuito de poder, enquanto autoridade da política, descaracterizando seu trabalho como ex-presidenta da República e sua imagem enquanto mulher ao associá-la à atitudes machistas e misóginas, aos escândalos de corrupção e à imagem desgastada do Partido dos Trabalhadores.

Palavras-chave: Jornalismo Impresso. Análise do Discurso. *Impeachment*. Imagens. Semiótica. Semiologia. Silenciamento. Ironia.

ABSTRACT

The purpose of this study was to investigate how the media constructed the image of former President Dilma Rousseff in printed newspaper covers during the impeachment period in Brazil. For that, a verbal and non-verbal analysis of the statements (headlines, calls and images) of 16 layers of the following vehicles was performed: (1) Diário do Nordeste (CE); (2) Time (MG); (3) Today in day (MG); (4) Super News (MG); (5) Folha de S. Paulo (SP); (6) O Globo (RJ); (7) EXTRA (RJ); (8) Half Hour (RJ); (9) O Popular (GO); (10) Grandstand (PR); (11) Diário Catarinense (SC) and (12) Zero Hora (RS), which circulated on May 12 and September 1, 2016, dates of repercussions of two notable moments of the (provisional and definitive) removal of the former president of the power in the process of impeachment. This research had as general objective to raise the marks and the verbal and nonverbal strategies present in the statements, with the intention of revealing how these elements guide the reading of this political and historical event. This work presents its scientific relevance by promoting an analysis focused mainly on non-verbal language, differentiating it from most linguistic researches, which are still restricted to investigating journalistic texts only through verbal cutouts. Another highlight was to bring about the impeachment event, raising the influence of the media as a producer of discourse, ideologies and power during the process. As a methodological strategy, the contributions of Pêcheux's French Discourse Analysis theorists (1993, 1997, 2009, 2010) were used; Charaudeau (2005, 2006); Orlandi (1999, 2001, 2011, 2015); Bakhtin (2003) and Maingueneau (1997, 2006); of Critical Discourse Analysis by Van Dijk (2012); of Semiotics through the studies of Joly (2007) and Semiology by Barthes (1961), in order to identify in what form verbal and non-verbal language, especially the latter, through images, colors, composition, textures, among other elements present in the headlines and cover calls were used by the media as discursive marks that helped to (und) construct the image of the former president Dilma Rousseff. Among the results of the research was a homogeneous discourse of communication vehicles in the statements analyzed, showing their intrinsic relations with the ideologies and power of the media groups to which they belong, thus favoring the image of Michel Temer as the new president of the republic to the detriment of figure of Dilma Rousseff. It was also noted that there was a massive attempt by the media to articulate their speech in order to promote a deletion and a negative construction of the image of the former president on the cover of newspapers printed during the impeachment period. To this end, strategies such as silencing and irony have been articulated in the attempt to remove Rousseff from the power circuit as an authority of politics, discharacterizing her work as a former president of the Republic and her image as a woman by associating her with macho and misogynist, corruption scandals and the worn-out image of the Workers' Party.

Keywords: Journalism Printed. Speech analysis. Impeachment. Images. Semiotics. Semiology. Silencing. Irony.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Revista <i>Forbes</i>	40
FIGURA 2 - Capas de jornais do primeiro mandato de Dilma	41
FIGURA 3 - Reeleição nos jornais	41
FIGURA 4 - Aprovação do governo Dilma	42
FIGURA 5 - Insatisfação popular	42
FIGURA 6 - Riscos da concentração midiática	55
FIGURA 7 - Monopólio da mídia no país	55
FIGURA 8 - Grupo <i>Globo</i>	57
FIGURA 9 - Grupo <i>Bandeirantes</i>	57
FIGURA 10 - Grupo <i>Record</i>	57
FIGURA 11 - Grupo <i>RBS</i>	58
FIGURA 12 - A Capitania Hereditária da mídia no país	58
FIGURA 13 - Elementos do gênero “Capa de Jornal”	63
FIGURA 14 - Cenas de enunciação na capa do jornal	64
FIGURA 15 - Panorama geográfico do <i>corpus</i>	78
FIGURA 16 - Capas do <i>impeachment</i> de Dilma Rousseff.....	86
FIGURA 17 - Os verbos nas capas	87
FIGURA 18 - Recursos gráficos na manchete	88
FIGURA 19 - Jornal <i>Hoje em Dia</i> de 12 de maio de 2016	89
FIGURA 20 - Capa faz alusão à foto presidencial	90
FIGURA 21 - Interferências na fotografia	90
FIGURA 22 - Alterações no cenário da foto	92
FIGURA 23 - Jornais silenciam Dilma Rousseff	92

FIGURA 24 - Escolhas verbais	93
FIGURA 25 - Operador Argumentativo.....	94
FIGURA 26 - Uso de fotografia	95
FIGURA 27 - Recursos não-verbais nas fotos	96
..	
FIGURA 28 - Imagens em destaque	98
FIGURA 29 - Apagamento da ex-presidenta	99
FIGURA 30 - Imaginário dos leitores	100
FIGURA 31 - Elementos presentes nas manchetes	100
FIGURA 32 - Espetacularização da manchete	101
FIGURA 33 - Alteração da cor das fotografias	102
FIGURA 34 - Fotos como tristeza ou derrota.....	103
FIFURA 35 - Fotografias em diferentes contextos	104
FIGURA 36 - A linguagem não-verbal nas capas	105
FIGURA 37 - Volta do progresso no país.....	105
FIGURA 38 - O uso de subtítulo.....	106
FIGURA 39 - Fim de mandato	107
FIGURA 40 - Apagamento discursivo de Dilma	108
FIGURA 41 - Função da fotografia	109
FIGURA 42 - Fotografia de Rousseff.....	110
FIGURA 43 - Recursos não-verbais aplicados à fotografia	111
FIGURA 44 - Fotografias em sequência	111
FIGURA 45 - Imagem reproduzida da <i>Agência Senado</i>	112
FIGURA 46 - Manchetes irônicas e debochadas	116
FIGURA 47 - Perda de poder do PT	117
FIGURA 48 - Cenografia do WhastApp na manchete	118

FIGURA 49 - Elementos enunciativos na capa	119
FIGURA 50 - <i>Emoticons</i>	119
FIGURA 51 - Estratégias não-verbais do <i>Tribuna</i>	121
FIGURA 52 - Recursos cromáticos, fotográficos e iconográficos	121
FIGURA 53 - Derrota de Dilma	123
FIGURA 54 - As cores nas chamadas	124
FIGURA 55 - Ironia	124
FIGURA 56 - Bordão “Tchau, querida!” nas manifestações	125
FIGURA 57 - Conversa de Lula com Dilma	125
FIGURA 58 - PRONATEC	126
FIGURA 59 - Edição do <i>Meia Hora</i> de 1º de setembro de 2016	127
FIGURA 60 - Sátira	128
FIGURA 61 - Fotomontagens	129
FIGURA 62 - Interferências	130
FIGURA 63 - Recursos cromáticos	133
FIGURA 64 - Afastamento de Rousseff	133

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Construção de sentidos da fotografia por Barthes (1961)	73
QUADRO 2 - Objetivo Geral e Específicos da investigação	75
QUADRO 3 - Etapas da pesquisa	76
QUADRO 4 - Síntese do <i>corpus</i>	79

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD	Análise do Discurso
BBB	Big Brother Brasil
MEC	Ministério da Educação
MOM	Monitoramento da Propriedade da Mídia
MPF	Ministério Público Federal
ONG	Organização Não-Governamental
PT	Partido dos Trabalhadores
PRONATEC	Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e ao Emprego
PUC Minas	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
RSF	Repórteres Sem Fronteiras

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	31
1.1 A mídia como objeto de estudo	33
1.2 A investigação da imagem nos enunciados jornalísticos	34
1.3 Os caminhos da pesquisa	36
2 UM ACONTECIMENTO HISTÓRICO E MIDIÁTICO	39
2.1 Dilma Rousseff: da ascensão política ao afastamento do cargo de presidenta	39
2.2 O processo de <i>impeachment</i>	43
2.2.1 Contextualizando a Operação Lava Jato	45
3 MÍDIA COMO PRÁTICA DISCURSIVA	46
3.1 A mídia como instrumento de informação e formação	46
3.2 Mídia, discurso e ideologia	48
3.3 O discurso midiático e seu funcionamento	49
3.3.1 Discurso e poder: a mídia no centro da história	52
3.4 Os donos da mídia no Brasil	54
4 CAPA DE JORNAL: DO ENUNCIADO À ENUNCIÇÃO	60
4.1 Cenas Enunciativas do gênero do discurso “Capa de Jornal”	61
4.2 Gêneros discursivos em outros gêneros: abordagem das cenas de enunciação	63
5 UM OLHAR NÃO-VERBAL SOBRE O DISCURSO	66
5.1 O uso de elementos não-verbais no jornalismo	68
5.2 A Semiótica e a Semiologia dos signos: representação da imagem	70
5.2.1 Os pressupostos semiológicos de Barthes e os processos de significação da fotografia	71
6 METODOLOGIA	75
6.1 Passo a Passo do trabalho	76
6.2 Seleção e apresentação do <i>Corpus</i>	77
6.3 Critérios de seleção das categorias analíticas de investigação	81
7 ANÁLISE VERBAL E NÃO-VERBAL DO <i>CORPUS</i>	83
7.1 Silenciamento	84
7.2 Ironia	112
8 CONCLUSÃO	136
REFERÊNCIAS	140
ANEXOS	147

1 INTRODUÇÃO

Como a mídia pode ser um instrumento importante na construção de sentidos para os leitores? Quais efeitos de sentido podem ser flagrados nos enunciados de capas de jornais impressos, sobretudo, de um acontecimento histórico? De que forma os veículos de massa se utilizam das linguagens verbal e não-verbal de forma articulada como estratégia discursiva para divulgar a informação, desempenhar possíveis relações de poder e influenciar o leitor na (re)produção de sentido e significado das notícias?

Esses foram alguns dos questionamentos que me instigaram a conduzir esta pesquisa de dissertação, que tem como objetivo central investigar o discurso midiático no processo de *impeachment*, mais especificamente, de que forma a mídia (des)construiu a imagem da ex-presidenta Dilma Rousseff em capas de jornais impressos durante o período do *impeachment*. Esse processo histórico teve seu início jurídico, em dezembro de 2015, com a aceitação da denúncia realizada pela Câmara dos Deputados contra Rousseff. O encerramento aconteceu, em 31 de agosto de 2016, com o julgamento em definitivo no Senado e o afastamento de Dilma Rousseff da presidência da república do Brasil¹.

O material analisado nesta pesquisa é proveniente de enunciados (manchetes, chamadas e imagens) presentes em 16 capas de jornais impressos² brasileiros, que circularam em 12 de maio e 1º de setembro de 2016, datas de repercussão do afastamento provisório e definitivo, (respectivamente) da ex-presidenta do poder. Os doze veículos investigados são: (1) Diário do Nordeste (CE); (2) O Tempo (MG); (3) Hoje em Dia (MG); (4) Super Notícias (MG); (5) Folha de S. Paulo (SP); (6) O Globo (RJ); (7) EXTRA (RJ); (8) Meia Hora (RJ); (9) O Popular (GO); (10) Tribuna (PR); (11) Diário Catarinense (SC) e (12) Zero Hora (RS). A escolha pelos jornais impressos se deu devido à importância que eles assumem na sociedade, mais precisamente, corroborando com o conceito de Gomes (2008, p. 15) que: “o jornal participa, também da reconstrução simbólica e simulada da realidade cotidiana, dando-lhe uma feição e uma interpretação autorizada”.

A minha proposta, portanto, é “explicar os efeitos de significância que tal objeto produz em situação de troca social”, segundo explica Charaudeau (2006, p. 22), averiguando os enunciados (os ditos, os não-ditos e os silêncios), referentes ao *impeachment*, a partir da

¹ No primeiro capítulo desta dissertação apresento com mais detalhes esse acontecimento histórico.

² Em alguns dos jornais foram escolhidas duas capas para análise. Todas elas serão analisadas no 7º capítulo e, podem ser visualizadas (em detalhe), individualmente, nos anexos publicados ao final deste trabalho, a partir da página 147.

correlação para além do linguístico, analisando a relação entre o verbal e o não-verbal, a partir de textos, imagens, uso de cores, *emoticons*³, fotografias, textura, entre outros recursos, que foram explorados nas capas escolhidas para esta pesquisa.

Desse modo, nesta investigação, levanto as marcas verbais e não-verbais, que compõem as cenas enunciativas distintas, existentes em um mesmo campo discursivo, revelando de que forma os elementos presentes nas capas de jornais impressos orientam a leitura de acontecimentos políticos e históricos, portanto, a construção do sentido dos leitores. Nesse caso, no que se refere à imagem de Dilma Rousseff durante o processo histórico do *impeachment*.

Charaudeau (2006) lembra que a construção do sentido:

Permite explicar a informação como algo que não corresponde apenas à intenção do produtor, nem apenas à do receptor, mas como resultado de uma co-intencionalidade que compreende os efeitos visados, os efeitos possíveis, e os efeitos produzidos. (CHARAUDEAU, 2006, p. 28).

Partindo desse pressuposto, farei minha análise à luz dos embasamentos teóricos da Análise Francesa do Discurso (AD), da Análise Crítica do Discurso (AD), da Semiótica e da Semiologia, a fim de descrever o funcionamento do discurso da mídia nas capas dos jornais pesquisados como um caminho para compreender a produção de sentidos nos textos midiáticos:

A análise do discurso (AD) é um campo de estudo que oferece ferramentas conceituais para a análise desses acontecimentos discursivos, na medida em que toma como objeto de estudos a produção de efeitos de sentido, realizada por sujeitos sociais, que usam a materialidade da linguagem e estão inseridos na história. Por isso, os campos da AD e dos estudos da mídia podem estabelecer um diálogo extremamente rico, a fim de entender o papel dos discursos na produção das identidades sociais. (GREGOLIN, 2007, p. 12).

Portanto, proponho uma investigação das linguagens verbal e não-verbal, sobretudo, do uso do discurso como recurso de efeitos de sentido nos enunciados de capa das notícias jornalísticas (manchetes, chamadas e imagens).

Apropriando-me nos estudos de Van Dijk (2012):

³ De acordo com Jablonka (2012, p. 111), este é o “nome dado a uma sequência de caracteres tipográficos ou umas imagens simbólicas, que representam o rosto humano e expressam as emoções dos participantes no processo de comunicação”.

Interessa-nos investigar, por exemplo, de que modo uma entonação específica, um pronome, uma manchete jornalística, um tópico, um item lexical, uma metáfora, uma cor ou um ângulo de câmera, entre uma gama de outras propriedades semióticas do discurso, se relacionam a algo tão abstrato e geral de poder na sociedade. (VAN DIJK, 2012, p. 9).

Gomes (2008) assevera que os veículos impressos utilizam o verbal e não-verbal, neste último caso por meio das imagens, para representar o mundo real, “produzindo uma ilusão referencial, o jornal difunde um conjunto de valores, crenças, comportamentos, pontos de vista que constituem as ideologias.” (GOMES, 2008, p. 15).

Para sistematização da minha análise elegi duas categorias de observação do *corpus*, sendo elas: o *Silenciamento* e a *Ironia*, em que pretendo fundamentar e ancorar a hipótese da minha pesquisa sobre a (des)construção da imagem de Dilma Rousseff pela mídia em capas de jornais impressos durante o período de *impeachment* por meio desses dois processos discursivos. Orlandi (2015) nos lembra que o silêncio não fala, ele significa. Já Brait (1996) caracteriza o humor como um artifício para esconder preconceitos, conforme relata:

Uma manifestação humorística [que] tanto pode revelar a agressão a instituições vigentes, quanto aspectos encobertos por discurso oficiais, cristalizados ou tido como sérios. Mas pode também confirmar, transmitir ou instaurar preconceitos [...]. A observação das figuras políticas femininas brasileiras como vão sendo construídas por uma grande parcela da imprensa pode ilustrar perfeitamente a tendência cultural para explorar a figura feminina. (BRAIT, 1996, p. 15).

1.1 A mídia como objeto de estudo

Gregolin (2007, p. 16), em um de seus estudos sobre a análise do discurso e mídia, já apontava que “na sociedade contemporânea, a mídia é o principal dispositivo discursivo por meio da qual é construída uma ‘história do presente’.”

Zanchetta (2004) também acredita nessa premissa sendo incisivo ao analisar não só o papel persuasivo, mas estratégico da mídia no Brasil: “parte da imprensa foi decisiva na queda da monarquia, na modernização das instituições do país, na luta pelas eleições diretas, na deposição de Fernando Collor, entre outros processos importantes da história do país.” (ZANCHETTA, 2004, p. 128).

Mas como será que ela atuou no processo de *impeachment* de Dilma Rousseff? O autor lembra a função que os meios de comunicação assumiram no decorrer do século XX, a

ponto de serem considerados o ‘quarto poder’. Já Marshall McLuhan é enfático ao considerar a “mídia como extensões do homem, como próteses, que aumentam o poder e a influência.” (MCLUHAN, 1964 apud SILVERSTONE, 2005).

Já Charaudeau (2006) aponta o papel e a interferência que o discurso midiático assume na sociedade. “Trata-se da maneira pela qual os indivíduos regulam as trocas sociais, constroem as representações dos valores que subjazem suas práticas, criando e manipulando signos e, por conseguinte, produzindo sentido.” (CHARAUDEAU, 2006, p. 16).

Impactada por todos esses papéis levantados pelos estudiosos da mídia com relação aos meios de comunicação na sociedade e a possível função que eles exercem no controle da realidade ou no exercício do poder foi que optei por estudar o processo de *impeachment* pela imprensa brasileira como objeto da minha pesquisa de mestrado no Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas).

O meu interesse em investigar o assunto surgiu ainda ao observar e tentar compreender as relações verbais e não-verbais entre os enunciados no período do afastamento de Dilma Rousseff do poder e seus efeitos de sentido. Também fui influenciada pela relevância histórica do *impeachment*, especialmente, pela maneira como aconteceu a transposição desse acontecimento em notícia pela mídia brasileira e, ainda, quanto à forma análoga como os meios de comunicação, no caso desta pesquisa, os jornais impressos, retrataram esse episódio nas capas dos seus veículos.

Além disso, como jornalista e estudante do Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas esta é uma oportunidade de investigar o papel dos meios de comunicação nos acontecimentos históricos e também na produção e formação de sentidos, aliando o estudo da linguagem ao discurso jornalístico, envolvendo a pesquisa em duas áreas do meu interesse: o jornalismo (em que tenho formação acadêmica e onde atuo) e a linguística (área dos meus estudos).

1.2 A investigação da imagem nos enunciados jornalísticos

Nesta dissertação, pretendo averiguar como os meios de comunicação empregaram as linguagens verbal e não-verbal, por meio dos textos associados às imagens, mais especificamente às imagens fixas (fotografias e foto-ilustrações) como uma aliada na formação de sentidos nos enunciados pesquisados neste estudo. É consenso entre os estudiosos de ciências como a Linguística, a Comunicação, a Semiótica e a Semiologia, que

as imagens são importantes meios de linguagem presentes no dia a dia da sociedade, sobretudo, nas produções midiáticas como as propagandas, revistas, televisão, no meio cibernético ou nos jornais impressos, entre outros.

É sabido que a imagem acompanhou a história do homem, desde os primórdios da vida da humanidade até a contemporaneidade, seja por meio dos vestígios deixados em rochas e cavernas, nas escrituras bíblicas, no domínio das artes, no papel que ela assume enquanto representação mental da linguagem e, ainda enquanto expressão mediática, dentre outras funções. Piccinini (2012, p. 150) acentua que, nos tempos atuais, “estamos cada vez mais expostos à informação e cada vez mais esta informação nos chega mediada por imagens.” Mediante essa relevância, quais são as estratégias persuasivas e de comunicação utilizadas pela mídia em seus produtos por meio das imagens?

Santaella (2012) ressalta que a sociedade ainda está atrasada no que se refere ao reconhecimento do valor e também dos processos de leitura e análise das imagens. A semioticista afirma, por exemplo, que “a escola permanece presa à ideia de que o texto verbal é o grande transmissor de conhecimentos”. (SANTAELLA, 2012, p. 11). Piccinini (2012, p. 151) defende que “essa aprendizagem da leitura de imagens é central para a construção de uma visão situada e crítica da realidade e do conhecimento”. Devido à essas afirmações é que retomo as considerações de Joly (2007, p. 34) sobre a necessidade de se “compreender o que é uma imagem. O que ela diz e como ela diz”, a fim de se entender o seu funcionamento e a sua função enquanto produtora de sentidos nos textos jornalísticos.

Nesta pesquisa, pretendo discorrer como a mídia utiliza esse signo como um aliado na construção de figuras de Dilma Rousseff nos textos dos enunciados (manchetes e chamadas) das capas dos jornais impressos durante o período do *impeachment*. Também analisarei a imagem por meio dos seus traços e aspectos plásticos, conforme conceito apresentado por Joly (2007), tais como a extensão, cor, sombra, textura, enquadramento, composição/paginação, iluminação, angulação, movimento, profundidade, moldura, entre outros.

Nesse sentido, a analista ainda assegura que a compreensão da imagem “necessita que seja tomado o contexto da comunicação, da historicidade da sua interpretação, assim como as suas especificidades culturais.” (JOLY, 2007, p. 155). Santaella (2012) vai além ao evidenciar que a imagem deve ser esmiuçada no sentido de que “deveríamos ser capazes de desmembrá-la parte por parte, como se fosse um escrito, de lê-la em voz alta, de decodificá-la, como se decifra um código, e de traduzi-la, do mesmo modo que traduzimos textos de uma língua para outra.” (SANTAELLA, 2012, p.12).

Essas premissas das pesquisadoras serviram de motivação para que pudesse pensar e analisar a respeito do papel que as imagens ocupam na sociedade e também a despeito das suas funções, sendo empregadas nos enunciados jornalísticos como fonte de comunicação e também de efeitos de sentidos. Pretendo propor um diálogo entre a AD, as teorias semióticas como a de Joly (2007) e semiológicas de Barthes (1961), conforme abordarei no 5º capítulo.

Chamo a atenção que no universo da imagem, a fotografia será um dos focos da minha investigação, abordando a sua relevância assumida no fotojornalismo, tomando desde o seu papel de suporte simbólico à produção do sentido do texto jornalístico. “O fotojornalismo é uma actividade singular que usa a fotografia como um veículo de observação, de informação, de análise e de opinião sobre a vida humana e as consequências que ela traz ao Planeta”, conforme afirma, (SOUSA, 2002, p. 5).

Joly (2007), em seu livro sobre *Introdução à Análise da Imagem*, convoca o analista a refletir sobre os vários preceitos teóricos da Semiótica e da Semiologia ao conduzir o pesquisador a compreender a especificidade da imagem. Sendo assim, a francesa alerta para o fato deste signo fazer parte da categoria, não só das representações como também das significações, da seguinte maneira:

Uma imagem é algo *heterogêneo*. O que quer dizer que ela reúne e coordena no âmbito de um quadro (de um limite) diferentes categorias de signos: *imagens* no sentido teórico do termo (*signos icônicos, analógicos*), mas também *signos plásticos*: cores, formas, composição interna ou textura, e a maior parte do tempo também signos linguísticos, da linguagem verbal. É a sua relação, a sua interação, que produz o sentido que aprendemos mais ou menos conscientemente a decifrar e que uma observação mais sistemática nos ajudará a compreender melhor. (JOLY, 2007, p. 42, grifos da autora).

1.3 Os caminhos da pesquisa

Tomando as palavras de Gregolin (2007, p. 13), ao pensar a mídia como “prática discursiva, produto de linguagem e processo histórico”, recorro aos pressupostos teóricos de linguistas consagrados da Análise do Discurso (AD), ciência que fundamentará este estudo e que tem como um dos seus focos de observação o papel da mídia na sociedade.

Primeiro, para entender um objeto tão múltiplo como o discurso da informação nos aspectos verbais e não-verbais, é adequado tratar de uma teoria que abriga contribuições advindas de outras áreas da pesquisa como a Comunicação, a Semiótica e a Semiologia. Fundamento-me nas contribuições teóricas da AD de Pêcheux (1993, 1997, 2009, 2010);

Charaudeau (2005, 2006); Van Dijk (2012); Orlandi (1999, 2001, 2011, 2015); Bakhtin (2003) e Maingueneau (1997, 2006) e da Análise Crítica do Discurso por Van Dijk (2012), com o objetivo de discorrer sobre a maneira como os veículos promoveram a (des)construção da imagem de Dilma Rousseff durante os dois momentos decisivos do *impeachment* realizado no Brasil. Posteriormente, apresentarei um olhar semiótico e semiológico sobre o discurso, mostrando como a linguagem não-verbal pode ser uma aliada dos meios de comunicação, mais especificamente dos jornais impressos, para produzir significados ao texto. A minha pesquisa será ancorada nas análises semiológicas de Barthes (1961), no que se refere à produção de significados das imagens ao texto, por meio da fotografia, além das contribuições conceituais sobre imagem com base nas análises semióticas e dos estudos de Joly (2007).

Esta dissertação está dividida em oito capítulos, contando com este primeiro capítulo da *Introdução*. No 2º capítulo, farei um resgate memorialístico do “acontecimento do *impeachment*”, contextualizando em primeiro lugar a vida política da ex-presidenta, seus mandatos à frente da presidência da república do Brasil e, posteriormente, a respeito do processo de *impeachment* em seus principais aspectos, apresentando a representação histórica e política do assunto a ser investigado.

Já nos capítulos 3º, 4º e 5º apresento o quadro teórico-metodológico construído para a análise do *corpus*. No primeiro deles, estudo a questão da mídia como prática discursiva, reportando aos conceitos de discurso nas perspectivas de Pêcheux e Orlandi. Ancoro minha averiguação na teoria pêchetiana, discorrendo de que forma o “discurso” pode ser entendido enquanto prática discursiva, levando em consideração os elementos históricos presentes na enunciação e na ideologia dos enunciados. Ainda neste 3º capítulo faço um resgate da mídia como prática discursiva e de poder: mostrando a persuasão dos meios de comunicação de massa por meio das definições das teorias de Charaudeau (2005, 2006) e Van Dijk (2012).

Ressalto ainda que os principais jornais do país parecem estar a serviço de interesses da elite dominante no Brasil. Van Dijk (2012, p. 73) assegura que “muitos detentores do poder bem como a sua fala contam com uma cobertura rotineira da mídia jornalística e assim, o poder dos grupos pode ser confirmado e legitimado de maneira mais abrangente”. Confirmando essa premissa, apresento o cenário de concentração midiática no país, mediante a pesquisa de Monitoramento da Propriedade da Mídia (MOM), financiada pelo governo da Alemanha e realizada em conjunto pelas Organizações Não-Governamentais – Intervozes (brasileira) e Repórteres Sem Fronteiras (RSF) – que tem sua base na França. A investigação teve como intuito responder a uma questão central e essencial no Brasil: *Quem controla a mídia no país?*

No 4º capítulo discorro sobre a enunciação sob a perspectiva de Bakhtin (2003), abordando os conceitos de linguagem dentro do processo discursivo e também os elementos que compõem o gênero discursivo “Capa de Jornal”, objeto de estudo da minha análise. Nessa seção, também apresento os pressupostos teóricos de Maingueneau (1997) para caracterizar o processo de *cenografia*, artifício utilizado pelos jornais como estratégia de enunciação da notícia sobre o afastamento de Rousseff no processo de *impeachment*.

Já no 5º capítulo trato do discurso, a semiótica e a semiologia – O papel da linguagem não-verbal na produção dos sentidos dos enunciados sobre o *impeachment*. Nesse capítulo, discorro como e quando o jornalismo impresso começou a se preocupar com a inserção das imagens nos seus enunciados e de que forma a teoria da Semiótica e da Semiologia contribui para os jogos de encenação da informação e de produção de sentidos apresentados nos textos jornalísticos do *corpus* desta investigação. Para tanto, recorri aos aportes teóricos de semioticistas como Joly (2007) e de semiólogos como Barthes (1961), dentre outros estudiosos do assunto.

Em seguida, exponho a metodologia desta pesquisa, destacando os objetivos do meu estudo, o passo a passo do processo de escolha do *corpus* e a apresentação das capas que serão investigadas. No 7º capítulo, finalizo as discussões desta dissertação propondo uma análise descritiva e interpretativa dos enunciados (manchetes, chamadas e imagens), nas 16 capas de jornais impressos, que circularam nos dias 12 de maio e 1º de setembro de 2016, categorizadas em *Silenciamento* e *Ironia*, revelando as estratégias verbais e não-verbais dos textos. Por fim, no 8º capítulo, exponho as considerações finais e os resultados obtidos com a observação e análise do *corpus* pesquisado durante toda a investigação do meu estudo.

2 UM ACONTECIMENTO HISTÓRICO E MIDIÁTICO

Neste capítulo apresento a contextualização do processo de *impeachment* de Dilma Rousseff, fato que mobilizou a agenda política do Brasil durante oito meses, no período de dezembro de 2015 a agosto de 2016. De acordo com o que relatei no capítulo anterior, nesta investigação usarei das premissas da Análise do Discurso para estudar este acontecimento histórico e midiático, que prima pela observação do contexto histórico-social da situação discursiva investigada. Neste sentido, Pêcheux (2006) chama a atenção para o conceito de acontecimento considerado como “um ponto de encontro de uma atualidade e uma memória.” (PÊCHEUX, 2006, p. 17), ou seja, em que levarei em consideração um fato marcante e a forma como foi retratado pela mídia brasileira em seus enunciados. Possenti (2010) defende que a noção de acontecimento é crucial para a AD ao analisar esta historicidade na relação da estrutura como acontecimento:

Em primeiro lugar por sua relação com a enunciação, que tem sido concebida como um acontecimento que não se repete (ao contrário do enunciado). Em segundo lugar, por sua relação com a história, campo para o qual a noção de acontecimento é uma espécie de matéria-prima. (POSSENTI, 2010, p. 28-29).

Na intenção de contextualizar esse acontecimento, proponho aqui também um resgate da vida política de Rousseff, primeira mulher a assumir a presidência da República no país e, que chegou a ser eleita como a 3ª mais influente do mundo pela Revista *Forbes*, publicação americana, conforme mostro no decorrer deste texto. Como presidenta do Brasil por duas gestões, de 2011 a 2016, teve seu 2º mandato interrompido por crises, escândalos de corrupção e acusações, que culminaram no processo do seu *impeachment*, sendo destituída do poder na data de 31 de agosto de 2016.

É importante ressaltar que essa memória será um instrumento relevante para caracterizar as imagens de Rousseff, que foram sendo construídas ao longo dos anos pela mídia brasileira, sobretudo nos jornais impressos, desde a primeira gestão de Dilma Rousseff como presidenta do Brasil (2011 a 2014) até o seu processo de *impeachment*.

2.1 Dilma Rousseff: da ascensão política ao afastamento do cargo de presidenta

Dilma Rousseff, ex-presidenta do Brasil, economista de formação, filiada ao Partido dos Trabalhadores (PT), carrega em seu currículo aspectos de luta, resistência e também de

rejeição política. O primeiro deles se refere ao fato de ter sido presa política e sofrido tortura durante o período histórico da Ditadura Militar, implantada no país entre os anos de 1964 a 1985. Rousseff ainda se tornou destaque por ser a primeira mulher brasileira a assumir a presidência no país, sendo afastada durante o seu 2º mandato político no processo de *impeachment*, em 2016, acontecimento histórico que a fez deixar a presidência e, que será caracterizado no decorrer deste capítulo.

Grande defensora da participação e do protagonismo das mulheres no poder e na política ficou conhecida em todo o mundo por se tornar a 34ª presidente do Brasil, sendo a primeira mulher brasileira a ganhar a governança por eleições diretas. Rousseff chegou a ser considerada, em 2012, pela Revista americana *Forbes*, publicação de grande prestígio mundial, como a 3ª mulher mais influente e poderosa do mundo. (DILMA..., 2012).

Figura 1- Revista *Forbes*



Fonte: (DILMA...,2012).

Conforme retratado acima, em agosto de 2012, Rousseff se tornou a personalidade destaque de capa da publicação. Em 2011, ainda chegou a receber o título de segunda líder mais popular entre os latino-americanos, em uma pesquisa realizada pelo Latinobarômetro, organização sediada em Santiago, no Chile. (CARMO, 2011).

As capas a seguir demonstram a repercussão da posse do primeiro mandato de Rousseff como chefe de estado e da sua reeleição em uma vitória apertada nas urnas. A partir dessas capas, é possível conferir como os meios de comunicação brasileiros foram construindo a imagem de Rousseff ao longo dos anos em seus mandatos.

Figura 2 - Capas de jornais do primeiro mandato de Dilma



Fonte: Elaborado pela autora e adaptado de (PRIMEIRAS ..., 2010).

Figura 3 - Reeleição nos jornais



Fonte: Elaborado pela autora e adaptado de (IMPRENSA..., 2014);(GUERRA, 2014).

Dilma Rousseff passou por momentos de estabilidade política e também por situações complicadas em seus mandatos, especialmente, durante os dois últimos anos dos quase cinco que esteve à frente da presidência do Brasil, no período de 2011 a 2016.

O primeiro deles, de 2011 a 2014, foi caracterizado por sua ascensão política. Com alto índice de aprovação popular, especialmente, no primeiro ano de governo, conforme constatei nas notícias publicadas, em 10 de março de 2013, no portal do jornal Estado de Minas (MG) e ainda no portal do Estadão (SP), em 23 de abril de 2014, apresentadas na figura 4ª seguir, em que Rousseff se destacou por desenvolver uma gestão baseada na continuação dos programas sociais desenvolvidos no governo Lula e pelo controle da economia:

Figura 4 - Aprovação do governo Dilma



Fonte: Elaborado pela autora e adaptado de (ERNESTO, 2013);(VILLEVERDE, 2014).

Mas, em 2013, sua governança sofreu uma série de turbulências administrativas e sociais, entre elas, manifestações populares ocasionadas e marcadas pela insatisfação quanto às medidas tomadas pelo seu governo nas áreas da saúde, infraestrutura e também na educação, alavancada pelo gasto de recursos públicos com a Copa do Mundo de 2014 e pela crise econômica e ministerial do seu governo. Segue abaixo, na Figura 5, manchetes de capas de jornais impressos nacionais, que circularam no dia 18 de junho de 2013, referentes às manifestações e protestos do povo nas ruas de algumas cidades brasileiras:

Figura 5 - Insatisfação popular



Fonte: Elaborado pela autora.

O início do seu segundo mandato, em 2015, começou com acusações de desvio do dinheiro público e escândalos como o da CPI da Petrobras e a deflagração da Operação Lava Jato da Polícia Federal (que será contextualizada ao final deste capítulo). Essas denúncias culminaram no processo de *impeachment*, iniciado em dezembro de 2015, com a abertura do processo pela Câmara dos Deputados e finalizado em menos de sete meses depois em 31 de

agosto de 2016. A sentença proferida pelo Senado Federal decretou o *impeachment* de Dilma Rousseff em definitivo e a proibiu de exercer a função de presidenta da república.

2.2 O processo de *impeachment*

A partir de 1º de setembro de 2016, o cenário político brasileiro não contava mais com Dilma Rousseff no poder. A ex-presidenta foi destituída do cargo ao passar por um processo de *impeachment*, que culminou no fim e impedimento do seu 2º mandato político. Michel Temer, até então vice-presidente do país, foi o nome indicado pelo Senado para assumir a presidência do Brasil.

O processo de intervenção de Rousseff começou ao final de 2015, quando em 2 de dezembro, o então político Eduardo Cunha, ex-presidente da Câmara dos Deputados, aceitou a denúncia contra Dilma por crime de responsabilidade fiscal, executada pelos juristas Hélio Bicudo, Janaína Paschoal e Miguel Reali Júnior. Assim iniciava a abertura do processo de *impeachment* na instância federal.

O ex-presidenta da Câmara dos Deputados estava amparado pelo art. 14 da Lei 1.079/1950 da Constituição Federal, que define os crimes de responsabilidade e regula o processo de julgamento de *impeachment*, certificando de acordo com o documento que “é permitido a qualquer cidadão denunciar o presidente da república ou ministro de Estado, por crime de responsabilidade, perante a Câmara dos Deputados.” (BRASIL, 1950).

Sendo assim, Rousseff foi acusada de desrespeito à lei orçamentária de improbidade administrativa, que ficou conhecida popularmente como “Pedaladas Fiscais”, caracterizada por Goés (2015) como “operações atípicas, não previstas na legislação, utilizadas para maquiagem o resultado das contas públicas”. Dilma também foi alvo de denúncia por envolvimento em atos de corrupção na empresa estatal Petrobras, objeto de investigação da Polícia Federal no âmbito da Operação Lava Jato.

Além disso, o governo de Rousseff ainda recebeu denúncia da Câmara Federal por atrasar o repasse de valores do Tesouro Nacional aos bancos credores (públicos e privados), o que obrigou as instituições financeiras a utilizarem de recursos próprios para quitar as dívidas de programas sociais. Esse fato acabou “maquiando” as contas públicas e violando as regras de estabilidade fiscal e de transparência, responsabilidade e controle dos gastos públicos. O processo pode ser caracterizado como um ato pelo qual se destitui, mediante decisão do Poder Legislativo, o ocupante de cargo governamental suspeito/acusado de

praticar atos graves (crimes de responsabilidade) contrários aos deveres funcionais, garantido pela Constituição Federal, através da Lei nº 1.079 de 10 de abril de 1950, que em seu art. 2º, institui a perda do mandato político, caso haja comprovação de crime, conforme rege a lei:

Fica definido que os crimes definidos nesta lei, ainda quando simplesmente tentados, são passíveis da pena de perda do cargo, com inabilitação, até cinco anos, para o exercício de qualquer função pública, imposta pelo Senado Federal nos processos contra o Presidente da República ou Ministros de Estado, contra os Ministros do Supremo Tribunal Federal ou contra o Procurador Geral da República. (BRASIL, 1950).

Diante da denúncia feita contra Dilma, a partir do recebimento do pedido da acusação, formou-se então uma comissão especial na Câmara dos Deputados com a intenção de aceitar a cassação do mandato da ex-presidenta. Durante meses aconteceram depoimentos dos autores do processo e também de Dilma Rousseff, considerada ré no processo, que apresentou a sua defesa por meio de seus advogados.

Após a denúncia, o relatório da comissão na Câmara dos Deputados foi favorável ao *impeachment* de Rousseff, com o parecer de 38 deputados favoráveis à aprovação do relatório de acusação e 27 que manifestaram contrários ao documento.

Simultaneamente a esse processo burocrático, a população brasileira mais uma vez foi às ruas se posicionando por meio de manifestações organizadas nas principais cidades do país, tanto a favor como contra o *impeachment*.

Em 17 de abril de 2016, o plenário da Câmara dos Deputados aprovou o relatório com 367 votos favoráveis, 137 contrários e 7 abstenções. Assim, o parecer da Câmara foi enviado ao Senado Federal, que também formou a sua comissão especial de admissibilidade, tendo o relatório aprovado por 15 votos favoráveis e 5 contrários. Em 12 de maio de 2016, o Senado foi favorável com 55 votos a 22 contrários à abertura do processo, afastando Dilma Rousseff, provisoriamente por 180 dias da presidência até que o processo fosse concluído em última instância no Senado Federal. A partir desse momento, o então vice-presidente Michel Temer assumiu a presidência da República como presidente interino. (IMPEACHMENT..., 2016).

O processo de *impeachment* tramitou durante três meses em instâncias federais, percorrendo na primeira delas no Congresso Nacional e posteriormente no Senado Federal, onde o processo resultou em uma votação em plenário, no dia 31 de agosto de 2016, com 61 votos favoráveis e 20 contra o afastamento da ex-presidenta. (IMPEACHMENT..., 2016).

Dilma Rousseff perdeu o processo e se tornou a terceira presidente da República a passar por *impeachment* no país. O primeiro político que passou pela indicação do processo

foi Getúlio Vargas, mas na ocasião a Câmara rejeitou a denúncia. Já Fernando Collor de Melo, em 1992, deixou o seu mandato sendo acusado e condenado por desvio de dinheiro público. No caso do político houve um processo de renúncia anterior ao julgamento, evitando, assim, que o processo de *impeachment* seguisse por todas as instâncias. (DILMA..., 2015).

O processo de acusação do *impeachment* constou aproximadamente em 27.400 páginas e cerca de 72 volumes de texto, conforme pronunciamento do presidente do Supremo Tribunal Federal, Ricardo Lewandowski, que presidiu o julgamento do pedido do processo, divulgado, em 31 de agosto de 2016. (RICARDO..., 2016).

2.2.1 Contextualizando a Operação Lava Jato

O Ministério Público Federal (MPF) é o órgão responsável pela investigação da operação denominada “Lava Jato”, caracterizada como “[...] processo de investigação que decorre do uso de uma rede de postos de combustíveis e lava a jato de automóveis para movimentar recursos ilícitos pertencentes a uma das organizações criminosas inicialmente investigadas”. (MINISTÉRIO..., [2018]).

Essa é considerada a maior investigação de corrupção e lavagem de dinheiro deflagrada no país, iniciada em março de 2014. “Estima-se que o volume de recursos desviados dos cofres da Petrobras, maior estatal do país, esteja na casa de bilhões de reais. Soma-se a isso a expressão econômica e política dos suspeitos de participar do esquema de corrupção que envolve a companhia.” (MINISTÉRIO..., [2018]).

Na Lava Jato já foram investigadas e processadas organizações criminosas lideradas por doleiros e um imenso esquema criminoso de corrupção envolvendo a Petrobras. As investigações do Ministério Público Federal afirmam que “no esquema que dura pelo menos dez anos, grandes empreiteiras organizadas em cartel pagavam propina para altos executivos da estatal e outros agentes públicos para ganhar a concorrência de processos de licitações públicas. O esquema envolvia além de funcionários da estatal anda também políticos de vários escalões do governo federal.” (MINISTÉRIO..., [2018]).

3 A MÍDIA COMO PRÁTICA DISCURSIVA

Diante do papel que os enunciados pesquisados assumem dentro de um discurso e, na intenção de entender as estratégias discursivas que os meios de comunicação empregam na produção das notícias, discuto, neste capítulo, um dos arcabouços teóricos que fundamentam esta investigação: a mídia como prática discursiva, de poder e produção de sentido dentro do processo do *impeachment* brasileiro. A minha intenção é mostrar em um primeiro momento, em que consiste o conceito de informação e de discurso, apontando, mais especificamente, de que forma os meios de comunicação no país atuam na sociedade por meio da persuasão do discurso, do poder e das suas ideologias.

A primeira abordagem será fundamentada em uma breve explanação sobre o conceito de informação sob a perspectiva de Charaudeau (2006) e de Lage (2005). A ótica do discurso será investigada por meio dos estudos de Orlandi (1999, 2001 e 2015) e de Pêcheux (1993, 1997, 2009 e 2010), este último percussor da AD Francesa, que ancora sua teoria na tríade: sujeito, língua e história. Recorrerei aos embasamentos teóricos pêchetianos que consideram as práticas discursivas como mecanismos para produção de sentidos e de materialização da ideologia do sujeito no discurso. Também farei uma relação entre discurso e poder no âmbito midiático sob as perspectivas de Van Dijk (2012), que aponta o papel, a interferência e até a persuasão dos grandes veículos de comunicação brasileiros sob os cidadãos.

Orlandi (1999, p. 15) explica que “na Análise do Discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história.” Com isso, todo dizer assume um posicionamento por parte de quem profere o discurso. Assim Pêcheux (2009, p. 147) assevera que “[...] os indivíduos são interpelados em sujeitos falantes (sujeito em seu discurso) pelas formações discursivas que representam na linguagem, nas formações ideológicas que lhes são correspondentes.”

3.1 A mídia como instrumento de informação e formação

A mídia tem a função de produzir e disseminar a informação no meio social, garantindo, dessa maneira, que ela esteja acessível a todos os cidadãos. É imprescindível ressaltar que a informação é considerada como um direito garantido por lei, desde 1988, através da Constituição Federal em seu artigo 5º e um fator essencial para o exercício pleno da cidadania.

De acordo com Souza e Jacintho (2016), “cumpre registrar que o direito à informação integra a classificação de direitos fundamentais de natureza positiva e que, portanto, exigem do sujeito obrigado – o Poder Público ou o particular – uma prestação alheia para sua efetiva fruição”. Logo cabe às organizações, sejam de cunho privado ou público entre elas a imprensa, prestar esse tipo de serviço aos brasileiros, primando pela circulação da informação construída sob os princípios da objetividade, imparcialidade e da veracidade.

Segundo Lage (2005), os meios de comunicação têm essa premissa como função elementar da sua atividade. Ele aponta que “a essência do jornalismo é a informação: o dever de informar e, principalmente, o direito que os cidadãos têm de ser informados.” (LAGE, 2005, p. 16). Mas Charaudeau (2006) alerta que apesar da mídia publicitar esta função como base do seu ofício, ela não é a democracia e, sim, um espetáculo dela:

As mídias não transmitem o que ocorre na realidade social, elas impõem o que constroem do espaço público. A informação é essencialmente uma questão de linguagem, e a linguagem não é transparente ao mundo, ela apresenta sua própria opacidade através da qual se constrói uma visão, um sentido particular de mundo. (CHARAUDEAU, 2006, p. 19, grifo do autor).

Ainda Charaudeau (2006, p. 39) reforça essa concepção ao afirmar que:

Comunicar, informar, tudo é escolha. Não somente escolha dos conteúdos a transmitir, não somente escolha das formas adequadas de estar em acordo com as normas do bem falar e ter clareza, mas escolhas dos efeitos de sentido para influenciar o outro.

A mídia, portanto, vai definir o que é notícia, como e de que maneira esta informação será divulgada em seus veículos. As estratégias enunciativas verbais e não-verbais serão pensadas de acordo com o posicionamento ideológico do meio de comunicação que está produzindo o enunciado.

Neste sentido, Medrado (1999) chama a atenção para o papel estratégico que os meios de comunicação assumiram na sociedade contemporânea, sobretudo, “no processo de construção e circulação de repertórios, tendo em vista, principalmente sua afluência de público e, conseqüente influência sobre o cotidiano das pessoas.” (MEDRADO, 1999, p. 196).

É importante ressaltar que as premissas e os estudos defendidos pelos teóricos citados na página anterior acima vêm exemplificar como os meios de comunicação marcam o seu papel na sociedade, legitimando por meio de estratégias discursivas o seu poder na sociedade.

3.2 Mídia, discurso e ideologia

Partindo do pressuposto que a função da mídia ultrapassa a de mera transmissora de informação e, que ela atua também como produtora de discursos, é que baseio nas concepções de Orlandi (1999), negando o esquema tradicional proposto pela teoria da comunicação, cuja a dinâmica de interação consiste e fica condicionada ao modelo tradicional de: emissor > mensagem > receptor, em que “o emissor transmite uma mensagem (informação) ao receptor, mensagem essa formulada em um código referindo a algum elemento da realidade - o referente [...]” (ORLANDI, 1999, p. 21). No processo de formação discursiva não existe uma sequência pré-determinada ou estabelecida, sendo caracterizada da seguinte forma:

Diremos que não se trata de transmissão de informação apenas, pois, no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão da informação. São processos de identificação do sujeito, de argumentação, de subjetivação, de construção da realidade, etc. (ORLANDI, 1999, p. 21).

Pêcheux (1993) defende que o discurso não deve ser estudado somente enquanto sua forma linguística, mas levando em consideração os processos semânticos e ainda a conjuntura histórico-social dos sujeitos envolvidos no processo de comunicação.

De acordo com o filósofo, o que deve ser considerado como relevante no âmbito da interação é o relacionamento entre o discursivo, ideológico e o linguístico. Na teoria pêchetiana, a interpelação dos sujeitos se dá por meio da linguagem e o discurso é constituído pela forma como o homem se posiciona na sociedade.

O teórico afirma que “é impossível analisar um discurso como um texto, isto é, como uma sequência linguística fechada sobre si mesma, sendo necessário referí-lo ao conjunto de discursos possíveis a partir de um estado definido das condições de produção.” (PÊCHEUX, 1993, p. 79). Assim é a posição social e histórica de um sujeito em uma determinada formação ideológica que vai determinar a sua forma de comunicar, enunciar e, produzir sentidos durante essas trocas comunicativas com o outro ou com o seu público.

O analista discorre ainda que o discurso deve ser construído por essas condições de produção e que a AD não se atém ao sentido do texto ou do discurso e, sim, aos modos de produção, tratando a linguagem como prática social e histórica. Pêcheux (2010 [1969], p. 81) faz a seguinte conjectura: “o termo discurso, que não se trata necessariamente de uma transmissão de informação entre A e B, mas, de modo mais geral, de um ‘efeito de sentidos’ entre os pontos de A e B.” Logo, nesse processo de comunicação haverá uma determinada situação de troca entre A e B ou B e A, de acordo com sua formação discursiva. Assim será determinado o processo de comunicação.

Ao trazer esse conceito do filósofo para a realidade pesquisada nesta dissertação, mostro na próxima seção em *Os donos da mídia no país*, por meio de uma pesquisa divulgada ao final de 2017, que grande parte dos jornais impressos brasileiros se apresentam no meio social como porta-vozes de determinado grupo em que está vinculado. Esse levantamento revela que os veículos acabam representando em seus discursos, interesses diversos diante do seu público, sejam eles: políticos, econômicos, sociais, ideológicos, entre outros, conforme o grupo midiático ou familiar ao qual pertence.

Isso faz lembrar o apontamento de Pêcheux (2009) ao considerar que não há neutralidade no discurso, que se constitui por meio do efeito de sentido entre os interlocutores. Portanto, o que a mídia enuncia não tem o mesmo efeito de sentido, conforme a relevância que os meios de comunicação ocupam na sociedade, estando o sujeito condicionado à formação discursiva e ideológica dos meios de comunicação e aos fatores que influenciam na produção de sentido e dão materialidade para a linguagem em determinada situação enunciativa. “É a ideologia que torna possível a relação palavra/coisa. Para isso têm-se as condições de base, que é a língua, e o processo, que é discursivo onde a ideologia torna possível a relação entre o pensamento, a linguagem e o mundo”, defende (ORLANDI, 1999, p. 95-96).

Van Dijk (2012) acrescenta ainda que o discurso não é analisado apenas como um objeto “verbal” autônomo, mas também como uma interação situada, como uma prática social ou como um tipo de comunicação numa situação social, cultural, histórica ou política. Assim é instaurado novos trajetos de sentidos e efeitos de verdade aos enunciados.

3. 3 O discurso midiático e seu funcionamento

Sodré (1999, p.72) considera que “os meios de comunicação [...] constituem o lugar primordial de construção da realidade ou de moldagem ideológica do mundo[...].” Nessa

perspectiva, o estudioso ressalta o poder que a mídia tem em selecionar e definir temas ou assuntos que devam ser discutidos e levantados “na” e “pela” sociedade.

Navarro Barbosa (2003, p. 115-116) é mais enfático ao afirmar: “o lugar por excelência da produção do acontecimento não é mais o discurso da história, mas sim o da mídia.” Nesse sentido, ele ressalta o papel que os meios de comunicação assumiram no meio social ao longo do tempo.

Conforme Gregolin (2007) este processo se dá por:

Esse efeito de “história ao vivo” é produzido pela instantaneidade da mídia, que interpela incessantemente o leitor através de textos verbais e não-verbais, compondo o movimento da história presente por meio da ressignificação de imagens e palavras enraizadas no passado. (GREGOLIN, 2007, p.16).

Enquanto Charaudeau (2006) lembra ainda que esses artifícios e os jogos de manipulação empregados pelos meios de comunicação nem sempre aparecem de maneira explícita para os leitores, mostrando-se aparentemente como um processo democrático e idôneo. “Nas mídias, os jogos de aparências se apresentam como informação objetiva, democracia, deliberação social, denúncia do mal e da mentira, explicação dos fatos e descoberta da verdade.” (CHARAUDEAU, 2006, p. 29).

Para o teórico, os meios de comunicação têm a pretensão de se enquadrar nas categorias de informação como um órgão digno de fé que está “acima de qualquer suspeita”.

Nesse sentido, Orlandi (2015) é categórica ao alertar em seus estudos que o jogo discursivo encenado pelos meios de comunicação pode ser ainda mais perverso ao se apresentar de forma silenciosa, sem se declarar por meio de palavras ou imagens, podendo assim, ser exposto no universo do silenciamento, em “que há um processo de produção de sentidos silenciados, que nos faz entender uma dimensão do não-dito.”

Segundo a analista, “aí entra toda a questão de (tomar) a palavra, (tirar) a palavra, obrigar a dizer, fazer calar, silenciar, etc [...]. O silêncio pode ser considerado tanto parte da retórica da dominação (a da opressão) como de sua contrapartida, a retórica do oprimido (a da resistência).” (ORLANDI, 2015, p. 29).

Charaudeau (2006) acredita no discurso da informação como uma atividade de linguagem em que os meios de comunicação se destacam e diferenciam pela maneira de divulgar e reportar os acontecimentos. Para o teórico, em um contrato de comunicação entre o emissor e o receptor da mensagem deve ser considerado, sobretudo, a lógica simbólica. De

acordo com ele, os meios de comunicação apresentam o acontecimento conforme a visão e o recorte de mundo do veículo.

Zanchetta (2004) assegura que o texto informativo é um produto que não reproduz ou espelha a realidade, sendo classificado pelo estudioso da seguinte forma:

Ainda que seus dispositivos aparentem objetividade e neutralidade, a notícia representa a realidade apenas de um determinado ponto de vista, o qual é fruto de uma série de negociações, conflitos, escolhas, limitações contextuais e técnicas. A palavra e a imagem materializam esse jogo dinâmico, assumindo significações simbólicas e não somente referenciais. (ZANCHETTA, 2004, p. 123).

Esse é o jogo de interesse da mídia. É o que Gregolin (2003) define como a construção da realidade pela mídia, que nas palavras dela “permite o leitor produzir formas simbólicas de representação da sua relação com a realidade concreta”. (GREGOLIN, 2003, p. 97).

Assim, colocando a questão em termos práticos, em um texto jornalístico, por exemplo, segundo a teoria de Pêcheux, a escolha por palavras e dos termos, expressões e das citações remete, nas notícias, ao contexto e à crença de quem fala. Lage (2005) aponta essa estratégia do enunciador no texto jornalístico, que vai muito além da linguagem:

O narrador [leia-se enunciador] pode interferir na escolha do verbo dicendi (disse, afirmou, declarou, etc.) na definição de circunstâncias para que o trecho citado, na seleção de trechos entre aspas, etc. Pode também suprir ou descrever convencionalmente o contexto da enunciação, ou, pelo contrário, explicitá-lo ou colocá-lo em primeiro plano - conforme suas intenções ou quantas inferências adicionais imagine possibilitar ao leitor. (LAGE, 2005, p. 15).

A constatação acima reforça que as escolhas verbais e não-verbais feitas pela mídia não são aleatórias. Os meios de comunicação parecem assumir um poder fundamental na construção de ideologias, ao colocar em funcionamento discursos que intencionam fazer valer determinado ponto de vista. Assim as notícias são construídas de acordo com o recorte engendrado pelos meios de comunicação. Para Porto (2012, p. 187), “o discurso é o responsável por transformar a informação em “normalização. A prática histórica, política, social e cultural, em resumo, a experiência é, ao mesmo tempo, transformada e normalizada em discurso.”

Por conseguinte, o discurso de informação é marcado e a mídia assume credibilidade por se apresentar e ser reconhecida também pelo cidadão como detentora da informação no

meio social. Muitas vezes, se utilizando até de estratégias persuasivas e de poder para conquistar a audiência do público, conforme discorro na seção a seguir. “O imperativo da captação obriga a recorrer à sedução, o que nem sempre atende à exigência de credibilidade que lhe cabe na função de “serviço ao cidadão”- sem mencionar que a informação, pelo fato de referir-se aos acontecimentos do espaço público e civil, nem sempre está isenta de posições ideológicas.” CHARAUDEAU, 2006, p. 59).

3.3.1 Discurso e poder: a mídia no centro da história

Discurso e poder são elementos que sempre se relacionaram na sociedade. No que se refere aos meios de comunicação, o cenário não é diferente. O acesso ao discurso geralmente é monitorado por aqueles que detêm o poder. Van Dijk (2012) assevera que o primeiro passo para se controlar o discurso é controlando os seus contextos:

Precisamos examinar em detalhe as maneiras como o acesso ao discurso está sendo regulado por aqueles que estão no poder, como é tipicamente o caso de uma das formas mais influentes de discurso público, qual seja, o da mídia de massa. (DIJK, 2012, p. 18).

Para Baczko (1984) uma das maneiras de exercer esse domínio é “por meio de um imaginário que se pode atingir as aspirações, os medos e as esperanças de um povo”. Essa asserção do sociólogo polonês retrata a dimensão da penetração da mídia no meio social através do seu papel incisivo e, muitas vezes, persuasivo e manipulador.

Van Dijk (2012) mais uma vez chama a atenção para o fato que os meios de comunicação assumem um espaço relevante tanto na aquisição de conhecimento como na formação de opinião dos indivíduos, produzindo e reproduzindo assim estruturas de poder na sociedade sob o controle “do” e “pelo” discurso. Segundo ele, essa ação pode ser identificada na prática, por exemplo, “por meio do uso seletivo de fontes de informação, rotinas jornalísticas consagradas e seleção de assuntos para as histórias, a mídia jornalística decide quais atores serão representados na arena pública, o que será dito a respeito deles e, em especial, como será dito.” (VAN DIJK, 2012, p. 73-74).

Barthes (1978) em “A Aula” é categórico ao defender que existe um elo poderoso entre o poder e a linguagem, em que os sujeitos dos discursos são considerados como agentes das práticas sociais e produtores de efeitos de sentido na sociedade. O teórico foi um dos

primeiros a problematizar essa questão e colocar em discussão a relação entre discurso e poder, fazendo inclusive, uma crítica ideológica à cultura de massa. Ele também é emblemático ao lembrar em um dos seus estudos que na língua, portanto, servidão e poder se confundem. “Se chamamos de liberdade não só a potência de subtrair-se ao poder, mas também e sobretudo a de não se submeter a ninguém, não pode então haver liberdade senão fora da linguagem.” (BARTHES, 1978, p. 15-16).

Van Dijk (2012) discute esse ponto de vista ao analisar as formas de abuso do poder, sustentando que o discurso e a comunicação desempenham um papel central na (trans)formação da ideologia. O estudioso reafirma que “nos meios de comunicação jornalísticos, essa estratégia do controle do conhecimento exerce-se por meio da seleção restritiva de assuntos e, mais geralmente, por meio de reconstruções específicas das realidades sociais e políticas.” (HALL ET ALL., 1980; TUCHMAN, 1978 apud VAN DIJK, 2012, p. 50). Conforme discorre o autor,

as empresas de comunicação de massa e seus (geralmente estrangeiros) proprietários controlam tanto as condições financeiras quanto as tecnológicas de produção do discurso, por exemplo, nos jornais, nas TVs, no mercado editorial, bem como nas indústrias de telecomunicações e informática (BECKER, HEDEBRO e PÁLDAN, 1986; MATTELART, 1979; SCHILLER, 1973 apud VAN DIJK 2012).

Assim, esse domínio dos meios de comunicação acaba sendo uma forma de garantir o cerceamento da sociedade. No que se refere essas instâncias de poderes, Gregolin (2007) ao resgatar as ideias de Foucault (1978), ressalta o legado deixado pelo teórico na obra *Microfísica do Poder*:

Os micropoderes promovem uma contínua luta pelo estabelecimento de verdades que sendo históricas são relativas, instáveis e estão em permanente configuração. Eles sintetizam e põem em circulação *as vontades de verdade* de parcelas da sociedade, em um determinado momento da história. (GREGOLIN, 2007, p.17, grifo da autora).

Segundo Van Dijk (2012) essa relação tênue entre discurso e poder na sociedade pode ser exercida de forma crucial pela mídia por meio da manipulação. “O abuso de poder, então, significa a violação das normas e valores fundamentais no interesse daqueles que têm o poder e contra o interesse dos outros.” (VAN DIJK, 2012, p. 29).

O teórico ainda identifica essa prática social discursiva como uma característica primordial dos grupos dominantes que servem à reprodução do seu poder.

Para o analista crítico do discurso:

Os manipuladores fazem os outros acreditarem ou fazerem coisas que são de interesse do manipulador, e contra os interesses dos manipulados [...]. Num sentido mais amplo e semiótico de manipulação, essa influência ilegítima pode ser exercida com imagens, fotos, filmes ou outras mídias. (VAN LEEUWEN, 2005 apud VAN DIJK, 2012).

3.4 Os donos da mídia no Brasil

Após discorrer nas seções acima a respeito do papel e do poder exercido pela mídia, apresento, nesta seção, quem são os “donos da mídia” no Brasil e de que forma os veículos de comunicação estão organizados no país.

O Brasil recebeu alerta vermelho, em 2017, no que se refere à democratização dos meios de comunicação. O poder e a influência dos veículos na sociedade brasileira, aliados à falta de pluralidade e à alta concentração nas mãos das famílias de empresários e políticos marcam a realidade do jornalismo brasileiro. O país aparece no último lugar se comparado a outros dez países do mundo no que se trata do quesito “Democratização da Mídia”, segundo o ranking de Risco à Pluralidade da Mídia. Este índice faz parte de um diagnóstico ainda mais abrangente divulgado na pesquisa do Monitoramento da Propriedade da Mídia (MOM), financiada pelo governo da Alemanha e realizada em conjunto pelas Organizações Não-Governamentais - Intervezes (brasileira) e Repórteres Sem Fronteiras (RSF) - que tem sua base na França⁴.

Os dados revelaram que o país apresenta risco "alto" em mais de seis itens dos 10 pesquisados, no que se refere à pluralidade dos veículos de comunicação em território brasileiro. Segundo os indicadores de riscos à Pluralidade da Mídia, retratados na imagem abaixo, os riscos são altos com relação à: Concentração de Audiência; Proteção Legal: concentração de propriedade (horizontal); Concentração de Propriedade Cruzada; Proteção

⁴ O levantamento foi elaborado pela Organização Não-Governamental (ONG) Repórteres Sem Fronteiras e divulgado na pesquisa do Monitoramento da Propriedade da Mídia (Media Ownership Monitor ou MOM) publicada em outubro de 2017.

legal: transparência no controle da mídia; Controle Político do Financiamento da Mídia e Controle Político de Agências de Notícias. No que se refere ao Risco Médio está a Proteção legal: propriedade cruzada. Quanto ao Risco Médio para Alto aparecem a Transparência na propriedade da mídia e o Controle Político sobre Veículos e Redes de Distribuição. Não existem dados com relação à concentração financeira de Mercado. Observem o dados a seguir:

Figura 6 - Riscos da concentração midiática



Fonte: (QUEM..., 2018).

Figura 7 - Monopólio da mídia no país



Fonte: (QUEM..., 2018).

A investigação teve como intuito responder a uma questão central e essencial no Brasil: *Quem controla a mídia no país?*. Segundo o relatório:

Uma imprensa livre, independente e diversa reflete a variedade de opiniões existentes em uma sociedade. A concentração no mercado de mídia impede a pluralidade e dá aos proprietários dos meios de comunicação uma influência desproporcional na formação da opinião pública. (QUEM... , 2018).

Durante quatro meses, foram avaliados 50 veículos de quatro segmentos midiáticos diferentes (TV, rádio, mídia impressa e digital), pertencentes a 26 grupos de comunicação. Conforme os dados, os meios de comunicação analisados fazem parte de grupos que possuem interesses políticos e/ou religiosos e econômicos (com negócios nos setores de educação, saúde, imobiliário, financeiro, de energia e agrário).

A pesquisa apresentou índices alarmantes no que se refere ao processo de democratização da mídia. Quanto ao risco e pluralismo midiático no país, os que mais chamam a atenção são a elevada concentração de audiência e a propriedade cruzada dos meios de comunicação, processo em que as empresas controlam diferentes tipos de mídia como televisão, impresso, rádio e digital, dominando a audiência em vários meios, criando, assim, grandes monopólios da comunicação no país.

Outro fator de destaque é o controle de famílias ou grupos à frente de um número expressivo dos meios de comunicação. De acordo com o estudo, cinco famílias brasileiras controlam metade dos 50 veículos de comunicação que atuam com maior audiência no Brasil. “Nosso sistema de mídia mostra alta concentração de audiência e de propriedade, alta concentração geográfica, falta de transparência, além de interferências econômicas, políticas e religiosas”, denuncia algumas das análises conclusivas do relatório. (QUEM ..., 2018).

Os dados do levantamento ainda mostram que o grupo com mais veículos no país é o “Grupo Globo”, que pertence à família Marinho e, detém nove dos 50 maiores veículos. Em 2º lugar está o “Grupo Bandeirantes” que possui cinco empresas; em 3º lugar se apresenta a família Macedo do grupo de Edir Macedo (considerando a Rede Record e os meios de comunicação pertencentes à Igreja Universal do Reino de Deus) com cinco empresas, seguido pela RBS com quatro empresas e três do Grupo Folha. Os grupos “Estado”, “Abril” e o “Editorial Sempre Editora/Sada”, esta última que tem entre as empresas o jornal “O Tempo” e “Super Notícias”, controlam, cada um, dois dos veículos de maior audiência. Os demais grupos possuem apenas uma das mídias pesquisadas.

É importante ressaltar que essa constatação vai contra os princípios da lei brasileira de acordo com a Constituição Federal de 1998, que rege em seu Art. 220, § 5º: “Os meios de comunicação não podem direta ou indiretamente ser objeto de monopólio ou oligopólio.” (BRASIL, 1988). Segundo o levantamento, “a ausência de um marco legal eficiente que combata a monopolização e promova a pluralidade de vozes na comunicação brasileira é uma lacuna que traz graves consequências à circulação de ideias, à diversidade e à democracia.” (QUEM..., 2018).

As imagens a seguir mostram os grupos (figuras 8, 9, 10 e 11) das famílias e de empresários (figura 12) que dominam o cenário midiático brasileiro e os seus arsenais de empresas na área da comunicação:

Figura 8 - Grupo Globo



Fonte: (QUEM..., 2018).

Figura 9 - Grupo Bandeirantes



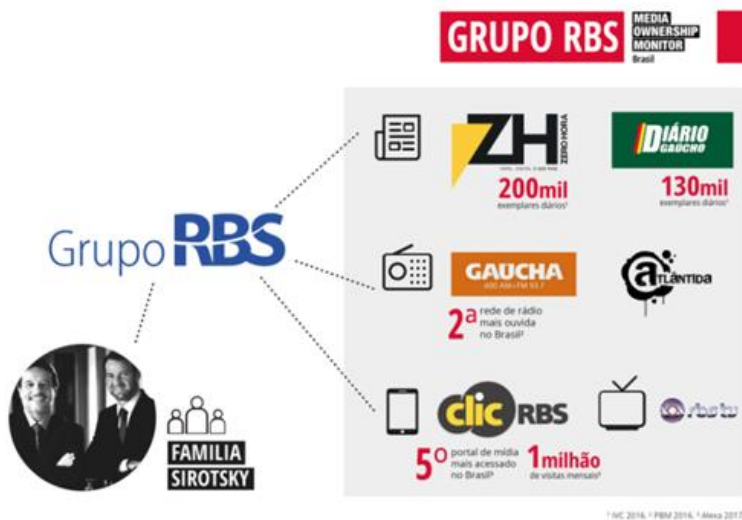
Fonte: (QUEM..., 2018).

Figura 10 - Grupo Record



Fonte: (QUEM ..., 2018).

Figura 11 - Grupo RBS



Fonte: (QUEM..., 2018).

Figura 12 - A Capitania Hereditária da mídia no país



Fonte: (QUEM ..., 2018).

Os dados apresentados neste capítulo corroboram para o fato que, a mídia brasileira é responsável não só por produzir e divulgar informações aos cidadãos como também por selecionar o que será notícia na sociedade, por decidir quais as fontes das informações, e, sobretudo, por fixar sentidos e ideologias, selecionando assim, o que deve ser discutido e abordado na pauta social do país. Através da pesquisa apresentada na seção acima, é possível constatar que os monopólios dos meios de comunicação são um risco iminente à democracia e à pluralidade da informação no Brasil, uma vez que não permitem dar a voz às fontes alternativas de comunicação, reduzindo a diversidade de expressão e de circulação do conhecimento. Vários estudiosos brasileiros já alertavam que a oligarquia da mídia está diretamente ligada a interesses econômicos e políticos, interferindo diretamente na liberdade de expressão e de imprensa do país, processo considerado como um dos poucos no mundo que ainda permite a um mesmo grupo de comunicação deter várias mídias.

4 CAPA DE JORNAL: DO ENUNCIADO À ENUNCIACÃO

Não há como analisar um *corpus* de um acontecimento histórico sem antes compreender o funcionamento da linguagem e do gênero discursivo de um texto. Neste capítulo discorrerei sobre o gênero “Capa de Jornal” e enunciado, apresentando as definições relacionadas à linguagem sob a perspectiva dos estudos de Bakhtin (2003), filósofo e teórico da AD. Também aponto a concepção de gêneros discursivos para a interação humana sob a visão deste teórico russo, situando o gênero “Capa de Jornal”, e apresentando ainda como é empregada a hibridização de gêneros no discurso jornalístico, através de recursos como a *cenografia*, sob os estudos de Maingueneau (1997).

Charaudeau (2006) adverte que se tem um fenômeno que dependa da linguagem é o da informação, com a qual trabalharei no decorrer de toda esta minha investigação:

A linguagem não se refere somente aos sistemas de signos internos a uma língua, mas a sistemas de valores que comandam o uso desses signos de comunicação particulares. Trata-se da linguagem enquanto ato de discurso, que aponta para a maneira pela qual se organiza a circulação da fala numa comunidade social ao produzir sentido. (CHARAUDEAU, 2006, p. 33-34).

Bakhtin propôs e defendeu essa ampliação do conceito de linguagem para além da divisão entre língua e fala, premissa defendida por Saussure (1916). O filósofo russo contestou uma das teorias mais relevantes desse teórico ao considerar a linguagem como um sistema fechado de regras. A interação é uma questão central em Bakhtin, porque sua percepção de linguagem tem como princípio básico o dialogismo⁵. Dessa forma, inseridos em um processo de comunicação o “eu e o outro” são sujeitos atuantes no diálogo, em que são levados em consideração os processos históricos, sociais e políticos.

Essa foi uma conquista importante no campo da evolução dos estudos linguísticos e um dos aspectos que interessa nessa pesquisa. Durante algum tempo, a língua era considerada pelos estruturalistas como um sistema estável, sincrônico e homogêneo. Dessa forma, para efeito de análise deveriam ser apreciadas apenas a estrutura sintática e gramatical das palavras ou sentenças.

Diante dessa limitação, Bakhtin anunciava que o foco da investigação da linguística deixaria de ficar condicionado à frase passando à observação do texto em sua apresentação

⁵ Bakhtin é o grande percussor do dialogismo, termo utilizado para caracterizar a influência de um enunciado sob outros enunciados. O filósofo assegura que um texto nunca está isolado de outro, sofrendo interferência direta do mesmo.

mais geral, envolvendo o contexto histórico-social. A transição seria dos aspectos puramente formais da linguagem para os aspectos enunciativos discursivos, em que o sujeito atuaria como autor do processo de interação.

O filósofo deu um passo relevante na história dos estudos linguísticos se comparado a Saussure, uma vez que “afasta-se do mestre genebrino ao ver a língua como algo concreto, fruto da manifestação individual de cada falante, valorizando dessa forma a fala”. (BRANDÃO, 2012, p. 7).

Ao defender essa diferenciação, Bakhtin afirmava que todos os campos da atividade humana estivessem ligados ao uso da linguagem ao estabelecer que:

O emprego da língua efetua-se por meio de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo de linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional. (BAKHTIN, 2003, p. 261).

Diante desses preceitos, o teórico russo se diferenciava dos seus antecessores, que consideravam o enunciado como um ato individual e como um código a ser decifrado. A partir de então, Bakhtin coloca o enunciado como objeto de estudos da linguagem. Assim, nas análises das atividades comunicativas predominava-se o olhar sobre o texto em relação à frase ou à oração, levando em consideração tanto o contexto verbal como o extra-verbal. Para Bakhtin (2003, p. 262, grifo do autor), “evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis de enunciados*, os quais denominamos *gêneros do discurso*”. Nesse processo passam a ser considerados não só o tipo de enunciado, mas também, o contexto discursivo em que ele foi criado: a intenção do autor, a troca de informação (dialogismo/interação) e o interlocutor (para quem se fala).

4. 1 Cenas Enunciativas do gênero do discurso “Capa de Jornal”

Na visão bakhtiniana, os enunciados não devem ser analisados como uma mera descrição dos gêneros do discurso, mas levando em consideração a linguagem verbal e não-verbal e a sua função através do uso formal da língua. “Achamos que qualquer corrente especial de estudo faz-se necessária uma noção precisa da natureza do enunciado em geral e

das particularidades dos diversos tipos de enunciados (primários e secundários), isto é, dos diversos gêneros do discurso.” (BAKHTIN, 2003, p. 264).

Para o filósofo, os primeiros se caracterizam por fazer referência aos gêneros primários como um diálogo, por exemplo, e o segundo aos gêneros mais complexos que envolvem diversos tipos de enunciado, predominantemente o escrito, entre eles o jornalístico, chegando a envolver até outros tipos de gênero primários que se formaram na comunicação discursiva. Esse último é o foco desta dissertação.

Bakhtin (2003, p. 266) chama a atenção para o fato de que “em cada campo existem e são empregados gêneros que correspondem às condições específicas de dado campo; é a esses gêneros que correspondem determinados estilos”. As capas de jornais são um tipo de gênero discursivo com uma combinação de enunciados, que possuem um formato próprio, com a intenção de atrair a atenção do leitor. No que se refere à capa, Charaudeau (2006) ressalta que:

A instância midiática deve ter um cuidado particular com a maneira de anunciar e apresentar as notícias. Isso é feito através da paginação (primeira página, fotos, desenhos, gráficos, tabelas, tipos de colunas, molduras etc.) e da titulação (títulos, pré-títulos, subtítulos, leads). Tais elementos constituem formas textuais em si e têm uma tripla função: fática, de tomada de contato com o leitor, epifânica, de anúncio da notícia, e sinóptica, de orientação ao percurso visual do leitor no espaço informativo do jornal. (CHARAUDEAU, 2006, p. 233).

De acordo com Ferreira Júnior (2003) é na capa que consta a “expressão imagética que primeiro impacta o leitor”. Scalzo (2006, p. 62) aponta que elas são o “resumo irresistível de cada edição, uma espécie de vitrine para o deleite e a sedução do leitor”. Enquanto o historiador Nicolau Sevcenko defende que o ideal de uma primeira página é ser vibrante e inesquecível. “Há fatos que nos ficam registrados na memória justamente em função do choque produzido por uma primeira página impactante e bem-sucedida, certifica.” (FOLHA DE SÃO PAULO, 2006, p. 9).

A capa de jornal é formada por elementos como manchete, subtítulo, chamadas de capa, fotografias, charges, legendas da foto, entre outros que fazem parte e compõem o gênero. Apresento a seguir cada um deles presentes no estilo do gênero discursivo, que permitem que os leitores identifiquem os enunciados:

Figura 13 - Elementos do gênero “Capa de Jornal”



Fonte: Elaborado pela autora com base nos conceitos de Discini (2005).

4.2 Gêneros discursivos em outros gêneros: abordagem das cenas de enunciação

Bakhtin (2003) considera os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos, como correias de transmissão entre a história da sociedade e a da linguagem. “Nenhum fenômeno novo (fonético, léxico, gramatical) pode integrar o sistema da língua sem ter percorrido um complexo e longo caminho de experimentação e elaboração dos gêneros e estilos.” (BAKHTIN, 2003, p. 268).

Mainueneau (1997), teórico importante da vertente da Análise do Discurso Francesa, empregou como base as concepções do filósofo russo sobre gêneros para defender os seus princípios no que se refere à enunciação. Ele destaca que “um sujeito ao enunciar presume uma espécie de “ritual social da linguagem”, implícito partilhado pelos seus interlocutores.” (MAINGUENEAU, 1997, p. 30).

Assim, o teórico defende por meio dessa premissa que tanto o locutor como o destinatário, envolvidos em uma situação de comunicação, assumem papéis para si, estando condicionados a uma *encenação* ou *cenografia*. Conforme o teórico, esse fenômeno linguageiro funcionaria como uma espécie de quadro cênico, em que a cena de enunciação é dividida em três cenas distintas: cena englobante (o tipo de discurso), cena genérica (gênero do discurso) e a cenografia (modo como este discurso se apresenta). Para Mainueneau (2006, p. 250, grifo do autor), “um texto é na verdade o rastro de um discurso em que a fala é *encenada*.”

O emprego da cenografia seria uma estratégia de argumentação e envolvimento do leitor nos textos jornalísticos, em que são levadas em consideração as estratégias linguístico-discursivas presentes no enunciado e a forma como o enunciador utiliza o texto para se comunicar com o seu interlocutor, considerando também a linguagem verbal e não-verbal.

Dessa forma, para melhor compreender a cenografia, apresento uma das capas que fazem parte do material exploratório da minha investigação. Observem, a seguir, na capa do jornal EXTRA (RJ), publicada em 12 de maio de 2016⁶, de que forma as cenas de enunciação são empregadas como mecanismos que a mídia coloca em funcionamento, enquanto parte das condições de produção de sentido como, neste caso, a ironia disfarçada de humor, a proximidade com o leitor por meio de uma linguagem verbal e não-verbal familiar e de fazer valer determinado ponto de vista:

Figura 14 - Cenas de enunciação na capa do jornal

Cenografia: Uso da tela do aplicativo WhatsApp (chat) para informar aos leitores a notícia de afastamento de Dilma Rousseff do poder.

Cena englobante: Discurso jornalístico.

Cena Genérica: Notícia de afastamento de Dilma Rousseff do poder pelo processo de *impeachment*.



O discurso se atualiza em um texto cuja naturalidade é constituída de elementos verbais e não-verbais.

Fonte: Elaborado pela autora.

Ressalto que o veículo se apropriou do gênero “chat de WhatsApp” para enunciar o afastamento da ex-presidenta Dilma Rousseff do poder no processo de *impeachment*. O EXTRA publicou uma notícia em forma de conversa de WhatsApp em um grupo intitulado “Patotas de Brasília”, fazendo uso dessa cenografia como estratégia de divulgação da informação e de envolvimento do leitor. Nessa situação de comunicação, tem-se a presença da cena englobante (discurso jornalístico) e da cena genérica (notícia), colocada em um segundo plano em detrimento da divulgação da informação por meio de uma conversa de aplicativo

⁶ O estudo verbal e não-verbal detalhado dessa capa está disponível no 7º capítulo desta dissertação, na Análise do *Corpus*, na categoria *Ironia*, a partir da página 112.

(cenografia). Através da publicação de um diálogo no grupo, “Patotas de Brasília”, o veículo aborda o acontecimento jornalístico por meio de conversas entre personagens da história política do Brasil, envolvidos no processo de *impeachment* e, que comunicam entre si transmitindo ao leitor de forma direta e lúdica, por meio da linguagem verbal e não-verbal, o afastamento de Dilma Rousseff do poder.

A cenografia ganhou força e assumiu o gênero discursivo predominante nesse enunciado. As cenografias se apoiam em cenas validadas na memória dos interlocutores, ou seja, o jornal se utilizou de um instrumento de comunicação muito popular entre os brasileiros, que é o recurso do chat, para transmitir ao seu público alvo a notícia, que neste caso foi colocada em um segundo plano.

Maingueneau (1997, p. 35) é enfático ao afirmar que “um mesmo texto encontra-se geralmente na interseção de múltiplos gêneros”. Para o teórico, a AD, quando analisa um *corpus*, deve levar em consideração o gênero ao qual pertence. “Um enunciado ‘livre’ de qualquer coerção é utópico”, avalia (MAINGUENEAU, 1997, p. 38).

Bakhtin (2003, p. 268) chama a atenção que ao mudar de gênero, o estilo também sofre alteração. “A passagem de um estilo para outro não só modifica o som do estilo nas condições de gênero que não lhe é próprio como destrói ou renova tal gênero”. É possível perceber esse fenômeno no exemplo do jornal EXTRA (RJ), em que o estilo predominante no enunciado foi do gênero chat, apresentando todas as características próprias dele: linguagem direta (diálogo curto) e presença marcante da linguagem não-verbal (imagens, *emoticons*⁷, cores, letras em caixa alta, etc). “Todo enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva. É a posição ativa do falante nesse ou naquele campo do objeto e do sentido. A escolha dos meios linguísticos e do gênero do discurso é determinada, antes de tudo, pelas tarefas (pela ideia) do sujeito do discurso (ou autor) centrado no objeto e no sentido.” (BAKHTIN, 2003, p. 289).

⁷ O conceito de emoticon foi trabalhado no capítulo de “Introdução” dessa dissertação na nota de rodapé da página 32.

5 UM OLHAR NÃO-VERBAL SOBRE O DISCURSO

Neste capítulo trato da relevância da linguagem não-verbal nos enunciados dos jornais impressos. Objetivo discutir como a inserção de elementos visuais e estéticos direcionam a leitura e a percepção dos leitores e flagram o posicionamento ideológico dos veículos midiáticos.

A minha intenção é discorrer sobre a maneira como imagem, por meio da fotografia, aparece como aliada poderosa dos meios de comunicação e contribui para a construção de sentidos dos enunciados. Para tanto, serão levados em consideração os conceitos já estudados nos capítulos precedentes, no que se refere aos aspectos da linguagem verbal na perspectiva da AD, ampliando a análise teórica com base em estudos da área da Semiótica e da Semiologia aplicada aos textos jornalísticos, investigando o modo como os elementos não-verbais dentre eles as imagens, cores, traços, texturas, etc, são instrumentos empregados pela mídia nos processos de representações de estereótipos e na construção de conhecimentos.

Destaco que essa abordagem oferece uma possibilidade de compreender a linguagem não-verbal associada ao texto verbal, ao contrário de muitas pesquisas que se debruçam sobre o texto jornalístico, restringindo sua investigação somente aos textos verbais.

Orlandi (2011) chama a atenção para a relevância do analista do discurso estudar a função dos elementos não-verbais presentes nos enunciados, ao considerar que:

São materiais de reflexão para todo o analista do discurso: os escritos, as imagens, os ditos, as novas tecnologias, fotos, o silêncio e muitos outros, cada qual com suas especificidades, seus dispositivos analíticos e sua contribuição experimental na área do não-verbal para os processos de significação. (ORLANDI, 2011, p. 19).

A intenção desta pesquisa, portanto, também é pensar a linguagem verbal associada à não-verbal para além do seu papel representativo, buscando os aspectos da sua significação e também da percepção cultural e histórica que ela ativa nos leitores do texto.

Como já anunciado, recorrerei aos trabalhos semióticos de Joly (2007), pesquisadora e autora de diversos livros de análises da imagem, que propõe uma leitura mais abrangente desse signo, investigando-o analiticamente, não somente enquanto um elemento de expressão e comunicação, como também seu papel e funções no meio midiático. Essa semioticista francesa aborda a imagem, sua associação com os signos plásticos⁸ (cores, formas, textura,

⁸ Conforme Joly (2007, p. 87), os signos plásticos são considerados como suportes da imagem.

entre outros) e linguísticos em seus processos constitutivos. “Abordar ou estudar certos fenômenos sob seu aspecto semiótico é considerar o seu *modo de produção de sentido*, por outras palavras, a maneira como elas suscitam significados, ou seja, interpretações.” (JOLY, 2007, p. 30, grifo da autora).

Charaudeau (2005) enfatiza que todo o discurso trabalha com a construção de sentidos. “Todo o sujeito que produz um ato de linguagem visa atingir seu parceiro, seja para fazê-lo agir, seja para afetá-lo emocionalmente, seja para orientar seu pensamento.” (CHARAUDEAU, 2005, p.15).

Afirmo, por conseguinte, que a pretensão desta investigação é mais abrangente, objetivando flagrar e abarcar os processos de significação das imagens nos textos em análise, tendo como foco o dito, o não-dito ou silenciado. Para tanto, pretendo me valer das contribuições da teoria semiológica de Barthes (1961), no que se refere aos fundamentos de análise estrutural da imagem, discutindo mais especificamente a função e o papel que a fotografia assume como uma representação não-verbal no universo da comunicação, ao considerar a imagem como signa e produtora de significados.

A minha proposta, desse modo, é investigar o produto da mídia para além dos aspectos linguísticos, presentes no texto/discurso, tendo como base de observação a apresentação da informação enquanto representação, sobretudo da imagem de Dilma Rousseff durante o período de *impeachment*, por meio mais especificamente da fotografia nos enunciados dos jornais impressos selecionados como *corpus* para esta pesquisa. Muitos estudiosos entendem que esse ato de dispor as notícias pelo viés da apresentação dos elementos gráficos também é uma forma de produzir discurso, seja por meio das transformações das técnicas, da cultura do espetáculo e do audiovisual, visibilidades e (in)visibilidades e, conseqüentemente, das maneiras de ver o mundo e de pensar os acontecimentos.

Moura (2012, p. 325) reforça essa ideia ao afirmar que “a página de um jornal impresso com todos os seus elementos e conjunto de cadernos é que organizam o conteúdo das notícias, reportagens, artigos, etc, definindo de antemão para o leitor o que é informação.” Segundo ela, o jornal é como “uma variada vitrine (de parte) da realidade reconstruída pelo relato jornalístico”, justamente por oferecer aos leitores um grande volume de discursos verbais e não-verbais relacionados à assuntos diversos.

Conforme os pesquisadores Bauer e Gaskell,

o mundo em que vivemos é crescentemente influenciado pelos meios de comunicação, cujos resultados, muitas vezes dependem de elementos visuais. Conseqüentemente o ‘visual’ e a ‘mídia’ desempenham papéis importantes na vida social, política e econômica. Eles se tornaram “fatos sociais”, no sentido de Durkheim. Eles não podem ser ignorados. (BAUER; GASKELL, 2015, p. 138).

Diante da relevância de estudar essa produção de sentidos entre o verbal e o não-verbal é que corroboro os estudos de Gomes (2008) sobre a necessidade de se investigar, especificamente, nos jornais impressos “a visualidade presente tanto nos textos escritos (nas descrições pormenorizadas, no detalhamento concreto das informações) quanto nos textos visuais (desenhos, charges, fotografias, etc.).” (GOMES, 2008, p. 31).

No caso desta pesquisa, são tomadas como *corpus*, imagens publicadas nas 16 capas dos jornais impressos selecionados, divulgados em 12 de maio e 1º de setembro de 2016.

5.1 O uso de elementos não-verbais no jornalismo

Há mais de três décadas, o jornalismo brasileiro passou a combinar o texto verbal com o não-verbal nos veículos impressos. Foi na década de 1990, com a expansão da internet e a perda de poder dos impressos, tanto para a televisão como para o meio digital, que os principais jornais de circulação no Brasil se depararam de fato com o novo desafio de apostar na parte visual e gráfica dos veículos, aplicando ainda mais o design à notícia. Teixeira (2010) descreve o processo iniciado pelo jornal americano USA Today, fundado em setembro de 1982:

Com uma aposta editorial que o diferenciava, calcada no uso sistemático de textos curtos, e, sobretudo, em formas inovadoras de uso de cores, de produção/concepção de mapas (como os seus hoje clássicos mapas do tempo), de gráficos, de infográficos e outros tantos recursos similares. (GEORGE-PALILONIS, 2006, p. 5 apud TEIXEIRA, 2010).

Ainda segundo a pesquisadora, estudos de EyeTrac©, conduzido por Garcia e Stark (1991, p. 21), “comprovaram cientificamente mitos por trás da concepção clássica do design de jornais e no modo como os editores e outros profissionais envolvidos no processo de produção jornalística compreendiam a relação do leitor com o produto, visualmente falando.”

Entre as descobertas foi levantado:

O fato de fotos grandes (três colunas ou mais) e elementos gráficos/arte chamarem mais a atenção do leitor do que as notícias e reportagens – mesmo quando impressos em preto e branco – sendo, geralmente, o ponto de entrada nestas páginas. Além disso, os elementos visuais determinam o caminho de leitura adotado pelo público. (TEIXEIRA, 2010, p. 21-22).

Pode-se entender que, desde então, o jornalismo impresso se apropriou dos recursos não-verbais para se manter no mercado editorial. As formas, as tipografias, as cores, as fotografias, as imagens, os símbolos, os ícones, enfim, a parte estética, entre outras, passaram a ter tanta relevância quanto o conteúdo, conforme atesta Freire (2009, p. 302) ao dizer que “vê-se o design de notícias se firmarem como um dos principais elementos da enunciação jornalística.” Consequentemente, as manchetes, as chamadas e as imagens passaram a ser articuladas e a assumirem mais expressividade no texto, participando, assim, da construção de sentidos através das matérias compostas pela apropriação do visual nos jornais.

Joly (2007) revela que esses artifícios utilizados pelo jornalismo passaram a dar mais destaque à informação, pois

a escolha gráfica possui também a sua importância enquanto escolha plástica. As palavras têm, sem dúvida, uma significação imediatamente compreensível, mas esta significação é colorida, pintada ou orientada antes mesmo de ser percebida pelo aspecto plástico do grafismo (a orientação, a forma, a cor, a textura), do mesmo modo que as opções plásticas contribuem para a significação da imagem visual. (JOLY, 2007, p. 129).

Destacam-se nesse cenário, especialmente, os veículos impressos mais populares, que priorizam a linguagem não-verbal nos seus periódicos, incorporando outras semioses em seus textos, além da verbal, com a intenção não só de atrair como também de cativar o seu público de leitores. Nesse sentido, Barthes (2009, p.12) atesta que a estrutura da fotografia, por exemplo, passou a se comunicar “com uma outra estrutura, que é o texto (título, legenda ou artigo) que acompanha toda a fotografia de imprensa.”

Gomes (2008) acrescenta que

é crescente a escolha de textos não-verbais para integrarem a veiculação de conteúdos em livros e jornais que são, tradicionalmente, suportes da linguagem verbal escrita, como procedimentos argumentativos e apelativos. Ampliou-se a quantidade de fotografias nos jornais diários e algumas delas, já há algum tempo, são coloridas. (GOMES, 2008, p. 27).

Nesta perspectiva, Sousa (2002) lembra a importância que a imagem, por meio do fotojornalismo, assumiu dentro das matérias jornalísticas:

A fotografia jornalística mostra, revela, expõe, denuncia, opina. Dá informação e ajuda a credibilizar a informação textual. Pode ser usada em vários suportes, desde os jornais e revistas, às exposições e aos boletins de empresa. O domínio das linguagens, técnicas e equipamentos fotojornalísticos é, assim, uma mais-valia para qualquer profissional da comunicação. (SOUSA, 2002, p. 5).

5.2 A Semiótica e Semiologia dos Signos: a representação da imagem

Mediante o papel que a linguagem não-verbal vem assumindo há quase 30 anos na enunciação jornalística, discuto aqui os elementos não-verbais fixos, ou seja, as imagens e fotografias presentes no texto impresso representadas enquanto signos, tendo como subsídio o estudo semiótico, resgatando os conceitos da tríade: signo/objeto/interpretante, proposto por Peirce (2000), que define o signo da seguinte forma:

Um signo, ou representâmen, é aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém. Dirigi-se a alguém, isto é, cria na mente dessa pessoa, um signo equivalente, ou talvez um signo mais desenvolvido. Ao signo assim criado denomino interpretante do primeiro signo. (PEIRCE, 2000, p. 46).

Assim, o americano estabelece que todos os elementos podem ser caracterizados como signos, uma vez que eles representam algum objeto. Santaella (2005) explica que esta categoria funciona sob o aspecto de uma lógica triádica de produção de significados, apresentando três teorias de relações: a significação – relação do signo consigo mesmo (determinando seu fundamento); a objetivação – relação do fundamento com o objeto; e a interpretação – relação do fundamento com o interpretante.

Em termos práticos, entende-se que em um jornal o objeto é aquele ao qual o signo se refere (referente). Já o signo pode ser entendido como os elementos verbais ou não-verbais presentes na capa (imagens, signos plásticos, etc, que estão localizados dentro dos enunciados do jornal) e o representante é a leitura subjetiva da informação pelo leitor, ou seja, a interpretação desses elementos presentes nas capas dos jornais (relação estabelecida entre linguagem verbal e não-verbal), ou seja, entre o texto e imagem.

Joly (2007) ressalta que Peirce ainda propõe distinguir três grandes tipos de signos: o *ícone*, o *índice* e o *símbolo*, que podem ser classificados da seguinte forma:

O ícone corresponde à classe de signos cujo significante mantém uma relação de analogia com aquilo que ele representa, ou seja, com o seu referente. Um desenho figurativo, uma fotografia, uma imagem de síntese (...). O índice corresponde à classe dos signos que mantém uma relação casual de contiguidade física com aquilo que eles representam. É o caso dos ditos naturais como palidez para a fadiga, o fumo para o fogo, a nuvem para a chuva (...). Por fim o símbolo corresponde à classe de signos, que mantém com seu referente uma relação de convenção. Os símbolos clássicos, tais como as bandeiras para os países ou a pomba para a paz. (JOLY, 2007, p. 38-39).

Levando em consideração a imagem, por exemplo, no universo dos signos, Boni (2000) acredita que um leitor perspicaz faz essa conexão, em que elementos de significação são “atributos que, atrelados de alguma forma ao significante, auxiliam ou mesmo o induzem a se aproximar do significado pretendido por quem produz a imagem.” (BONI, 2000, p. 24). Barthes (2009, p. 23), ressalta, por exemplo, que “a leitura da fotografia depende do ‘saber’ do leitor.” Retifico que essa produção de sentidos e significados não depende somente da interpretação de quem consome a informação, como também da mídia que produz significados aos textos. Joly (2007, p. 13) lembra que “é na superfície dos textos que podem ser encontradas as pistas ou marcas deixadas pelos processos sociais de produção de sentidos que o analista vai interpretar.”

5.2.1 Os pressupostos semiológicos de Barthes e os processos de significação da fotografia

Roland Barthes, teórico francês, foi um semiólogo pioneiro ao propor mudança na investigação dos preceitos da imagem, defendendo uma análise estruturalista desse signo, mais precisamente da fotografia. Primeiro, em peças publicitárias e, posteriormente, no jornalismo. De acordo com vários estudiosos da Semiologia, o cientista manifestou interesse em estudar o que não era revelado pelo olhar fotográfico, ou seja, a parte estrutural e do sentido, por meio da retórica das imagens. Em outras palavras, o seu grande esforço consistia em compreender o signo e seus significados, por meio do seu olhar crítico, estabelecendo, assim, uma análise entre signo, objeto e interpretação, levando em conta os processos de comunicação.

Segundo seus preceitos teóricos qualquer sistema semiológico cruza com a linguagem. Assim, ele defende a retórica da imagem como algo semelhante à retórica verbal, ao oferecer o sentido também de persuasão ao texto. Nas suas observações empíricas, Barthes (1961)

partia da análise da imagem por meio de um revezamento da observação do texto se relacionado a uma imagem e a retórica fotográfica. Portanto, de acordo com seus pressupostos não há como separar o verbal do não-verbal. Por isso, suas pesquisas consistiam em observar o papel implícito e explícito das imagens, ou seja, o sentido denotado e conotado, respectivamente, das fotografias. Dessa forma, o signo passou a ser tomado a partir de sua realidade linguística e translinguística, sendo, portanto, inseparáveis em suas faces social e histórica.

Conforme os estudos barthesianos, a mensagem se divide em três vieses. O primeiro deles seria o sentido verbal ou linguístico, que é formada pelo texto verbal, sendo considerada como âncora do significado da imagem, como por exemplo, as legendas que compõem e dão sentido às fotografias dentro das notícias. Em 2º lugar entraria a mensagem denotativa, em que o leitor pode observar a fotografia com os seus elementos de cena, que os constituem no momento em que foi fotografada. Já em 3º lugar, entra a mensagem conotativa ou simbólica, que seria aquela que propõe uma observação mais profunda desse objeto e apresenta os valores históricos associados aos elementos de cena. Joly (2007) explica que essa é a faculdade de provocar uma significação segunda a partir de uma primeira observação à imagem. Para Barthes,

uma imagem quer sempre dizer uma outra coisa para lá daquilo que ela representa em primeiro grau, isto é no nível da denotação (...). (...) pode então dizer-se, na nossa opinião, que todas as formas de expressão e de comunicação são conotativas e que todas a dinâmica do signo de que falamos no início desta obra, assenta precisamente nestes perpétuos deslizes de sentido. (BARTHES, 1964, apud JOLY, 2007, p. 96).

Portanto, a semiótica reforça que é preciso que o leitor esteja atento aos enunciados e questione o que está posto neles, especialmente, à linguagem não-verbal escolhida para fazer parte do discurso os veículos de comunicação.

Já a mensagem denotada, que apresenta o sentido real dos objetos de cena, se caracteriza como o que os olhos dos leitores percebem enquanto cenário, os gestos, os enquadramentos, a iluminação, a composição do ambiente, o vestuário dos envolvidos em cena, etc.

Ressalto que entre estes processos entram seis recursos empregados para gerar sentidos literais à fotografia, sendo eles: *Sintaxe, Trucação, Pose, Fotogenia, Esteticismo e Objetos na cena*, conforme descrevo no quadro abaixo, que são os artifícios usualmente utilizados pela mídia nas imagens, especialmente no fotojornalismo. Neste sentido, consiste

na dinâmica como a imagem (a fotografia ou foto-ilustração) aparece atrelada ao texto jornalístico, segundo as informações a seguir:

Quadro 1 - Construção de sentidos da fotografia por Barthes (1961)

Sintaxe	Processo em que os editores publicam nos textos conjuntos de fotografias, que podem formar seqüências ou podem estar justapostos ou contínuos (variantes da sintaxe) oferecendo dessa forma um roteiro e um sentido à imagem.
Trucagem	Consiste na introdução, modificação ou supressão de elementos na fotografia. Geralmente os jornais utilizam desse recurso sem avisar ao leitor sobre a origem da imagem, infligindo assim um princípio ético do jornalismo.
Pose	É a linguagem gestual e as expressões significativas flagradas do ser humano, quando são encenados para figuração na imagem fotográfica (o que constitui a pose propriamente dita).
Fotogenia	Uso de recursos típicos da linguagem fotográfica. São as técnicas de impressão e de processamento (enquadramento, iluminação, cor, dentre outros) utilizados para ressaltar os detalhes de elementos na foto, promovendo sua valorização ou depreciação.
Objetos na Cena	A presença das representações de determinados objetos em uma imagem fotográfica contribuindo para a construção de sentidos da fotografia.
Esteticismo	O esteticismo é um processo de conotação que consiste na exploração estética da fotografia ao ponto de ela se assemelhar à pintura.

Fonte: Elaborado pela autora e adaptado de (Sousa, 2002).

Joly (2007, p. 55) destaca que um dos grandes legados deixados por Barthes é justamente “mostrar a imagem composta por diferentes tipos de signos (linguísticos, icônicos e plásticos) que concorrem em conjunto para a construção de uma significação global e implícita”. Já Sousa (2002, p. 98) defende que é “importante referenciar os processos de conotação identificados por Barthes, já que são passíveis de ser usados em fotojornalismo quando se pretende outorgar um sentido à fotografia.”

Quando se fala de fotojornalismo não se fala exclusivamente da fotografia em si. Aí entra a relação do texto com a imagem/fotografia. Segundo Gomes (2008):

A fotografia de jornal, portanto, mais que ilustrar a notícia, como pode parecer, por sua iconicidade, simula o máximo de “denotação” (Barthes, 1990a), desempenhando um papel persuasivo importante fazendo crer nos dados apresentados no texto escrito e na imparcialidade do jornal. Esse efeito de iconicidade, entretanto, é apenas um dos recursos argumentativos desse tipo de texto para fazer crer na verdade de seu conteúdo. (GOMES, 2008, p. 31).

Lage (1999) assevera que o processo fotográfico jornalístico abrange um conhecimento que vai além do fato de registrar a foto. “Trata-se de selecionar e enquadrar elementos semânticos de realidade de modo que, *congelados* na película fotográfica, transmitam informação jornalística.” (LAGE, 1999, p. 26, grifo do autor).

Acrescento à afirmação do teórico de que é preciso ressaltar que, muitas vezes, as imagens publicadas nos meios de comunicação passam por processos de edição, com alterações significativas por parte da mídia, ficando imperceptível aos leitores. “Programas cada vez mais poderosos e sofisticados permitem criar universos virtuais que podem apresentar-se como tal, mas também falsificar uma qualquer imagem aparentemente real”, denuncia (JOLY, 2007, p. 27).

Ainda chamo a atenção para os estudos de Bauer e Gaskell (2015) que censuram as falácias e mentiras presentes nos registros fotográficos, ao defenderem que:

Não se pode acreditar no que se vê de maneira ingênua, e se algo mostrado como evidência visual levantar nossas suspeitas, deve ser conferido – corroborado com investigação posterior, com provas testemunhais, e de todo e qualquer meio que seja necessário. [...] A manipulação da imagem visual pode ser mais sutil e oculta, mas ela é claramente ideológica. (BAUER; GASKELL, 2015, p. 140).

De acordo com esses estudiosos, é uma falácia dizer que a fotografia é simplesmente e universalmente acessível a qualquer um do mesmo modo. “Sempre que signos possam ser usados para asseverar a verdade, também podem ser usados para enganar. [...] tanto as mensagens verbais quanto as pictóricas devem ser interpretadas dentro de seu contexto mais amplo.” (NÖTH; SANTAELLA, 1998, p. 208).

Para o filósofo Flusser (2012), em seu livro *a Teoria da Caixa Preta*, as imagens abrem as visões do mundo ao observador, mas é necessário que o indivíduo pense criticamente o processo. Esse é um dos pilares da minha investigação, analisar a linguagem não-verbal a partir da verbal, para além do que está posto aos olhos do leitor.

6 METODOLOGIA

Nesta parte da dissertação, apresento o passo a passo da pesquisa, descrevendo a metodologia de coleta do *corpus* selecionado e os procedimentos utilizados para a minha análise. Em primeiro lugar, pretendo retomar o problema que norteia esta investigação, além dos objetivos geral e específicos, a mola propulsora deste trabalho, que consistem em responder “como a mídia impressa contribuiu para a (des)construção da imagem da ex-presidenta Dilma Rousseff no período de *impeachment*? De que forma os jornais impressos brasileiros encenam a enunciação por meio do uso da linguagem verbal e não-verbal em suas capas na produção de sentido das notícias sobre o *impeachment* de Rousseff? Quais foram os efeitos de sentidos?.”

Com o intuito de elucidar a essas questões, aponto no quadro a seguir os objetivos que norteiam esta pesquisa:

Quadro 2 - Objetivos Geral e Específicos da investigação

Objetivo Geral	Examinar o papel da mídia na (des)construção de imagens e na formação de sentidos durante o período histórico do <i>impeachment</i> .
Objetivos Específicos	<ol style="list-style-type: none"> 1. Identificar os aspectos verbais e não-verbais que concorrem para a produção de sentido nas manchetes e chamadas de capa referentes ao <i>impeachment</i>; 2. Levantar os ditos, não-ditos e silenciados nos enunciados jornalísticos; 3. Discorrer sobre as principais semelhanças quanto aos aspectos enunciativos presentes nas capas dos jornais impressos selecionados; 4. Analisar a relação entre textos e imagens nas manchetes e chamadas de capas do <i>corpus</i>; 5. Investigar e apontar como as imagens são um recurso importante empregado pela mídia na construção de sentidos da informação; 6. Contribuir para o estudo, debate e pesquisa sobre o discurso midiático.

Fonte: Elaborado pela autora.

Diante do exposto, evidencio que a organização deste trabalho consistiu nos seguintes passos: triagem do *corpus*, seleção dos veículos midiáticos e descrição/análise comparativa de variáveis verbais e não-verbais das capas de jornal, a partir das teorias que subsidiam este estudo, conforme apresentei no decorrer da seção teórica dessa pesquisa.

6.1 Passo a passo do trabalho

A minha proposta é olhar o produto da mídia para além dos aspectos sintáticos presentes nas manchetes jornalísticas, tendo como base de observação a apresentação da informação, através do uso do discurso da imagem e de elementos semióticos presentes nos enunciados, evidenciando assim o carácter abrangente da minha investigação.

Portanto, na primeira etapa de estudo realizei uma triagem dentre o material publicado pelos veículos, constituindo um *corpus* formado a princípio pela seleção de capas publicadas sobre o *impeachment* em dois momentos importantes do processo de afastamento de Dilma Rousseff (12 de maio e 1º de setembro de 2016). A execução desse passo teve como intuito identificar como a mídia brasileira atuou na (des)construção da imagem da ex-presidenta e na produção de sentido da informação para os leitores durante o período do *impeachment*.

Quadro 3 - Etapas da pesquisa

1. Triagem do <i>corpus</i> ;
2. Seleção dos veículos midiáticos;
3. Descrição/análise comparativa de variáveis verbais e não-verbais, levando em consideração conceitos advindos de teorias do discurso, ideologia e poder como também da Semiótica e da Semiologia.

Fonte: Elaborado pela autora.

Na triagem foram levados em consideração os conceitos de discurso, ideologia e poder defendidos por teóricos da AD Francesa como Pêcheux (1993, 1997, 2009, 2010), Orlandi (1999, 2001, 2011, 2015) e Charaudeau (2005, 2006), além de Van Dijk (2012) da AD Crítica. Para analisar os elementos não-verbais presentes no texto recorri à teóricos da Semiótica como Joly (2007) e da Semiologia por Barthes (1961). Como critério de seleção, escolhi enunciados de capa formados por manchetes, chamadas e imagens, que tratavam do tema do *impeachment* e, que se destacavam nos principais jornais impressos de circulação nacional e regional, avaliando a forma em que foi trabalhada a relação entre texto e imagem nas matérias jornalísticas. Para tratar do gênero “Capa de Jornal” empreguei as premissas teóricas de Bakhtin (2003) e de Maingueneau (1997, 2006), esse último a fim de compreender as estratégias de cenografia utilizadas pelos jornais em algumas capas pesquisadas.

Paralelamente a essa triagem, na intenção de apresentar um arcabouço teórico adequado e que me permitisse uma análise criteriosa do *corpus*, optei por uma pesquisa bibliográfica ancorada em estudos de teóricos das áreas de conhecimento da Linguística, da

Comunicação, da Semiótica e da Semiologia. Essa foi uma etapa de suma importância, que conduziu e consolidou toda a análise e pesquisa apresentada no decorrer desta dissertação.

6.2 Seleção e apresentação do *corpus*

Como já relatado, tomei como objeto de estudo os enunciados verbais e não-verbais (manchetes, chamadas e imagens) de 16 capas publicadas em 12 jornais impressos. As publicações circularam nas principais regiões do país – do nordeste ao sul – nas datas de 12 de maio e 1º de setembro de 2016, dias posteriores às votações do processo de *impeachment* no Senado e da repercussão na mídia dos afastamentos provisório e definitivo (respectivamente) de Dilma Rousseff da presidência da República. Optei por selecionar esse recorte no *corpus* por se tratar de um período histórico relevante no processo de *impeachment*.

Em um primeiro momento, coletei um universo de 40 capas de jornais impressos de 20 veículos nacionais, escolhendo duas capas por jornal, publicadas nos dois momentos posteriores ao afastamento de Rousseff no processo de *impeachment*, sendo em 12 de maio e 1º de maio de 2016, datas referentes à observação do *corpus*. O meu critério da seleção, em primeiro lugar, aconteceu pela escolha dos veículos mais relevantes, que circularam nos principais estados brasileiros (Sul, Sudeste, Nordeste e Centro-Oeste) e atingiam um número maior de sujeitos, levando ainda em consideração as capas que mais chamaram a atenção discursivamente por apresentarem enunciados verbais e não-verbais que noticiavam e, até não davam tanto destaque à Dilma Rousseff no processo de *impeachment*. A intenção foi investigar como os jornais impressos discursivizaram este fato histórico nos principais estados brasileiros e de que forma ocorreu na mídia a (des)construção da imagem da ex-presidenta durante o processo.

Posteriormente, com o avançar da pesquisa, selecionei as capas que apresentavam incidências nos elementos enunciativos e que de certa forma se relacionavam nos aspectos verbais e não-verbais dos enunciados, a fim de escolher e elencar as categorias de análise. Assim, parti para uma nova seleção do *corpus*. Em mais uma triagem, optei por excluir algumas capas que replicavam fotos repetidas, produzidas por agências de notícias e que já tinham sido contempladas em outros veículos selecionados previamente nesta investigação.

Seguindo os passos relatados acima, fechei a seleção das capas que seriam estudadas e que comporiam o *corpus* desta pesquisa. Com relação à escolha dos veículos que representaram o Nordeste e o Centro-Oeste, optei pelo critério de maior circulação de exemplares por estado. Decidi estudar nesta pesquisa os enunciados de capas do jornal Diário

do Nordeste (CE) e O Popular (GO). Ressalto que a região Norte não foi contemplada neste estudo por questão da dimensão e abrangência do *corpus* selecionado.

Portanto, minha investigação consistirá na análise de 16 capas de 12 jornais impressos, sendo eles: (1) Diário do Nordeste (CE); (2) O Tempo (MG); (3) Hoje em Dia (MG); (4) Super Notícias (MG); (5) Folha de S. Paulo (SP); (6) O Globo (RJ); (7) EXTRA (RJ); (8) Meia Hora (RJ); (9) O Popular (GO); (10) Tribuna (PR); (11) Diário Catarinense (SC) e (12) Zero Hora (RS), veículos brasileiros de circulação nacional e regional nos principais estados do Brasil, que contribuirão para representação e uma possível (des)construção da imagem da ex-presidenta Dilma Rousseff, durante dois momentos marcantes do processo de *impeachment* realizado no país, no período de 12 de maio e 1º de setembro de 2016. É importante ressaltar, que em alguns dos veículos escolhidos, foram selecionadas duas capas referentes às datas referenciadas acima.







Na figura abaixo, apresento um panorama geral do *corpus* por estado, elencando na página à seguir, as capas dos respectivos jornais impressos elegidos neste estudo. Já no Quadro 4 mostro (em detalhe) um histórico de cada veículo e as capas separadas por datas e por jornais com suas manchetes, chamadas e imagens de primeira página:

Figura 15 – Panorama geográfico do *corpus*









Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 4 - Síntese do corpus

Jornais	Manchetes e Chamadas de capa		Imagens fixas analisadas		Grupos pertencentes
	12/05/2016	1º/09/2016	12/05/2016	1º/09/2016	
<p>(1) <i>Diário do Nordeste (CE)</i></p>  <p>Fonte: (DIÁRIO..., 2016).</p>	-	<p>Dilma Cassada <i>Entretítulo: 61 votos a favor e 20 contra</i></p> <p>- Novo Presidente Temer colocará o país nos trilhos</p>	-	2 fotos	<p>Jornal diário; Sede Fortaleza (CE).</p> <p>Pertence ao Sistema Verdes Mares. Grupo composto pelas seguintes mídias: televisão, rádio, impresso e internet.</p>
<p>(2) <i>O Tempo (MG)</i></p>  <p>Fonte: (O TEMPO, 2016).</p>	Senado cassa Dilma, mas mantém direitos políticos	Senado vota fim da era PT após 13 anos	2 fotos	1 foto	<p>Jornal diário; Sede Belo Horizonte (MG).</p> <p>Pertence a Sempre Editora/Grupo SADA (transporte e logística, concessionárias automobilísticas, metalurgia, editorial e outros). Grupo composto pelas seguintes mídias: impresso, rádio e internet.</p>
<p>(3) <i>Hoje em Dia (MG)</i></p>  <p>Fonte: (HOJE..., 2016).</p>	Troca de Comando	-	1 foto	-	<p>Jornal diário; Sede Belo Horizonte (MG);</p> <p>Pertence ao empresário Ruy Muniz Adriano Borges. Grupo composto pelas seguintes mídias: internet e impresso. Além de empresas na área de educação básica e universitária.</p>
<p>(4) <i>Super Notícias (MG)</i></p>  <p>Fonte: (SUPER..., 2016).</p>	Dilma é cassada e Temer assume a presidência	Fim da linha para Dilma	2 fotos	1 foto	<p>Jornal diário; Sede Belo Horizonte (MG);</p> <p>Pertence a Sempre Editora/Grupo SADA (transporte e logística, concessionárias automobilísticas, metalurgia, editorial e outros), Grupo composto pelas seguintes mídias: impresso, rádio e internet.</p>
<p>(5) <i>Folha de S. Paulo (SP)</i></p>  <p>Fonte: (FOLHA..., 2016).</p>	Senado destitui Dilma; Temer pede pacificação	-	2 fotos	-	<p>Jornal diário; Sede em São Paulo (SP);</p> <p>Pertence ao Grupo Folha composto pelas seguintes mídias: televisão (TV UOL), impresso (jornais e revistas), internet e outros como o Instituto de Pesquisa Datafolha.</p>
<p>(6) <i>O Globo (RJ)</i></p>  <p>Fonte: (O AFASTAMENTO..., 2016).</p>	Troca de comando Dilma afastada Temer assume com Reformas <i>Primeiros atos serão enxugar estrutura</i>	-	1 foto	-	<p>Jornal diário; Sede no Rio de Janeiro (RJ);</p> <p>Pertence ao Grupo Globo, composto pelas seguintes mídias: impresso (jornais O Globo, EXTRA, Expresso e Valor Econômico), agência de notícias O Globo) internet (site zap) e rádio (Globo e CBN).</p>

(continua)

Jornais	Manchetes e Chamadas de Capa		Imagens fixas analisadas		Grupos pertencentes
	12/05/2015	1º/09/2016	12/05/2016	1º/09/2016	
<p>(7) <i>EXTRA (RJ)</i></p>  <p>Fonte: (CAPAS..., 2016).</p>	<p>Patota de Brasília Bom dia, grupo! É Hoje!</p> <p>Dilma saiu do Grupo Cunha - <i>Emoticons</i> Collor: A história me reservou esse momento - emoticon Temer agora é Administrador *Chamada em formato de conversa de WhatsApp</p>	-	3 fotos + <i>Emoticons</i>	-	<p>Jornal diário; Sede no Rio de Janeiro (RJ).</p> <p>Pertence ao Grupo Globo composto pelas seguintes mídias: televisão, radiodifusão, impresso (jornais e revistas), internet, produção e distribuição (estúdios Globo, Central Globo de Produção Globo Filmes, Loja Globo, Som Livre, Austro Music SLAP) e telecomunicações (Sky Brasil).</p>
<p>(8) <i>Meia Hora (RJ)</i></p>  <p>Fonte: (DILMA...,2016); (TCHAU..., 2016).</p>	<p>Subtítulo: Nem precisa se inscrever no PRONATEC Arrasa, querida! <i>Meia Hora dá a maior moral pra Dilma</i></p>	<p><i>Será que temos algo a "Temer"?</i> Dilma sai de Brasília Por 61 votos a 20, Senado demite a presidenta. Temer assume de vez o comando.</p>	3 fotos	1 foto ilustração	<p>Jornal diário; Sede no Rio de Janeiro (RJ).</p> <p>Pertence ao grupo O Dia composto pelas seguintes mídias: televisão, radiodifusão, impresso e internet.</p>
<p>(9) <i>O Popular (GO)</i></p>  <p>Fonte: (O POPULAR., 2016).</p>	<p>Senado abre a porta para Temer</p>	-	3 fotos	-	<p>Jornal diário; Sede em Goiânia (GO).</p> <p>Pertence ao Grupo Jaime Câmara - Grupo composto pelas seguintes mídias: televisão, radiodifusão, impresso e internet.</p>
<p>(10) <i>Tribuna (PR)</i></p>  <p>Fonte: (TRIBUNA,2016).</p>	<p>Pra frente, Brasil!</p>	#Partiu	1 foto	1 foto ilustração	<p>Jornal diário; Sede em Curitiba (PR).</p> <p>Pertence ao Grupo Paranaense de Comunicação composto pelas seguintes mídias: impresso, (Gazeta do Povo e Tribuna), rádio e internet. Possui emissoras afiliadas à Rede Globo.</p>
<p>(11) <i>Diário Catarinense (SC)</i></p>  <p>Fonte: (DIÁRIO...,2016).</p>	<p>A Despedida</p>	-	1 foto	-	<p>Jornal diário; Sede em Florianópolis (SC).</p> <p>Pertence a NSC Comunicação. Grupo composto pelas seguintes mídias: televisão, rádio e impresso.</p>
<p>(12) <i>Zero Hora (RS)</i></p>  <p>Fonte: (ZERO..., 2016).</p>	<p>Dilma é afastada e Temer assume</p>	-	1 foto	-	<p>Jornal diário; Sede em Porto Alegre (RS).</p> <p>Pertence ao Grupo RBS, composto pelas seguintes mídias: televisão, rádio, impresso, internet e e-brick digital (e-commerce, mídia digital e tecnologia).</p>
<p>Total: 12 veículos Total: 16 capas</p>	<p>Total: 17 chamadas e manchetes de capa</p>		<p>Total: 24 fotos 2 incidências de <i>emoticons</i> 2 fotos- ilustrações = 28 imagens</p>		

Fonte: Elaborado pela autora.

6.3 Critérios de seleção das categorias analíticas de investigação

Mediante a seleção do *corpus* constituído acima, formado por 16 capas, sendo 17 enunciados⁹ entre manchetes e chamadas de capa e um total de 28 imagens publicadas em 12 jornais selecionados, o próximo passo foi partir para a análise dos dados. Primeiro dividi o *corpus* em duas categorias analíticas de investigação, sendo elas o *Silenciamento* e a *Ironia*.

Para chegar a essa categorização, observei quais elementos enunciativos as capas apresentavam como recorrentes e ainda o que mostravam de inusitado por meio da linguagem verbal e não-verbal.

Uma dessas reincidências discursivas chamou a minha atenção e marcou o processo de análise dos dados, evidenciando, que no conjunto da maior parte dos enunciados dos veículos mostravam de uma certa forma um silenciamento e até ausência, especialmente, de imagens de Dilma Rousseff. A maioria dos jornais já anunciava em suas capas a figura de Michel Temer como novo presidente da República, mesmo quando o resultado do afastamento da ex-presidenta no *impeachment* não era definitivo. As manchetes, chamadas e imagens, no que se referiam aos aspectos verbais e não-verbais pareciam privilegiar a figura de Temer em detrimento à de Rousseff.

Diante dessa observação relevante, esse foi um elemento chave para investigar as capas dos veículos no que se refere ao “Silenciamento” enunciativo. A análise foi fundamentada nos arcabouços teóricos de Orlandi (1999, 2001 e 2015), Sousa (2002), Gomes (2008) e ainda em Bauer e Gaskell (2015), que defendem:

Os analistas do discurso, ao mesmo tempo que examinam a maneira como a linguagem é empregada, devem também estar sensíveis aquilo que não é dito – aos silêncios. Isso, por sua vez, exige uma consciência aprimorada das tendências e contextos sociais, políticos e culturais aos quais os textos se referem. (BAUER; GASKELL, 2015, p. 255).

Outro aspecto que me saltou aos olhos foi o fato de Rousseff aparecer de forma hostilizada em algumas outras capas dos veículos impressos, sob o artifício da figura de linguagem como a ironia, tanto por meio de recursos verbais como também imagético por parte dos veículos. Assim, cheguei à definição da categoria *Ironia*, em que selecionei

⁹ É importante esclarecer que o jornal Diário do Nordeste apresenta dois enunciados na manchete principal, que foram contabilizados e fizeram parte da análise deste trabalho. Portanto, o *corpus* é formado por 16 capas, sendo que uma delas apresenta dois enunciados na mesma manchete.

enunciados que apresentaram elementos remetendo à imagem de Dilma Rousseff de forma sarcástica durante o processo do *impeachment*. A análise será fundamentada nos conceitos de ironia presentes em Brait (1996) e Gregolin (2007), a partir da qual selecionei enunciados que apresentaram elementos remetendo à imagem de Dilma Rousseff de forma sarcástica durante o processo do *impeachment*.

Dessa forma, empreendi uma investigação para comprovar ou refutar as abordagens teóricas explanadas nas seções anteriores, buscando apresentar como ocorreu a construção e uma possível (des)construção da imagem de Dilma Rousseff pela mídia em capas de jornais impressos no período do *impeachment*.

Na próxima seção, discorro sobre as categorias de análise de maneira detalhada e aponto uma análise descritiva do *corpus*, elencando as estratégias discursivas empregadas pelos veículos por meio dos elementos linguísticos verbais e não-verbais utilizados nos enunciados (manchetes e chamadas e imagens), tanto no que se refere ao aspecto verbal (uso e tempo de verbos, aspas, modalizadores, etc.) como não-verbal (escolha das imagens, angulação das fotos, o uso de elementos iconográficos, presença de cores, fontes de letras destacadas, dentre outros).

7 ANÁLISE VERBAL E NÃO-VERBAL DO *CORPUS*

A intenção deste capítulo é identificar e analisar no *corpus* investigado as estratégias enunciativas e discursivas, por meio de diferentes recursos da linguagem verbal e não-verbal utilizados pela mídia para produzir sentidos ao texto, a fim de (des)construir a imagem de Dilma Rousseff durante o período do *impeachment* nas capas dos jornais impressos.

Como acabei de dizer, no que se refere à linguagem verbal, por exemplo, levantarei as escolhas sintáticas empregadas na construção dos enunciados (uso da voz passiva e ativa) e as lexicais (seleção de palavras e de tempos verbais), além de dispositivos retóricos presentes nos enunciados (manchetes, chamadas e imagens) de capa dos veículos impressos investigados.

Já em relação à parte não-verbal, serão apontados os recursos não-verbais associados aos verbais selecionados como elementos de persuasão e produção de sentidos para os leitores nos textos (cores, ângulo das fotos, o uso de imagens e de recursos digitais, corpo de letras, cenografia, etc.).

À luz dos conceitos de discurso, ideologia e poder e ainda da semiótica e semiologia da imagem já trabalhados nos capítulos 3 e 5, respectivamente, desta dissertação, e suas relevâncias para a atribuição de sentido ao texto é que pretendo avaliar a construção da notícia na relação entre texto e imagem, entre o dito, e, especialmente, nesta análise, o não-dito e silenciado pelos veículos. Para buscar os sentidos possíveis produzidos pelos discursos dos enunciados (elementos verbo-visuais) escolhi os conceitos das categorias *Silenciamento e Ironia*, na intenção de analisar o *corpus*. Conforme já relatado no capítulo de *Metodologia*, reforço que a noção sobre o silenciamento foi ancorada nas teorias de Orlandi (1999, 2001 e 2015), Gomes (2008), Sousa (2002) e Bauer e Gaskell (2015) e no que se refere à ironia, nos estudos de Brait (1996) e Gregolin (2007).

Segundo Orlandi (2001, p. 64) “explicitar os mecanismos de produção de sentidos inscritos no texto é uma maneira de tornar visível o modo como a exterioridade (sujeito, história) está presente nele, é trabalhar sua historicidade”. Já Charaudeau (2006) defende que a partir do momento que “a significação é posta em discurso através do jogo do dito e não-dito, de explícito e implícito, que não é perceptível por todos tem-se consciência dessa multiplicidade de efeitos discursivos”. (CHARAUDEAU, 2006, p. 39).

7.1 Silenciamento

No estudo do *corpus* desta pesquisa, constatei que a maior parte dele, em torno de 12 dos 17 enunciados de capa dos jornais impressos investigados, promovem o silenciamento de Dilma Rousseff como elemento fundador de sentidos dos textos.

Orlandi (1999, p. 30) chama a atenção para o fato de que “os sentidos não estão só nas palavras, nos textos, mas na relação com a exterioridade, nas condições em que eles são produzidas e que não dependem só das intenções do sujeito”. Neste caso, é importante salientar que, no momento em que os indícios ou pistas discursivas são identificados nos textos, é sinal que outros foram apagados pelos veículos. O sujeito discursivo é que vai decidir tanto pela inserção ou a proibição de enunciados como também dos sujeitos dos discursos, de acordo com o que sua formação ideológica permita que seja publicado. Esse é um dos aspectos que pretendo apresentar no decorrer da análise a seguir.

O silenciamento é um campo a ser explorado e que tradicionalmente costuma ser excluído, tanto nas análises do estudo do estruturalismo da linguística, como também por analistas do discurso, conforme ressalta Orlandi (2015). Segundo ela, deixa-se de pensar e trabalhar o silêncio nos textos como uma categoria que tem sentido próprio e que é necessário à significação.

Neste sentido, assumo em consonância com o argumento da analista do discurso que é vital ir além dos aspectos linguísticos e imagéticos do que se está sendo evidenciado nos enunciados. Orlandi (2015) defende a importância de investigar mais do que está explícito para os leitores já nas chamadas de capa, classificando assim por silêncio fundante, o que não é publicitado pelos veículos. “Todo dizer é uma relação fundamental com o não-dizer”. Existe um sentido no silêncio.” (ORLANDI, 2015, p. 12). Neste aspecto, o sujeito diz X para não ‘dizer Y.

Gomes (2008) comenta a função da mídia neste aspecto, ao servir de fonte para os leitores e revela que tanto os jornalistas como as empresas que atuam nos meios de comunicação podem ser considerados como porta vozes da opinião pública. Segundo ela:

Quando algum acontecimento não é noticiado para grande parte da população, mesmo se considerado muito importante pelos grupos atingidos (como uma greve de bancários ou professores), isso funciona como se seus desdobramentos tivessem sido insignificantes ou mesmo como se o fato não tivesse existido. (GOMES, 2008, p. 22).

Pêcheux (1993) classifica esse movimento como o que fica às margens do dizer e acaba sendo apagado e esquecido pela sociedade e, ainda assim constrói sentidos.

Sousa (2002) denuncia, por meio do relato à seguir, que historicamente os recursos de silenciamento no que se refere à linguagem não-verbal, por exemplo, eram utilizados em favor do discurso e da narrativa dos que detinham o poder, em detrimento de grupos com menos expressividade econômica e política:

Durante a Guerra Fria, os news media foram um dos palcos das lutas políticas e ideológicas. No Leste, as fotografias dos líderes são reproduzidas muito ampliadas enquanto os dirigentes caídos em desgraça são apagados das fotografias oficiais. Noutros casos, colocam-se pessoas nas fotos, como Estaline a falar com Lenine, pouco antes da morte deste. No Ocidente, entre vários casos conhecidos, em 1951 o senador Millard Tydings perde o lugar, provavelmente devido à difusão de uma fotografia truncada em que se via Tydings a conversar com o líder comunista americano, Earl Browder (é a ideia da objectividade, veracidade e realismo da imagem fotográfica a funcionar para o senso comum); e um jornal tão “insuspeito” como o *The New York Times*, não se coíbiu, a 5 de Outubro de 1969, de seleccionar de um álbum de David Douglas Duncan as fotografias em que Nixon surgia com as piores expressões. Do mesmo modo, o *Paris Match* publicou, em Junho de 1966, uma foto-reportagem com fotografias encenadas sobre o alegado regresso do nazismo à antiga República Federal da Alemanha. (SOUSA, 2002, p. 22 -23).

Neste contexto, de acordo com os estudos de Bauer e Gaskell (2015):

A interpretação exige uma leitura tanto das presenças como das ausências de um registro visual, e enquanto algumas das ausências podem ser explicadas pelas características de custo ocasional (quem carrega a câmara, quando, onde e porquê?), a homogeneidade das imagens registradas devem comportar um peso semântico. (BAUER; GASKELL, 2015, p. 148).

Nessa perspectiva, o silêncio no discurso não se apresenta somente nas palavras e por isso pode ser categorizado sob duas formas: o silêncio fundante e a política do silêncio (silenciamento), apresentadas da seguinte forma por Orlandi (2015):

A primeira nos indica que todo processo de significação traz uma relação necessária ao silêncio; a segunda diz que – como o sentido é sempre produzido de um lugar, a partir de um lugar, a partir de uma posição do sujeito – ao dizer, ele estará, necessariamente, não dizendo “outros” sentidos. Isso produz um recorte necessário no sentido. Dizer e silenciar andam juntos. (ORLANDI, 2015, p. 53).

Diante dessas questões, encontrar as pistas e os traços do silenciamento nos textos, requer do leitor uma descentralização do linguístico, ou seja, analisar além do que está posto

na notícia. “Quanto mais falta, mais silêncio se instala, mais possibilidades de sentidos se apresentam”, defende (ORLANDI, 2015, p. 47). Conforme a analista do discurso, a própria noção de censura se expande diante desta noção de silenciamento, “para compreender qualquer processo de silenciamento que limite o sujeito no percurso de sentidos (...). O sentido não para; ele muda de caminho.” (ORLANDI, 2015, p. 13).

Com relação ao efeito de objetividade, segundo Charaudeau (2006, p. 54), “essa posição de apagamento do sujeito e de aparente neutralidade do engajamento produz efeito de objetivação e autenticação. O sujeito que fala traz uma informação como se a verdade não pertencesse a ele e só dependesse de si mesma”.

A partir dessas premissas, apresento, a seguir, o primeiro recorte analítico da categoria *Silenciamento* que se refere às capas dos jornais *O Globo*, *Zero Hora*, *Hoje em Dia* e do *Super Notícias*. Farei uma análise dos elementos verbais e não-verbais presentes nos enunciados a seguir:

Figura 16 - Capas do *impeachment* de Dilma Rousseff



Fonte: Elaborado pela autora.

No subtítulo “Troca de comando” em *O Globo* e na manchete principal do jornal mineiro *Hoje em Dia* (conforme sinalizado acima), o substantivo “troca” faz referência à troca de poder, de autoridade e de governabilidade no país. Esse sintagma dialoga com a mesma expressão típica das corporações e batalhões militares – “troca de comando” – utilizada para fazer referência à troca de chefia nessas instituições, reforçando, assim, através dos

enunciados as mudanças ocorridas no cenário político do país e, uma possível troca de comando no lugar de Rousseff.

Outro indício é a escolha lexical dos jornais *O Globo* e *Zero Hora* ao utilizarem os adjetivos “afastada” e do *Super Notícias* por optar pelo uso do “cassada” na tentativa de apagamento da figura de Rousseff, indicando ação passada e o atual estado da ex-presidenta, estabelecendo-a, assim, como fora do contexto político do país. Analogicamente, “cassada” tem um efeito mais incisivo e pejorativo que “afastada” nas edições de *O Globo* e *Zero Hora*, oferecendo ao leitor o sentido de interrupção e de extinção do mandato de Dilma Rousseff, reforçado pelo sentido dicionarizado¹⁰ das palavras. Em “cassada” é possível verificar o seguinte conceito: “Tornar nulo e sem efeito.” (CASSADO, 2018). Enquanto o “afastada” tem o significado de “desviar ou fazer desviar (de um sítio ou de uma pessoa).” (AFASTADA, 2018).

Verifiquei o contraponto dessas palavras com o verbo “assumir” nas chamadas “Temer assume com reformas”; “Temer assume” e “Temer assume a presidência”, sinalizando mais uma vez quem será o novo governante do Brasil a partir do resultado do processo de *impeachment* nos dois momentos do afastamento, conforme certifiquei:

Figura 17 - Os verbos nas capas



Fonte: Elaborado pela autora.

Na mesma manchete de *O Globo*, por exemplo, o veículo já anuncia que mudanças ocorrerão com o presidente Michel Temer na condução do governo. Ao enunciar “Temer assume com reformas”, é possível inferir que a nova presidência propõe o diferente, “enxugando” “a estrutura do Estado”.

Outro recurso utilizado pelo jornal carioca para atrair a atenção dos leitores foi investir na diagramação da chamada de capa, sinalizando ainda a ordem de importância do processo

¹⁰ Os significados das palavras cassada e afastada foram retirados do Dicionário do Aurélio *online*, disponíveis em: www.dicionariodoaurelio.com.

de afastamento de Dilma Rousseff, marcando essa informação pela cadência dos fatos, conforme marcação das setas em vermelho a seguir: em primeiro lugar a ex-presidenta é afastada, depois Michel Temer assume o poder e logo após propõe mudanças que iriam tirar o país da crise, especialmente, a econômica. Também é importante ressaltar a estratégia empregada pelos veículos ao elencar alguns recursos gráficos para destacar esta cronologia do afastamento. Sinalizo na imagem abaixo o destaque dado pelo *O Globo* às manchetes por meio de recursos como o tamanho das letras e o uso do negrito, que vai se diferenciando ao longo da manchete, organizando a informação para atrair a atenção do leitor. É o que Joly (2007) classifica em a imagem das palavras, como a “organização do percurso do olhar”. “A escolha dos caracteres é, assim, muito importante no implícito da mensagem.” (JOLY, 2007, p. 130). Assim, o veículo anuncia a saída de Rousseff, seguida pela tomada de poder de Michel Temer e, posteriormente, pelas mudanças e ações estratégias do novo governo.

Segundo a marcação a seguir:

Figura 18 - Recursos gráficos na manchete



Fonte: Elaborado pela autora.

Além disso, outro mecanismo que merece ser destacado consiste no fato de que, apesar de a ex-presidenta ser citada no título, a ordem passiva da frase marca seu apagamento, ocorrência evidenciada ainda pelo discurso imagético das capas, que também produz e evoca sentidos. Chamo a atenção, inclusive, para a ausência de fotografias de Rousseff em três das quatro capas dos jornais apresentados nessa primeira análise, em que os veículos optaram editorialmente por dar visibilidade ao Senado ou ao presidente Michel Temer. Esse processo é caracterizado como elipse, segundo Joly (2007), porque joga com o não-dito e com o subentendido, se apresentando da seguinte forma:

A sua ação é então mais sutil, em vez de desenvolver um argumento através da sua argumentação explícita, a elipse devolve-o ao vácuo, jogando com o saber do leitor ou do espectador e criando assim um sentimento de cumplicidade entre os iniciados [...]. Este reconhecimento elíptico provoca, além de um sentimento de cumplicidade, o prazer da convivência perante uma nova transgressão impune e impunível: nada é dito, nada é mostrado, nada a dizer. (JOLY, 2007, p. 125).

Sob essa mesma perspectiva, a capa que mais se destaca quanto às formas de silenciamento da figura de Rousseff é a do jornal *Hoje em Dia*. Na capa a seguir o veículo escamoteou a informação sobre a saída de Dilma do poder, enfatizando e dando relevância assim à imagem de Michel Temer em detrimento da ex-presidenta, associando-a à de presidente do Brasil, ao ser retratado em um quadro oficial, posando sorridente e já com a faixa oficial de presidente do país.

Figura 19 - Jornal *Hoje em Dia* de 12 de maio de 2016



Fonte: (HOJE..., 2016).

É importante salientar que a escolha dessa imagem parece retratar o posicionamento do veículo ao optar por publicar a fotografia de Temer como presidente, ignorando, assim, a segunda etapa do processo de *impeachment*, marcada para o dia 31 de agosto de 2016, no plenário do Senado, quando seria decidido o afastamento em definitivo de Dilma Rousseff do seu mandato como presidenta do Brasil.

O fato de a figura da ex-presidenta não aparecer na capa do veículo mostra e marca o discurso ideológico do jornal na sucessão presidencial. Orlandi (2015) defende que o silêncio está entranhado nas palavras e na linguagem e que o não dizer fica condicionado à história e à ideologia. “Há, pois, uma declinação política da significação que resulta no silenciamento como forma não de calar mas de fazer dizer ‘uma’ coisa, para não deixar dizer ‘outras’. Ou seja, o silêncio recorta o dizer.” (ORLANDI, 2015, p. 53). Em outras palavras, ao selecionar a imagem do Temer e não trazer à cena a imagem da Dilma pode-se mostrar o posicionamento dos jornais em relação ao processo de *impeachment*.

Tomando como base as teorias de Orlandi (2015), alguns outros indícios me chamaram a atenção no texto imagético apresentado. Notei que, em primeiro lugar, o formato de quadro na capa do *Hoje em Dia* faz alusão às fotos oficiais, que ficam expostas nos gabinetes da

Presidência da República do Brasil e no *hall* do Palácio do Planalto, em Brasília, de acordo com a montagem apresentada a seguir:

Figura 20 - Capa faz alusão à foto presidencial



Fonte: Elaborado pela autora e adaptado de (PLANALTO..., 2017).

Analisando as duas imagens, reparei que ao contrário das fotos oficiais dos políticos, em que o presidente é registrado com uma postura mais séria e contida (à direita), a imagem escolhida e publicada na capa (à esquerda) pelo jornal *Hoje em Dia* não acompanha esta prática, retratando a figura de um Temer mais feliz e descontraído.

Outro dado que merece destaque, além da escolha da foto, são os recursos de edição das imagens e cores, criados para hierarquizar informações e direcionar a leitura. Barthes (1961) define esta utilização da fotografia como o uso da imagem no sentido conotativo, ao trazer para a cena a representação dos aspectos simbólicos, presentes na cena fotografada, oferecendo assim, sentidos para os leitores, conforme apresento na figura 22.

Barthes (1961) discorre a respeito dos seis processos mais comuns de conotação fotográfica, dentre eles, a *Trucagem*, caracterizada “na introdução, modificação ou supressão de elementos numa fotografia.” (BARTHES, 1961 apud SOUSA 2002, p. 98). A seguir, mostro como o veículo se apropriou desse recurso para transferir significados e valores à imagem da capa. Verifiquei que a fotografia original sofreu alterações significativas ao ser publicada na capa do jornal *Hoje em Dia*:

Figura 21 - Interferências na fotografia



Fonte: Elaborado pela autora e adaptado de (PRESIDENTES..., [2018]).

Ao realizar a comparação entre as imagens acima, ressalto as interferências que foram executadas na fotografia, acrescentando assim, informações e sentidos ao cenário. Uma delas se refere à criação de bordas no quadro fotográfico, apresentando a página virada de uma publicação, oferecendo ao leitor a ideia de sucessão histórica, do novo e de “troca de comando”, já certificada pelos aspectos verbais das chamadas de capas elencadas nessa análise. Outra alteração expressiva foi a inserção da faixa de presidente na fotografia, acrescentando uma informação adicional à imagem, trazendo Michel Temer como presidente empossado do Brasil. Joly (2007, p. 27), afirma que “programas cada vez mais poderosos e sofisticados permitem criar universos virtuais [...] toda a imagem é a partir de agora manipulável e pode alterar a distinção entre real e virtual.”

Mais um recurso empregado se deu pelo uso conotativo da imagem classificado por Barthes (1961) por *Fotogenia*. “Uma cena ou um sujeito podem ser ‘embelezados’ pela iluminação. A própria fotografia pode ser ‘embelezada’ pelas técnicas de impressão e de processamento.” (BARTHES, 1961 apud SOUSA, 2002, p. 99). Sob essa perspectiva, destaco o uso de um filtro clareador na imagem do presidente Michel Temer, que acabou projetando a fisionomia do político aos olhos do leitor.

Indo um pouco mais além, aponto que essas alterações foram acentuadas por um recurso de reenquadramento na fotografia, utilizado com o intuito de atrair e evocar a atenção do público, artifício destacado por Sousa (2002) para “concentrar-se a atenção do observador no motivo e retirar da imagem elementos que desviem o olhar do que é importante.”

Se apropriando dessa estratégia, o jornal *Hoje em Dia* atribuiu um destaque ainda maior à fisionomia de Temer, enfatizando o sorriso largo do presidente, que na fotografia parece comemorar o seu cargo de novo presidente da República do Brasil. A seguir, apresento por meio apontamentos destacados com as setas vermelhas as principais intervenções e alterações do cenário identificadas nas legendas:



Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 23 - Jornais silenciam Dilma Rousseff



Fonte: Elaborado pela autora.

“A censura é um processo que não trabalha apenas a divisão entre o dizer e o não-dizer, mas aquela que impede o sujeito de trabalhar o movimento de sua identidade e elaborar sua história de sentidos.” (ORLANDI, 2015, p. 168). O silenciamento dado à Rousseff nos enunciados de capa desses três jornais analisados dispostos acima, seja na parte verbal ou imagética, parece ser marcado pela “interdição da ex-presidenta nessas formações discursivas”, caracterizada por Orlandi (2015) como um processo de “silêncio do oprimido”, sustentado pelo apagamento e pela exclusão de um dos lados do discurso com a negação de vozes.

Van Dijk (2012) classifica essa omissão como uma consequência do poder persuasivo exercido pela mídia, que pode ser identificado tanto no “conhecimento, na informação ou na autoridade” que os meios de comunicação exercem sobre o público. O teórico é enfático ao defender e chamar a atenção sobre o fato de que “a mídia jornalística decide quais atores serão representados na arena pública, o que será dito a respeito deles e, em especial, como será dito.” (VAN DIJK, 2012, p. 74).

Seguindo essa concepção ideológica das condições específicas do discurso midiático, mostro a seguir algumas estratégias linguísticas e semiológicas presentes no cenário enunciativo das capas estudadas. Destaco em primeiro lugar as estratégias lexicais como o uso dos verbos nas manchetes que indiciam o ponto de vista editorial sobre o resultado da votação do *impeachment* no Senado. Em *O Tempo*, o verbo “cassa” assume o valor semântico mais enfático para o leitor no sentido de *invalidar*, *anular* e *vetar*, em que o Senado ficou com a responsabilidade de votar a cassação e a captura do mandato da ex-presidenta. Enquanto que na *Folha de S. Paulo* o verbo “destitui” apresenta um valor mais moderado de *privação* do

cargo. Assim, no primeiro jornal, a ex-presidenta fica caracterizada como fora do poder, não restando a ela mais chances de retornar à presidência como chefe de Estado.

Na capa do jornal paulista o verbo “cassada” aparece somente no entretítulo, em “Cassada por 61 votos a 20 votos”, dando uma dimensão ainda maior à votação, ao publicar o número de senadores que foram favoráveis ao *impeachment*. O efeito de sentido desse enunciado é o de destacar a retirada definitiva da ex-presidenta Dilma Rousseff do poder, enfatizando ainda o protagonismo de Michel Temer como novo presidente do Brasil. É importante ressaltar, conforme destaque abaixo, que o veículo tenta escamotear a palavra “cassada” colocando-a em um local de menor expressividade de leitura, em que o público precisa ter acesso ao entretítulo, que está em menor destaque, para ter uma ideia da dimensão da notícia. Já em *O Tempo* a informação do afastamento definitivo é apresentada logo na manchete de capa, reforçando assim um traço editorial do jornal, conforme marcações:

Figura 24 – Escolhas verbais

Os veículos selecionam a sintaxe do seu enunciado, neste caso, com a escolha dos verbos (conforme marcação das setas), para produzirem efeitos de sentido em seu discurso.



Fonte: Elaborado pela autora.

O Popular, ao escolher o sintagma verbal “abre as portas” em “Senado abre porta para Temer”, utiliza-se da figura de linguagem *metáfora*, cujo efeito de sentido é o de desejar boas-vindas ao “novo” presidente Michel Temer. Segundo Joly (2007):

A imagem, na língua, é o nome comum dado à metáfora. A metáfora é a figura de retórica mais utilizada, mais conhecida e mais estudada, aquela a que o dicionário atribui como sinônimo imagem. Aquilo que sabemos da metáfora verbal ou do falar por imagens é que consiste em empregar uma palavra por outra, em função da sua relação analógica ou de comparação. (JOLY, 2007, p. 23).

Essa estratégia parece ser confirmada também na chamada da *Folha de S. Paulo* em “Temer pede pacificação”. No sintagma “pede pacificação”, o veículo coloca Michel Temer

como aquele que solicita o restabelecimento da paz, pressupondo que o cenário vigente até então seria o de “confusão” ou “conflito”. O político aparece, dessa forma, como o pacificador, salvador da pátria, figura capaz de tirar o governo do caos e da crise.

Outro índice linguístico que merece destaque nas manchetes é o uso do operador discursivo ‘mas’, conforme sinalizei na figura abaixo. Em *O Tempo*, esse conector em “Senado cassa Dilma, *mas* mantém direitos políticos”, contrapõe o entendimento da cassação de Rousseff explicitada na primeira oração com a manutenção dos direitos políticos da ex-presidenta pelo legislativo. O uso desse operador é um recurso argumentativo adotado pelo jornal, que pode gerar efeitos de sentido para o leitor, ao neutralizar a notícia da cassação de Dilma Rousseff e oferecer destaque ao segundo enunciado em contraposição ao primeiro. Desta forma, o marcador direciona o olhar do público para a segunda oração, que ressalta um aspecto negativo do processo de *impeachment*, em não retirar os direitos políticos de Rousseff. O uso do verbo “mantém” reforça essa construção:

Figura 25 - Operador argumentativo

O uso desse operador é um recurso argumentativo adotado pelo jornal, que pode gerar efeitos de sentido para o leitor, ao neutralizar a notícia de cassação de Dilma Rousseff.



Fonte: Elaborado pela autora.

Portanto, essas estratégias linguísticas vão ao encontro do que Pêcheux (1997) afirma sobre a relação semântica das palavras com as formações ideológicas nas quais se inscrevem. As fotografias publicadas nessas capas também produzem efeitos de sentido em relação ao posicionamento dos jornais sobre o silenciamento imposto à Rousseff. *O Popular*, por exemplo, não faz referência ou menção à imagem da ex-presidenta. Evidencio que no veículo foi publicado apenas as imagens de Senadores (opositores ao governo Dilma), dando “voz” e visibilidade aos parlamentares que estiveram presentes na votação e foram a favor do afastamento da ex-presidenta no processo de *impeachment*.

As imagens selecionadas pela editoria do veículo, conforme destaque na capa a seguir, apresentam, no primeiro plano, as fotos de três senadores, registrados no momento de seus

discursos em plenário. Alguns aspectos presentes nas fotos comunicam significados aos leitores de acordo com a marcação e legendas expositivas abaixo:

Figura 26 - Uso de fotografia



Fonte: Elaborado pela autora.

Ressalto que o político Ronaldo Caiado do Partido dos Democratas (DEM) foi fotografado fazendo gestos exaltados (1ª imagem da esquerda para a direita) durante o seu discurso caloroso de oposição ao governo do Partido dos Trabalhadores (PT). A imagem é credibilizada por um trecho da retórica do político – publicada entre aspas – utilizada para defender seu voto a favor do *impeachment* de Rousseff, associando e fazendo referência de Dilma à imagem desgastada do Partido dos Trabalhadores e à crise econômica e social do país: “Nós vamos mostrar aqui o verdadeiro golpe do PT. O verdadeiro golpe é o desemprego”, relatou.

As fotografias dos outros dois senadores também são marcadas por trechos do discurso e apresentadas com moldura de um cenário (foto do meio e da esquerda em que aparecem no púlpito) durante o discurso político ministrado na Tribuna - local que é considerado como elevado e de destaque entre um grupo perante os demais espectadores. A angulação das imagens, a presença dos parlamentares na votação e a foto de a bandeira do Brasil de fundo na terceira imagem (da esquerda para a direita) são elementos indiciais e simbólicos que coadunam ao que foi apresentado na chamada da matéria principal, ou seja, o papel do Senado no processo de cassação da presidenta. É importante salientar que outras vozes de apoio à ex-presidenta não foram apresentadas para o leitor.

Na contramão do silenciamento do jornal *O Popular*, no que se refere à figura de Rousseff, o veículo mineiro *O Tempo* publica duas fotos em sua capa, quais sejam, a posse do presidente Michel Temer *versus* a imagem do discurso de Dilma Rousseff. Ressalto, por meio da marcação com setas e legendas, como os recursos não-verbais direcionam o olhar do leitor:

Figura 27 - Recursos não-verbais nas fotos



Fonte: Elaborada pela autora.

Mittman (2011) chama a atenção que o fazer sentido ultrapassa as propriedades visuais apresentadas em uma fotografia. Ele funciona dentro de um conjunto de elementos discursivos, presentes no tempo e no espaço, que associados produzem significados ao discurso, conforme observamos acima na capa de *O Tempo*. “Não se trata apenas de um traçado de formas e cores, ou de um jogo de claro-escuro, ou do direcionamento da angulação. Trata-se, acima de tudo, do trabalho simbólico no fazer sentido, pois a interpretação se dá pela historicidade, pela cadeia significante.” (MITTMANN, 2011, p. 94).

Observei ainda que alguns recursos elencados a seguir foram aplicados às imagens. Na parte superior da manchete e de maior destaque, chamo a atenção para a foto do novo presidente fazendo um gesto com as mãos de pacificação, rodeado por políticos que batem palmas comemorando a sua posse.

Em contrapartida, na parte inferior, no rodapé do jornal, parte de menor relevância em layout de capa, temos a foto de Rousseff no dia do resultado do *impeachment*, também

rodeada de políticos e ativistas, em frente ao microfone, discursando em sua defesa e marcando oposição ao novo governo. A ordem em que as notícias aparecem retrata o grau de importância em que ela assume na página do veículo, sobretudo, em uma capa. Dessa forma, em *O Tempo*, a posse de Michel Temer apresenta um grau de importância maior na cena enunciativa se comparada à da imagem da ex-presidenta.

Outro destaque nessa capa, ficou por conta das legendas presentes nas fotografias, que reforçam o sentido de embate anunciado entre Michel Temer e Dilma Rousseff. É o verbal ancorando o sentido da fotografia, conforme defende Barthes (1961). Chamou - me a atenção a proeminência dada às partes dos discursos nesses enunciados – localizadas abaixo das fotografias – confirmando as acusações mútuas entre os envolvidos. Nelas, Rousseff aparece rotulando o atual presidente de golpista com a seguinte citação: “Haverá a mais firme, incansável e energética oposição que um golpista pode sofrer”, enquanto Michel Temer rebate a ex-presidenta anunciando: “Golpista é você, que está contra a Constituição. Não vamos levar desaforo para casa.”

A fotografia de Rousseff escolhida para compor a cena enunciativa é mais um elemento que merece destaque. Ela apresenta elementos constitutivos (cores e enquadramento), classificados como signos plásticos por Joly (2007), que são significativos no plano de expressão. A cor vermelha na roupa de Dilma Rousseff e de alguns ativistas chama a atenção, marcando o conceito de luta e embate entre os políticos, além de simbolizar a cor do Partido dos Trabalhadores, ao qual a Dilma é filiada. Ainda resalto o enquadramento da imagem de perfil da ex-presidenta, ao apresentar na foto um semblante mais fechado e menos receptivo, assim como a maioria dos outros atores presentes no cenário da fotografia.

Por último, no jornal *Folha de S. Paulo*, apresentado a seguir a fotografia de Michel Temer também aparece em destaque no topo da página, ao figurar a cena assinando o documento de posse no Senado, marcando o ritual e sendo aclamado por políticos como o novo presidente do Brasil. Porém, uma outra fotografia presente na capa me chamou a atenção. O veículo publicou na parte inferior - ainda na direção do olhar do leitor - imagem de Black Blocs destruindo uma viatura da Polícia Civil no largo do Arouche, em São Paulo, local conhecido por abrigar manifestações populares.

No lide, primeiro parágrafo do texto referente à chamada, os ativistas são classificados como “manifestantes contrários ao *impeachment* de Dilma Rousseff”. Existe aí uma atribuição de sentidos, uma (re)significação da imagem ao cenário discursivo. É interessante observar como a fotografia dos Black Blocs nesse contexto faz referência às manifestações populares de 2013, só que agora associada às manifestações pró-Dilma. De acordo com

Mittmann (2011, p. 95), “assim como o texto fotográfico tem seu centramento, angulação e bordas, tem também o que escapa às bordas, deixando vestígios, que também teimam em ressignificar, mas que para significar precisam do acionamento do que está na rede esburacada da memória [...].”

Já Cazarin (2006, p. 306) chama essa estratégia de eco: “o processo, que já vinha sendo discursivizado, gera efeitos de sentido pontuais, mas também provoca nova discursividade.” Esse novo discurso, enfatizado pelos estudiosos da Análise do Discurso, pode ser percebido no momento em que a imagem da ex-presidenta não aparece, mas de certa forma é associada aos Black Blocs, presentes em atos pró-Dilma em algumas capitais do país, conforme atesta os elementos discursivos, evidenciados na capa a seguir:

Figura 28 - Imagens em destaque

Foto de Black Blocs em ato de vandalismo e destruição, fazendo associação ao movimento pró-Dilma.

Presidente Michel Temer assina seu documento de posse do novo cargo.

(Re)significação de sentidos - Jornal faz referência aos Black Blocs associando a imagem deles à de Dilma Rousseff e às manifestações de 2013 – novos efeitos de sentidos para o leitor.

Fonte: Elaborado pela autora.

A seguir através das marcações das setas, apresento de que forma as capas dos jornais *Diário Catarinense*, *Super Notícia* e do *O Tempo* indiciam o modo como os veículos utilizaram-se de discursos semelhantes em suas publicações para promover o apagamento da figura de Dilma Rousseff no período do *impeachment*.

Charaudeau (2006) defende que “palavras usadas em situações recorrentes pelos mesmos tipos de locutores acabam por tornarem-se portadoras de determinados valores.” Mostro abaixo como elas se apresentam nos enunciados formando uma rede de sentidos:

Figura 29 - Apagamento da ex-presidenta



Fonte: Elaborado pela autora.

O jornal *O Tempo* apresentado acima, ao enunciar “Senado vota fim da era PT após 13 anos”, caracteriza o encerramento de um longo ciclo do PT no poder, designado pela palavra “era”. Além disso, a imagem sombreada de Dilma, em preto, aparece vinculada à imagem desgastada do PT e também remetendo a uma idéia de passado, fato comprovado pela escolha da fotografia de capa, que assume o significado de eliminação/desaparecimento da figura de Rousseff. Joly (2007, p. 97) ressalta que “nunca é demais insistir em lembrar que as imagens não são as coisas que elas representam, mas que servem delas para falar de outras coisas.”

Neste sentido, o veículo dialoga com outros dizeres já explorados pela mídia, ativando, assim, a memória e o imaginário dos leitores: o público leitor desses jornais passa a enxergar a imagem de Dilma Rousseff e do Partido como uma só, realizando, por exemplo, uma conexão entre o governo petista e a crise política nacional.

O *lide* da notícia do jornal mineiro reforça essa leitura acima, em que são citados: a reprovação do governo petista e a repercussão da imprensa internacional sobre os desdobramentos do afastamento da ex-presidenta, caracterizados de forma irônica pelo veículo como “Fim de festa” para os aliados políticos dela. Destaco na próxima imagem:

Figura 30 - Imaginário dos leitores



✓ Dilma esvaziou gabinete e discutiu com assessores a saída do Planalto

✓ STF rejeitou recurso de última hora para impedir abertura de julgamento

■ O ambiente era mais sóbrio do que o visto na Câmara dias atrás, mas a sessão no Senado para votar a abertura do impeachment também foi de reprovação ao governo petista. Em discursos que invadiram a madrugada, de 44 senadores que haviam falado até o fechamento desta edição, só nove foram contrários ao afastamento da presidente. Cedo, Dilma Rousseff recebeu a notícia de que o Supremo Tribunal Federal havia rejeitado o pedido de anulação feito pela Advocacia Geral da União no dia anterior. Depois, ela se reuniu com assessores, gravou uma mensagem, que será divulgada hoje, na qual volta a afirmar que foi vítima de um golpe, e acertou os detalhes de sua saída do Palácio. Está programada uma renúncia coletiva dos ministros sem qualquer colaboração do ex-saque do governo por Michel Temer. A imprensa internacional repercutiu durante todo o dia a movimentação política e destacou o clima de “fim de festa” de aliados do poder. Em Minas, atos pró e contra o impeachment foram tranquilos, mas houve confusões no Distrito Federal. **Páginas 2 a 15**

Lead da notícia que reforça a manchete desta capa – nele é citado a reprovação do governo petista. No último parágrafo aparece também a repercussão da imprensa internacional sobre o processo de afastamento de Rousseff – caracterizado como de “Fim de festa” para os aliados políticos da ex-presidenta.

Fonte: Elaborado pela autora.

Na mesma linha de discurso, o *Super Notícia* em “Fim da linha para Dilma” faz o uso da expressão ‘fim da linha’ como uma metáfora para designar a morte da figura política de Rousseff. O veículo se apropria do jargão coloquial, que é utilizado no ambiente policial quando uma pessoa é detida, para explorar de forma irônica o encerramento do processo de afastamento da ex-presidenta. Mostro por meio das setas, na capa abaixo, como o uso da cor de fundo (em vermelho) na manchete e a imagem (sombreada) corroboram a hipótese de ‘aniquilamento’ da figura de Dilma. Essas estratégias serão exploradas mais a frente ao longo desta análise no estudo não-verbal das capas.

Figura 31 - Elementos presentes nas manchetes



Manchete faz alusão à morte de Dilma no cenário político. A cor vermelha de fundo na capa e a foto da ex-presidenta sob o aspecto de sombra reforça esse sentido.

Fonte: Elaborado pela autora.

Por último, o *Diário Catarinense* em “A Despedida”, capa destacada a seguir, também traz a chamada como sinônimo de partida, apresentando ainda um tom de espetacularização/dramatização (encenação do discurso da informação) ao processo de *impeachment*. A manchete parece remeter a um título de filme e convoca o leitor a fazer parte

do processo de despedida de Rousseff como em um roteiro de longa metragem. Para Orlandi (1999) o interdiscurso “permite, por exemplo, remeter o dizer da faixa a toda uma filiação de dizeres, a uma memória, e a identificá-lo em sua historicidade, em sua significância, mostrando seus compromissos políticos e ideológicos”. (ORLANDI, 1999, p. 32).

É importante salientar ainda que ao mesmo tempo em que o jornal trabalha o lado negativo da saída da ex-presidenta, ele apresenta nas chamadas inferiores da página e de menor destaque as alternativas positivas que vão trazer o desenvolvimento para o país, sendo: “Quem são os novos ministros” e “Os setes desafios para o Brasil voltar a Crescer”. O efeito desses enunciados é o de que a saída de Dilma Rousseff é um divisor de águas:

Figura 32 - Espetacularização da manchete



Manchete de capa é apresentada em tom de espetacularização do processo de *impeachment* e de apagamento da figura de Rousseff.

Fonte: Elaborado pela autora.

As capas analisadas vão ao encontro do que afirma Charaudeau (2006), ao destacar que os acontecimentos precisam ser nomeados pela a mídia para existirem e fidelizarem os leitores. O teórico cita a complexidade da mídia ponderando que ela é marcada por um paradoxo, que envolve questões como a objetividade e a dramaticidade, conforme observamos na chamada acima em “A despedida”. “Por um lado, pretende transmitir a informação da maneira mais objetiva possível, e isso em nome de valores cidadãos, por outro, só pode atingir a massa se dramatizar a cena da vida política e social.” (CHARAUDEAU, 2006, p. 243).

Além das marcas textuais apresentadas na análise verbal, as imagens presentes nas capas também retratam a construção discursiva dos jornais que perpassa pela escolha e a apresentação dos recursos não-verbais. Segundo Rojo (2012, p. 19), “as imagens e o arranjo

da diagramação impregnam e fazem significar os textos contemporâneos - quase tanto - ou mais que os escritos ou a letra.”

Seguindo essa premissa, as três capas em análise apresentam imagens em comum da ex-presidenta Dilma Rousseff, que ocupam pelo menos duas colunas e aparecem ainda como a fotografia principal da primeira página dos veículos. O uso de imagens recorrentes parece promover efeitos de sentidos nos leitores, reforçando este apagamento da imagem de Dilma no cenário político. Joly (2007, p. 96) chama a atenção que “para Barthes uma imagem quer sempre dizer uma coisa para lá daquilo que ela representa em primeiro grau, isto é, ao nível da denotação.”

Figura 33 - Alteração da cor das fotografias



Fonte: Elaborado pela autora.

Uma das estratégias não-verbais interessantes e recorrentes utilizadas para reforçar o apagamento da ex-presidenta foi alterar o uso da cor nas fotografias. Destaco nas capas acima que essa ação permitiu que as fotos assumissem um aspecto de vulto ou sombra, contribuindo assim para a figuratização do apagamento/silenciamento da figura de Rousseff.

Esse processo pode ser caracterizado no jornalismo, segundo Guimarães (2003), como *Sonegação*. O pesquisador lembra que se a intencionalidade do enunciador for encobrir alguma informação, a supressão da cor-informação pode ser considerada como uma ação negativa de maior gravidade. Guimarães (2003) traz a citação de Romano (1998, p. 165-166), que:

Considera o silenciamento, conceito correlato ao de sonegação, uma das técnicas de manipulação. Por silenciamento, Romano entende o não dizer o que deve ser dito, por modo seletivo. “sem explicar a essência do sistema, sem contexto”. Para ele o silenciamento é mais difícil de ser percebido pelos receptores que se sentem satisfeitos, de alguma forma, com as informações que recebem. (GUIMARÃES, 2003, p. 116).

É importante evidenciar que esse apagamento descrito acima fica marcado nas fotos. Uma das estratégias utilizadas pelo veículo foi a descaracterização da figura de Rousseff, através do ângulo em que a foto foi produzida. Joly (2007) em uma das suas análises sobre imagem e imaginário, lembra o papel que a fotografia tem de criar cenários e alimentar a imaginação dos leitores. “A análise das palavras inspirada pela fotografia, mostrar-nos-á como a teoria nos permite compreender a razão pela qual a fotografia, mais do que qualquer outra imagem, pode engendrar o sonho e a ficção.” (JOLY, 2007, p. 142).

Nesse sentido, em *O Tempo* e no *Diário Catarinense*, Dilma aparece cabisbaixa, com o rosto e o corpo inclinados para baixo também comunicando e sugerindo um sinal de derrota ao leitor. Na primeira capa, ela está representada como uma figura pensativa, enquanto que no *Diário Catarinense*, Rousseff é clicada em uma posição que parece fazer um gesto de reverência, aparentando um semblante de tristeza. Segundo Sousa (2002), esse recurso utilizado pelo fotógrafo é caracterizado como “plano picado”, em que “a tomada de imagem faz-se de cima para baixo, tendendo desvalorizar o motivo fotografado.” O sentido ao olhar as fotos é o de vivenciar o luto e a tristeza da ex-presidenta.

Figura 34 - Fotos como tristeza ou derrota



Fonte: Elaborado pela autora.

Diante dessa afirmação, ressalto ainda que no jornal *O Tempo* o crédito da fotografia indicia, conforme constatei na imagem a seguir, que a foto de Dilma Rousseff foi executada pelo fotógrafo Duda Sampaio, da Agência Estadão, em 06 de maio de 2016, em um outro contexto, completamente diferente ao do seu *impeachment*. É preciso lembrar que esse profissional já ganhou prêmio ao fazer uma foto depreciativa da ex-presidenta, que simulava o rosto de Dilma em chamas, criando um interdiscurso com a época da inquisição.

Figura 35 - Fotografias em diferentes contextos

A imagem foi feita pelo fotojornalista em 06 de maio de 2016, conforme informação que consta no crédito da fotografia.



Fonte: Elaborado pela autora.

Já o *Super Notícia* optou por apresentar a imagem de perfil de Dilma, focando somente no rosto, utilizando do efeito cromático da cor preta para dar destaque a ela. A fotografia ganhou ainda mais visibilidade ao ser projetada em um fundo vermelho, sendo carregada de simbologia ao significar e fazer uma associação com a cor do PT, da esquerda, da agressividade e até da morte/apagamento. De acordo com Guimarães (2000, p. 129), “o vermelho quando escurecido ou colocado junto ao preto, torna-se negativo, pois se aproxima da ideia de sangue derramado.”

Gomes (2008) retrata que:

As fotografias não se apresentam isoladas no texto jornalístico: emolduradas pela manchete, subtítulo, subtítulo, legenda e relato escrito, que imprimem nas imagens determinados efeitos, também apontam certa maneira de ler o verbal, já que são primeiramente percebidas. (GOMES, 2008, p. 104-105).

Uma constatação dessa afirmação foi a estratégia do veículo em dispor a fotografia junto ao título da chamada na cor branca e em letras em caixa alta, chamando ainda mais a atenção do leitor para a manchete, proporcionando uma sequência hierárquica às informações (título, foto e fundo), o que fundamenta, assim, a definição de Discini (2003), para o estilo enunciativo sensacionalista, que pode ser comparado como “uma voz discursiva que grita”. Conforme certifiquei na imagem a seguir:

Figura 36 - A linguagem não-verbal nas capas



Fonte: Elaborado pela autora.

O jornal *Tribuna* do Paraná em sua manchete de capa “Pra frente, Brasil” ao enunciar a locução adverbial “Pra frente” indica um passo positivo na história do país mediante a saída de Dilma Rousseff do governo por meio do processo de *impeachment* e a entrada de Michel Temer como novo presidente da República. O uso dessa locução assinala o pressuposto de que o Brasil estava “andando para trás” no governo da ex-presidenta, de acordo com o que sinalizei a seguir:

Figura 37 - Volta do progresso no país

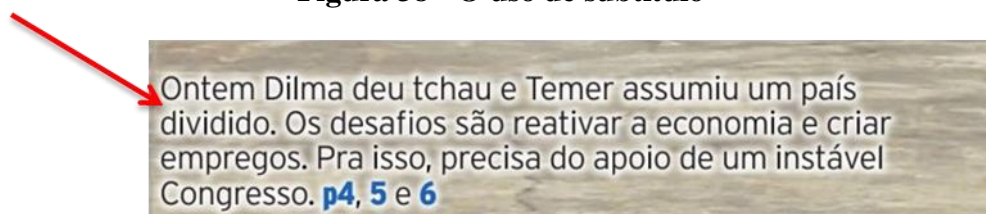


Fonte: Elaborado pela autora.

O veículo retoma o hino de futebol brasileiro “Pra frente, Brasil”, divulgado na década de 1970, criado para apoiar os jogadores da seleção brasileira de futebol durante a Copa do Mundo. É importante lembrar que essa época foi marcada pelo regime político da Ditadura

Militar, sob o governo Médici. O jornal paranaense faz uma analogia dessa música com a volta do progresso, em que o novo governo de Temer chega para restaurar a ordem e o progresso ao divulgar as novas ações do político no poder, visando ao crescimento do país. Esses sentidos podem ser reafirmados e indiciados no seguinte trecho do texto: “os desafios são *reativar* a economia e *criar* empregos.” Segundo Orlandi (2001, p. 27), as palavras falam com (outras palavras), ou seja, “Pra frente, Brasil” dialoga com a expressão “reativar a economia e criar novos empregos”, estabelecendo um antagonismo entre o governo Dilma e o governo Temer no que se refere às questões econômicas do país. Segue o subtítulo¹¹ publicado na capa do jornal:

Figura 38 - O uso de subtítulo



Fonte: Elaborado pela autora.

Parece-me que essa mesma estratégia discursiva pode ser lida no jornal *Diário do Nordeste* em “Dilma cassada”. O verbo “cassada” no particípio sinaliza a perda e o fim do mandato político da Rousseff, reforçado com a informação do placar do *impeachment* na sessão do Senado em “65 votos a favor e 20 contra.” Dessa forma, o veículo mostra aos leitores o resultado expressivo da votação, fazendo ainda referência à última instância do processo de *impeachment* e associando a imagem de Rousseff ao Partido dos Trabalhadores no trecho “... sentença histórica no Senado, que pôs um fim a 13 anos de governo petista no País”. Conforme:

¹¹ O termo “subtítulo” no Jornalismo se refere ao título que é divulgado abaixo da manchete principal. Veja mais detalhes a respeito dos elementos constitutivos da capa de jornal no 4 ° capítulo desta dissertação.

Figura 39 - Fim de mandato

Uso do verbo “cassada” no título e a divulgação do placar no entretítulo como artifícios para ressaltar a derrota da ex-presidenta no Senado.

O jornal dá voz ao presidente Temer, em uma fala que insinua que o país estava em crise com Dilma Rousseff.



Fonte: Elaborado pela autora.

Já no enunciado “Temer: ‘colocar o país nos trilhos’” o jornal concede voz ao novo presidente da República com a fala dele marcada entre aspas na manchete de capa. O uso do verbo “colocar” no indicativo tem o sentido de “por em algum lugar ou local”. A expressão popular “colocar nos trilhos” faz referência aos vagões que só andam se estiverem encarrilhados na via de ferro. Nesse caso, ao empregar essa metáfora o veículo aponta para a necessidade da retomada do desenvolvimento do país. Fato que é reforçado na frase: “... no discurso de posse, Temer prometeu uma *nova era* para a maior economia da América Latina”. É importante ressaltar que o *Diário do Nordeste* ao publicar esse período em sua capa mostra seu posicionamento ideológico, sugerindo que durante o governo de Dilma Rousseff o Brasil estivesse em crise ou fora de controle.

As pistas verbais descritas nas análises acima também apontam para um silenciamento dos jornais no que se refere à Dilma Rousseff. O *Tribuna*, ao publicar “Ontem Dilma deu tchau”, mostra esse apagamento ao apresentar Rousseff como figura que faz parte do passado na história política do Brasil. No *Diário do Nordeste*, a ex-presidenta ainda aparece como figura pública fora do cenário político com o seu mandato anulado no processo de *impeachment*, explicitado pelo enunciado “Dilma cassada”, além de ter sua voz silenciada quando o veículo optou por oferecer destaque no texto somente ao presidente Michel Temer.

Marcuschi (1991, p. 92) expressa o poder da mídia ao chamar a atenção para o fato de que “as estratégias jornalísticas para relatar opiniões não são uma mera questão de estilo, pois as palavras são instrumentos de ação e não apenas comunicação.” Nesse sentido, Orlandi (2015) ressalta que ao não enunciar certas palavras, os veículos estão proibindo certos sentidos.

Segundo ela,

proíbe ao sujeito ocupar certos “lugares”, ou melhor”, proibem-se certas “posições” do sujeito. A censura pode ser compreendida como a interdição da inscrição do sujeito em formações discursivas determinadas. Consequentemente, a identidade do sujeito é imediatamente afetada enquanto sujeito-do-discurso. (ORLANDI, 2015, p. 72).

Na análise não-verbal, no que se refere às fotografias de capa, observei que tanto o *Tribuna* como o *Diário do Nordeste* promoveu o apagamento da imagem de Rousseff por meio de artifícios como a escolha e o ângulo das fotografias. Nesses veículos, Dilma aparece de costas nas imagens, tendo, assim, seu papel anulado nas manchetes, como retratam as capas:

Figura 40 - Apagamento discursivo de Dilma



Notem como nos dois enunciados os veículos publicaram a imagem da ex-presidenta de costas.

Fonte: Elaborada pela autora

No caso do jornal *Tribuna*, ao enunciar a imagem de capa, foi escolhido o artifício da *Trucagem*¹², em que a edição do jornal parece aferir sentidos à fotografia. Assim, o veículo publica uma foto espontânea de Dilma Rousseff, executada enquanto ela acenava para o povo durante a posse do 2º mandato como presidenta da República no Palácio do Planalto. Ressalto

¹² Esse e outros processos de conotação listados por Barthes (1961) que criam sentidos à fotografia foram descritos a partir da página 60.

que a imagem clicada em um determinado contexto foi selecionada para enunciar a saída da ex-presidenta do poder, em um contexto completamente diferente.

Sendo assim, a cena fotografada ganha um sentido distinto na capa retratada abaixo. Na publicação da fotografia de Rousseff a edição do jornal transforma um aceno em um gesto de despedida. A ação é reforçada pelo texto presente na chamada de capa: “Ontem, Dilma deu tchau”, de acordo com a marcação abaixo:

Figura 41 - Função da fotografia

Em um processo de “Trucagem”, o jornal transforma o aceno de Dilma Rousseff em um sinal de despedida.



Fonte: Elaborada pela autora.

O jornal paranaense infringiu o princípio da ética no jornalismo ao divulgar uma fotografia de arquivo como se fosse atual, sem sinalizar ou fazer referência do processo para os leitores. Sobre essa questão, Sousa (2002) adverte que:

Poderá fazer-se manipulação fotográfica desde que o observador saiba que ela foi feita e em que moldes ela foi feita, e desde que sirva para tornar a comunicação fotojornalística em comunicação mais útil. Não se deve fazer alteração de fotografias caso esses pressupostos não existam. (SOUSA, 2002, p.148).

Outra ação discursiva que merece destaque é o enquadramento dado à fotografia. O veículo dispôs da imagem de Dilma Rousseff em um plano geral muito comum em fotos panorâmicas de paisagens, em que permite que sejam contemplados mais de um elemento na cena. Notem que a imagem dela aparece no final da foto junto ao mastro da bandeira do Brasil e ao lado de um integrante da guarda presidencial, permitindo que o leitor caracterize e tenha uma visão da cena toda. “Ao colocar-se o tema fora do centro, obriga-se o olhar do observador a mover-se pelo enquadramento e permite-se a esse observador uma melhor observação contextual do ambiente que rodeia o motivo.” (SOUSA, 2002, p. 81). No caso em estudo, Rousseff está à margem das atenções na foto, pois a imagem dela compõe a fotografia. Os elementos que se destacam nessa capa são a imagem simbólica da bandeira do

Brasil, representando a pátria, e o título da matéria que foi inserido na fotografia, que estão à vista do olhar do leitor. Joly (2007) chama a atenção que este é um recurso utilizado pela mídia que caracteriza as imagens como figurativas, “traços escolhidos da própria realidade, tendendo desse modo a fazer esquecer o seu caráter construído e escolhido”. (JOLY, 2007, p. 105).

Figura 42 - Fotografia de Rousseff



Fonte: Elaborado pela autora.

Primeiro destaque como a bandeira do Brasil é enquadrada na imagem compondo parte do cenário da foto, fazendo essa referência ao país e também à imagem registrada em um ambiente institucional. Em segundo lugar, ressalto as cores do título. Guimarães (2000, p. 134) aponta que “a cor, quando ocupa o espaço destacado e adequado, adquire uma simbologia e pode ser utilizada a favor da comunicação e da informação.” É o que acontece nesse caso. No título, o amarelo aparece em contraste com o branco, dando destaque para a palavra “Brasil”. O uso da cor amarela em “Brasil” insinua uma conexão com o progresso, fazendo uma ponte com os elementos discursivos como os movimentos a favor do *impeachment*, em que os manifestantes saíram às ruas vestidos com roupas nas cores verde e amarelo, em referência à bandeira do Brasil, em favor do afastamento de Rousseff do poder.

Figura 43 - Recursos não-verbais aplicados à fotografia

O uso da cor amarela no título faz conexão com o patriotismo e progresso.



Imagem foca na bandeira do Brasil em movimento, simbolizando as mudanças com a saída de Rousseff.

Fonte: Elaborado pela autora.

Já o *Diário do Nordeste* ao escolher a foto de capa se valeu de uma imagem de *Sintaxe*, processo nomeado segundo (Barthes 1961 apud Souza 2002), quando as imagens que têm sentidos diferentes ao serem colocadas pelos editores do jornal próximas umas das outras acabam assumindo um novo significado enunciativo. Na capa desse jornal, de acordo com as fotografias retratadas a seguir, as fotos de Dilma Rousseff e de Michel Temer aparecem lado a lado como uma foto sequência, oferecendo um sentido histórico e temporal das imagens ao leitor. Na fotografia principal Dilma sai do poder com o processo de *impeachment*, sendo representada pela imagem de costas como se estivesse deixando o governo - e na fotografia secundária - entra Michel Temer na Presidência, o que está marcado pela fotografia do político em plenário acompanhado por seus aliados, com um sorriso largo no rosto, assinando o documento de posse como presidente da República.

Figura 44 - Fotografias em sequência

As fotos são colocadas em uma sequência orientada e significativa.



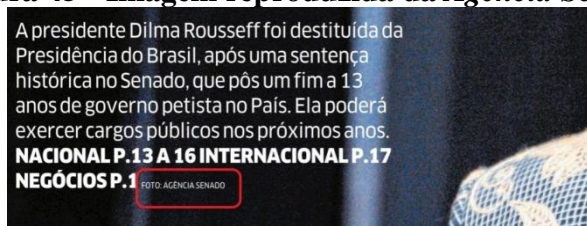
No detalhe – Nas fotos o jornal promoveu o reenquadramento das imagens focando em Dilma Rousseff e Michel Temer.

Fonte: Elaborada pela autora.

Chamou-me à atenção para o fato de que o jornal *Diário do Nordeste* não utilizou fotos próprias na publicação de capa, reproduzindo as imagens cedidas pela Agência Senado,

conforme crédito explicitado na imagem abaixo. É interessante registrar que ao publicar as imagens, o veículo acabou repercutindo um discurso de apagamento de Rousseff e a exaltação da figura de Michel Temer como novo presidente do país. Assim, a Agência Senado aparece como produtora e distribuidora de narrativas imagéticas e o jornal como replicador dessa política de verdade. São os discursos circulando e produzindo verdades de um momento histórico.

Figura 45 - Imagem reproduzida da Agência Senado



Fonte: Elaborado pela autora.

Ainda com relação às imagens, o veículo recorreu a um recurso usual no fotojornalismo que é o reenquadramento das fotos. Sousa (2002) acentua que esse artifício possibilita que o leitor concentre a sua atenção no motivo da fotografia, nesse caso, em Rousseff e Temer. O jornal retirou da cena elementos que desviassem o olhar do público como a bandeira do Brasil, que foi excluída do cenário da foto da ex-presidenta, enquanto os rostos dos políticos foram cortados na fotografia em que Michel Temer assina sua posse. O veículo utilizou também o fundo preto da foto de Dilma Rousseff para dar um ar fúnebre ao seu afastamento e colocou um fundo branco para destacar a fala e a foto de Temer.

7.2 Ironia

Apresento para análise a seguir a presença de estratégias enunciativas e discursivas presentes em quatro capas das 16 investigadas, que se enquadram na categoria *Ironia*. Nesta seção pretendo trabalhar a dimensão discursiva desse fenômeno de linguagem e apontar as pistas e os efeitos do seu uso, que aparecem nos enunciados das primeiras páginas dos veículos investigados, tanto sob o aspecto verbal (uso de verbos, advérbios, conjunções adversativas, de termos pejorativos, inserção de aspas simples, entre outros) como pelo aspecto não-verbal, através de fotos, *emoticons*, foto-ilustração, cores, dentre outros), empregados como estratégias de argumentação e persuasão dos veículos impressos, no que se

refere ao tratamento debochado que os veículos oferecem à imagem de Rousseff durante o período do *impeachment*.

Ao analisar o *corpus*, retomo algumas indagações de Gregolin (2007, p. 12), que motivaram a minha investigação: “Quais as funções desempenha o riso mobilizado pela mídia no campo da política? Quais são os efeitos desse humor e da derrisão quando a grande mídia constrói acontecimentos políticos?”. Essas foram algumas das questões que permearam a minha investigação.

Segundo a pesquisadora, o efeito irônico inscrito na materialidade da linguagem, assim deixa de ser um recurso apenas e adquire historicidade, especialmente, ao retratar determinado acontecimento histórico como é o caso do *impeachment* de Dilma Rousseff.

É o que observei em alguns dos enunciados de capa (manchetes, chamadas e imagens), em que os veículos parecem realizar suas escolhas de composição dos textos jornalísticos sobre o *impeachment*, empregando a linguagem verbal e não-verbal por meio da ironia. Brait (1996, p. 15), classifica este recurso como uma “estratégia de linguagem que, participando da construção do discurso como fato histórico e social, mobiliza diferentes vozes, instaura a polifonia, ainda que a polifonia, não signifique, necessariamente, a democratização dos valores veiculados ou criados.”

Ao longo das análises, ou seja, na observação do uso de diferentes vozes dentro do texto, apresento de que forma é realizado esse resgate memorialístico dos enunciados e como é feita a associação da imagem de Rousseff a diversos tipos de estereótipos. Assim, será possível reconhecer elementos que foram empregados para promover a descaracterização da imagem de Dilma enquanto figura pública e de autoridade como também a fim de criar novos “personagens” para ela.

É importante enfatizar que a ironia é um aspecto histórico, empregado e tratado nos textos, desde a época de filósofos como Aristóteles, Sócrates, entre muitos outros. Mesmo sendo um elemento recorrente discursivamente em textos de gêneros diversos, no Jornalismo esse recurso é mais utilizado em jornais populares. O que é interessante ressaltar é que no caso das capas pesquisadas nesta categoria, o uso dessa figura de linguagem parece ser empregada disfarçada de humor, se apresentando como um aspecto discursivo recorrente nos enunciados que serão analisados ao longo desta seção.

Dessa forma, com a utilização dessa estratégia, o locutor parece se isentar da sua responsabilidade enquanto enunciador e o leitor acaba como o co-produtor neste processo de significação, ficando os efeitos de sentido por conta de quem está lendo a matéria. É o que Brait (1996) classifica como um processo de interdiscurso irônico: “Parece possível flagrar a

ironia como categoria estruturadora de texto, cuja forma de construção denuncia um ponto de vista, uma argumentação indireta, que conta com a perspectiva do destinatário para concretizar-se como significação.” (BRAIT, 1996, p. 16). Assim, os jornais levam para a cena enunciativa elementos que são de conhecimento e interesse do público, afim de que ele possa compreender a mensagem e, posteriormente produzir sentidos sobre o texto.

O leitor acaba sendo um intérprete dos sinais enunciativos oferecidos pelos veículos em suas capas, seja por meio da linguagem verbal ou da não-verbal. Para Brait (1996), a ironia pode ser caracterizada como um aspecto particular do humor, um processo discursivo passível de ser observado em diferentes manifestações de linguagem, que pode ser considerada como “traço de linguagem revelador de um ponto de vista, um olhar sobre o mundo, que requer tanto do produtor quanto do destinatário uma competência discursiva especial, significa, de antemão, saber o quanto isso poderia representar em extensão e repetição.” (BRAIT, 1996. p. 13).

Segundo a linguista, o humor tem a sua natureza significativa marcada por valores sociais, culturais, morais ou de qualquer outra espécie. Ela chama a atenção para esta linha tênue que separa o humor da ironia, que está cada vez mais presente nas primeiras capas dos veículos impressos brasileiros:

É curioso observar que a instauração de um discurso ambíguo, que pode ser de natureza irônica ou não, acontece com uma certa frequência nas primeiras páginas de jornais brasileiros, apontando para a possibilidade de um discurso jornalístico informativo colocar sua dominante linguagem referencial e objetiva ao lado de uma ambiguidade expressiva, com vistas ao humor e à crítica sutil em lugares onde esses dois elementos não são esperados. (BRAIT, 1996, p. 66).

Gregolin (2007) explica que a mídia é uma fonte inesgotável dessas mensagens ou discursos, que repetem certas ideias, em que o leitor é instigado a concordar com aquilo que é dito e a acatar o aparente consenso instaurado pelo riso. É essa polêmica que pretendo desmistificar e apontar no decorrer desta minha análise: o momento em que a ironia aparece nas capas dos veículos “disfarçada” de humor.

Conforme Brait (1996), esses dois elementos podem ser considerados como formas de sátira, “mas a segunda tem uma natureza mais retórica e, muitas vezes vem como “mecanismos discursivos” produtores de efeitos de sentido considerados humorísticos procurando focalizar exclusivamente as articulações configuradas pela ironia como confluência de discursos, como cruzamento de vozes.”

A pesquisadora é categórica ao afirmar que este discurso não só contribui para a disseminação como também para a formação de pré-conceitos do leitor:

No discurso, a função referencial, informativa, dependendo do ângulo de análise, pode colocar-se em um segundo plano, cedendo o destaque para as representações imaginárias, ideológicas, que necessariamente constituem o discurso, a linguagem. Essas representações não apenas refletem contextos, expõem determinados valores de época, mas como linguagem, têm o poder de cristalizar e mesmo constituir valores. (BRAIT, 1996, p. 41).

Para ela, a ironia funciona como um posicionamento dos jornais, da seguinte forma:

Fazendo funcionar a argumentação indireta como maneira de informar ou mesmo educar. Assim sendo, se a ironia ridiculariza um alvo, por outro ela procura, por sua engenhosidade e pelo risco de não se efetuar, o rir da cumplicidade e da conveniência. (BRAIT, 1996, p. 54).

As vozes que falam na mídia fazem eco a outros ditos que vêm de outros lugares da sociedade, afirma Gregolin (2007). “Nunca se diz nada por dizer, porque o simples fato de dizer já insere o dito no fluxo da história e dos poderes.” (GREGOLIM, 2007, p. 22-23).

O primeiro recorte analítico da categoria *Ironia* refere-se às capas dos jornais *Tribuna* (PR) e *EXTRA* (RJ). Conforme ressaltado a posteriori, nas primeiras páginas os dois veículos apresentam as manchetes de uma forma diferente da maior parte das capas tradicionais publicadas em jornais. Segundo Ferreira Júnior (2003), capas como essas são classificadas como “páginas-posters”, apresentando um ou um pouco mais de um elemento gráfico que toma conta da página se assemelhando aos cartazes. “A página-cartaz elabora um texto visual extremamente rico e, ao mesmo tempo, com um grau de fluência semântica enorme, semelhante a qualquer expressão verbal.” (FERREIRA JÚNIOR, 2003, p. 105).

É importante salientar que além da disposição inusitada das chamadas nas capas dessas duas edições, existe um tom de ironia ou deboche nas manchetes ao utilizar elementos de cunho sarcástico ou pejorativo na imagem de Dilma Rousseff e do PT. A seguir mostro de que forma tais elementos se apresentam nos dois veículos:

Figura 46 - Manchetes irônicas e debochadas



No que se refere ao aspecto verbal das chamadas, o jornal *Tribuna* utilizou da hashtag “#PARTIU”, uso da linguagem característica das redes sociais em seu enunciado, marcando a relação de intergêneros (intergenericidade), em que consiste na mistura de um gênero sob outro, neste caso do gênero “Chat de WhatsApp” sob o gênero “Capa de Jornal”, que foi incorporado à narrativa jornalística do jornal impresso, com a intenção de criar efeito humorístico, mas também de aproximação e cumplicidade entre enunciador e enunciatário. Bakhtin (2003, p. 268) afirma que “a passagem de um estilo de um gênero para outro não só modifica o som do estilo nas condições de gênero que não lhe é próprio como destrói ou renova tal gênero”. Então neste caso, o gênero capa de jornal (A) assumiu o gênero de chat de WhatsApp (B) para dar sentido ao texto.

Essa gíria “#PARTIU”, comum entre os brasileiros, é utilizada para designar a ação de “ir a algum lugar junto/acompanhado, como se fizesse um convite ao “vamos”. A expressão foi selecionada para noticiar o afastamento provisório da ex-presidenta Dilma Rousseff do cargo de presidenta da República. Além disso, ao mesmo tempo, o veículo também escolheu o verbo “partir” no passado no sentido de aliteração: de estar “dissociado” ou “dividido” em partes, reforçando assim, o sentido de quebra e rompimento do PT. Esta escolha vem reforçar e ironizar a situação do Partido dos Trabalhadores após o processo de *impeachment* de Rousseff, com a derrocada de anos à frente do poder na presidência da República, no envolvimento em escândalos da operação Lava Jato e por estar imerso na crise política brasileira.

A seguir mostro como o texto utilizado no entretítulo reforça esse sentido da escolha do verbo na chamada de capa do jornal paranaense:

Figura 47 - Perda de poder do PT

Entretítulo que explica o uso do verbo na chamada de capa no seguinte trecho: “o Partido dos trabalhadores desce a rampa do Planalto”.



#PARTIU

Impeachment não derruba apenas Dilma Rousseff da presidência, mas sim o projeto de poder de um partido, de um grupo, de um líder sindical. Depois de 14 anos, o Partido dos Trabalhadores desce a rampa do Planalto.



Fonte: Elaborado pela autora.

Já o jornal *EXTRA*, conforme destaque abaixo, na encenação da informação, privilegiou as formas não-verbais em detrimento de textos verbais. Essa característica marca a cena enunciativa do veículo ou cenografia defendida por Maingueneau (1997, 2006)¹³, permitindo que o diálogo com o leitor se materialize pelas escolhas linguísticas e das imagens - tela de celular no aplicativo WhatsApp com a transcrição de uma conversa no grupo denominado como “Patota de Brasília”.

As imagens e os diálogos publicados na capa do veículo simulam uma conversa no aplicativo (APP) com uso de texto, fotografias e *emoticons*, elementos que na rede social podem ser adicionados ao APP, utilizados como forma de comunicação e de grande alcance popular. É possível observar que, na capa abaixo, o diálogo estabelecido na chamada do *EXTRA* visa utilizar uma imagem o mais real possível do que ocorre no aplicativo WhatsApp. A conversa é datada do dia 11 de maio, dia do início do processo de *impeachment* de Rousseff no Senado.

Aponto de que forma alguns elementos presentes na manchete a seguir apresentam o tom da informação:

¹³ Discorri sobre a relação entre gêneros discursivos no 4º capítulo, na página 59, em que abordei o papel da Cenografia, nas cenas de enunciação sob a teoria de Maingueneau (1997).

Figura 48 - Cenografia do WhastApp na manchete

Nome do grupo “Patota de Brasília” estabelece um tom pejorativo à informação. Diálogo do dia 11 de maio de 2016, data de votação do processo de *impeachment* no Senado.

O primeiro diálogo: “PMDB - Bom dia, Grupo”! Marca o tom de euforia à conversa, que é reforçado pelo uso da exclamação ao final da frase e pelos emoticons.



Fonte: Elaborado pela autora.

Quanto ao uso das formas verbais, o jornal priorizou os verbos no presente e no passado com a intenção de marcar e informar os acontecimentos temporais como a votação do *impeachment*, a saída de Dilma Rousseff e a posse de Michel Temer como novo presidente da República.

Ao enunciar o primeiro texto “Bom dia, grupo”! o *EXTRA* inicia o diálogo com uma fala do PMDB, partido do presidente Michel Temer, parecendo mostrar um tom de euforia no enunciado ao dar abertura à conversa no grupo “Patota de Brasília”. Segundo Bakhtin (2003, p. 291) “em certa situação a palavra pode adquirir um sentido profundamente expressivo na forma de enunciado exclamativo [...]”

Conforme ênfase abaixo, o jornal em “É HOJE” faz uso dessa expressão popular que reforça a ideia de expectativa e de alegria pela realização de algum acontecimento, que fica reiterada pela fotografia de Michel Temer sorridente. Assim, ele parece comemorar a chegada do dia da votação do afastamento de Dilma Rousseff pelo Senado, de acordo com as marcações das setas a seguir.

Figura 49 - Elementos enunciativos na capa

A escolha da expressão popular “É HOJE” retrata tanto a questão temporal, como também passa a ideia de euforia pelo afastamento de Rousseff.

O verbo “saiu” no passado marca a destituição de Dilma do poder.



Fonte: Elaborado pela autora.

Ao lançar mão da estratégia humorística por meio da intergenericidade, o *EXTRA* acaba esvaziando a dimensão política do fato do *impeachment* e trata o episódio histórico como uma mera sucessão presidencial. Já no enunciado "Dilma *saiu* do grupo", como é destacado acima, há um comunicado ao leitor do afastamento da presidenta do cargo. O verbo “sair” no infinitivo e no passado já aponta que Rousseff não está mais no comando do país. O fato de ela sair do grupo a coloca afastada de todo o processo político brasileiro. Essa analogia com o aplicativo do Chat de WhatsApp vai oferecendo pistas para os leitores quanto aos desdobramentos do processo de *impeachment*.

Nas duas chamadas posteriores ao anúncio da saída de Dilma, aparece a fala de dois personagens políticos importantes na história do *impeachment* como também da política brasileira. Aponto de que forma o veículo apresenta Eduardo Cunha e Fernando Collor no diálogo de capa:

Figura 50 - Emoticons

Na fala de Cunha, a linguagem não-verbal dos emoticons parece ser empregada como o não-dito para significar: vingança, sarcasmo, o mal, o negativo e o indesejável.

Já no enunciado do Collor, o emoticon faz referência ao sentido de revanche.



Fonte: Elaborado pela autora.

Na capa, primeiro aparece Cunha, presidente da Câmara dos Deputados, que foi o responsável por abrir o processo pelo afastamento da ex-presidenta. Ele aparece na chamada com sua fala apenas retratada por *emoticons*, ironizando a saída de Rousseff, com figuras que têm, respectivamente, o significado “de chorando de tanto rir” e da imagem de diabo, ou seja, aquele que foi o traidor e inquisidor, responsável por abrir o processo de *impeachment* de Rousseff.

Enquanto que na fala de Fernando Collor -“A história me *reservou* esse momento”- o verbo no passado faz referência à votação do *impeachment* realizada em 11 de maio, dia anterior à publicação do jornal. Também é possível entender que o político aguardou o resultado do afastamento de Rousseff, que foi marcado por mudanças na história do cenário político brasileiro, assim como foi o processo de *impeachment* sofrido por ele. Essa chamada tem um caráter irônico dentro do enunciado, que é certificado pelo emoticon escolhido para fazer parte do diálogo. Assim, a ironia se refere ao fato que, além dele outro chefe da nação sofreu o processo de afastamento de suas funções, em circunstâncias diferentes.

Em contrapartida à saída de Dilma, no final da chamada, aparece o enunciado “Temer agora é o novo administrador do grupo”, o verbo no presente indicia o resultado da votação e que o vice-presidente assume interinamente a presidência da República. O advérbio “agora” marca a questão do tempo e do espaço da troca de poder. Neste caso, existe um jogo do enunciado com a cena característica do gênero escolhido. É importante ressaltar que o aplicativo comporta essas “falas” quando alguém participa de um grupo e sai dele ou quando há mudanças de quem o administra, informação que fica disponível para todos que fazem parte do grupo. Consequentemente, fica claro que Temer será o novo presidente do país e que Dilma Rousseff não faz mais parte do grupo “Patota de Brasília.”

Conforme Joly (2007):

Na maior parte das vezes a complementariedade verbal de uma imagem pode não ser apenas esta forma de ligação. Consiste em dar à imagem uma significação que parte dela, sem que todavia lhe seja intrínseca. Trata-se então de uma interpretação que ultrapassa a imagem, desencadeia palavras, uma ideia que é o seu suporte, mas que a ela simultaneamente está ligada. (JOLY, 2007. p.140).

No que se refere às estratégias não-verbais selecionadas pelo *Tribuna*, como destaquei na capa abaixo, o veículo optou por escolher uma imagem de #hashtag com #PARTIU, linguagem utilizada nas redes sociais e que aos poucos vem sendo incorporada à narrativa jornalística. O jornal paranaense publicou ainda a figura de uma estrela partida ao meio,

contendo poucos recursos cromáticos, apenas enfatizando a cor vermelha sob um fundo branco para dar ainda mais destaque à imagem e a cor do logotipo do PT. Quanto ao uso dessas cores, Guimarães (2000) enfatiza que fundos claros escurecem as cores aplicadas sobre eles, dando mais destaque ao que foi publicado. Portanto, nesse caso, o fundo utilizado ajudou a dar ênfase, não só à imagem da estrela partida como também às letras **P** e **T** no título #PARTIU como um processo de aliteração, em que elas aparecem em vermelho em contraste com o restante das palavras grafadas em preto. Esse recurso simboliza a cor do partido e a associação ao preto também parece fazer referência à derrota e perda de poder no cenário político brasileiro.

Figura 51 - Estratégias não-verbais do *Tribuna*

As cores ficaram destacadas em vermelho para referenciar as cores do PT e também a perda de poder do Partido.



#PARTIU

Impeachment não derruba apenas Dilma Rousseff da presidência, mas sim o projeto de poder de um partido, de um grupo, de um líder sindical. Depois de 16 anos, o Partido dos Trabalhadores desce a rampa do Planalto.

A imagem (foto ilustração) certifica o título da matéria. A logomarca do PT (em formato de estrela aparece descaracterizada e partida ao meio, dando a impressão para o leitor de racha e derrota do Partido.



Fonte: Elaborado pela autora.

Já no jornal *EXTRA*, conforme destaque na próxima figura, o uso cromático da fotografia, de *emoticons* e do recurso da caixa alta marcam os diálogos, a importância e a ordem do enunciado nas chamadas de capa. Destaquei os principais elementos:

Figura 52 - Recursos cromáticos, fotográficos e iconográficos

Presença de emoticons que comunicam através da linguagem não-verbal já institucionalizada no meio social.

Edição de imagens que influenciam na construção de sentido dos leitores.



Uso de cores para marcar a importância da informação dentro do processo enunciativo.

Fonte: Elaborado pela autora.

Ressalto que a cor verde empregada como fundo no cabeçalho que contém o nome do grupo “Patota de Brasília” credibiliza o grupo do WhastApp, dando destaque a ele. A imagem selecionada do Congresso para caracterizar o grupo também oferece referências e situa os leitores sobre o assunto que será tratado no decorrer dos diálogos.

Seguindo esta análise, a fotografia posicionada em um fundo branco e em primeiro lugar no diálogo já marca o posicionamento político do veículo e a importância disponibilizada a esse dado no enunciado. Nela, a cor branca também pode oferecer uma ideia de tranquilidade por parte do presidente Michel Temer, ao garantir a sua permanência no governo como o novo presidente do país e ainda, mostra e faz menção ao branco característico na tela de fundo do gênero “Chat de WhatsApp”.

Ainda no que se refere à construção dos diálogos, evidencio, a imagem do então ministro Jacques Wagner e da ex-presidenta afastada Dilma Rousseff, flagrados pelo fotógrafo em um momento de distração, em que os dois se encontram atrás de uma cortina em uma janela do Palácio do Planalto, compondo a cena enunciativa e dialogando com o público leitor. Charaudeau (2008, p. 247) já nos alertou de que as imagens têm sentido e “a fotografia (que) fixa melhor nas memórias os dramas da vida... Assim, carregadas semanticamente, simplificadas e fortemente reiteradas, as imagens acabam por ocupar um lugar nas memórias coletivas, como sintomas dos acontecimentos dramáticos”.

De acordo com essa afirmativa, é possível constatar essa carga dramática referida pelo teórico do discurso nesse registro fotográfico escolhido pelos editores do jornal *EXTRA*. Na imagem publicada, os personagens políticos são enquadrados à esquerda para oferecer a ideia de espreita. Na fotografia, o ex-ministro Jacques Wagner aparece em um primeiro plano e Rousseff está mais escondida, passando a impressão de que a ex-presidenta está acuada e escusa atrás de uma cortina, observando o movimento na frente do Palácio do Planalto, como se ambos estivessem com medo do resultado do processo de *impeachment*. Existe uma ideia e um sentimento de derrota, que fica certificado pelo enunciado “Dilma saiu do Grupo.” Joly (2007) apresenta esse movimento como uma retórica da imagem, em que outros sentidos são engendrados dentro do texto por meio da forma que esses elementos não-verbais se apresentam no discurso. “A retórica da imagem equivale a interrogarmo-nos acerca desse jogo sobre as formas e o sentido das mensagens visuais e isto a diferentes níveis, que vão desde a observação das estratégias discursivas utilizadas até os estudos dos utensílios mais particulares que elas utilizam.”

Figura 53 - Derrota de Dilma

Fotos editadas que passam um sentido de derrota, acumamento e medo por parte de Dilma Rousseff.



Uso da cor vermelha de fundo na foto para destacar o título e caracterizar o impedimento de Rousseff e a derrota do PT.

Fonte: Elaborado pela autora.

Logo após, no enunciado “Dilma saiu do grupo”, as letras em caixa alta e na cor branca chamam a atenção do leitor em meio a um fundo vermelho, que significa de acordo com Guimarães (2000) a cor da interdição e da proibição, neste caso, retratando e anunciando a perda da presidência por Dilma Rousseff. Existe aí uma referência também à cor do Partido dos Trabalhadores e à conduta política de esquerda. É o vermelho sinalizando mais uma vez a derrota e o golpe. Guimarães (2003) explica que é importante observar o potencial da informação das cores, que se antecipam às formas e aos textos. “As cores irão informar, em primeira mão, qual é a notícia principal da edição”. Ou seja, elas sinalizam e destacam para os leitores quais são as manchetes e chamadas mais importantes da página.

Figura 54 - As cores nas chamadas

Fundo claro característico do WhatsApp



Ao final do diálogo o enunciado é destacado com a cor azul, em caixa alta e com a cor da letra em branco. A intenção deste texto é comunicar a entrada de Temer a frente da presidência. Destaque para o fundo azul, cor que simboliza a serenidade e a mudança.

Fonte: Elaborado pela autora.

Enquanto nos *emoticons* presentes na fala de Fernando Collor "O destino me reservou esse momento" retratam sarcasmo e reforçam a possibilidade de leitura de um sentimento de revanche do político existir no contexto do *impeachment* da Dilma, pois em outra situação na

história do Brasil ele foi protagonista de processo semelhante, respondendo pelos seus crimes com a perda do mandato Presidencial.

Evidencio que nesse enunciado, a informação seguiu uma hierarquia dentro da publicação da notícia, remetendo o leitor a uma cronologia dos fatos. É, dessa forma, que o jornal carioca comunica o afastamento da ex-presidenta Dilma Rousseff e a posse de Michel Temer como presidente interino do Brasil.

Figura 55 - Ironia



Fonte: Elaborado pela autora.

O verbo “arrasa” na manchete “Arrasa, querida”! publicada na capa, no dia 12 de maio de 2016, no jornal *Meia Hora*, ganha um sentido satírico ao desejar sucesso ou êxito à Rousseff, propondo-lhe diferentes oportunidades profissionais após seu afastamento temporário do governo em decorrência do processo de *impeachment*. Já o vocativo “querida” faz referência à forma de tratamento carinhosa usada pelo ex-presidente Lula, mas que nessa situação enunciativa ganha um tom de ironia/deboche. Nas interações cotidianas, essa palavra também é empregada sarcasticamente para nominar desafetos.

A expressão “Arrasa, querida”! dialoga com outro enunciado o “Tchau, querida”, presente no imaginário do povo brasileiro. O enunciado foi muito explorada pela oposição à Rousseff, tanto por deputados a favor do *impeachment*, em 17 de abril de 2016, no plenário do Congresso Nacional, quanto pela população nas manifestações realizadas no mesmo ano em apoio ao processo. O termo também passou a ser amplamente utilizado nas mídias sociais, conforme retratam as imagens:

Figura 56 - Bordão “Tchau, querida!” nas manifestações



Fonte: Elaborado pela autora e adaptado de (NOGUEIRA, 2016); (TCHAU..., 2016).

No contexto relatado acima, o enunciado “Tchau, querida!” retoma a expressão e tem o efeito de afronta à Dilma Rousseff, desrespeitando sua posição enquanto chefe de Estado. O termo “Tchau, querida” foi resgatado em referência à mesma expressão proferida pelo ex-presidente Lula a Dilma em um cumprimento de despedida durante em uma ligação telefônica grampeada pela Justiça Federal. A conversa foi divulgada à imprensa brasileira em 16 de março de 2016, de acordo com o texto publicado na capa do jornal *O Globo*, de 17 de março de 2016 para os seus leitores. Sinalizei no trecho marcado abaixo o momento em que Lula diz a frase para Dilma:

Figura 57 - Conversa de Lula com Dilma



Fonte: Elaborado pela autora e adaptado de (DILMA..., 2016).

Seguindo a análise, o *Meia Hora* ainda no entretítulo da manchete “MEIA HORA dá a maior moral e sugere novas ocupações bem legais pra Dilma” também se utiliza da ironia nesse enunciado. O veículo no trecho “MEIA HORA dá a maior moral...” emprega a expressão popular “dá a maior moral” para simular preocupação com a ex-presidenta, parecendo insinuar que ela não é prestigiada na sociedade. Em “e sugere novas ocupações

bem legais pra Dilma”, ao preferir pelo verbo “sugere” emprega-o no sentido de propor uma ideia e de oferecer um conselho ao apresentar oportunidades debochadas de trabalhos para Rousseff, consideradas como “bem legais” pelo veículo. Além disso, as ocupações escolhidas e indicadas à Dilma são apresentadas em tom de chacota. É interessante destacar que no dia anterior à publicação, em 11 de maio de 2016, a ex-presidenta foi afastada do cargo de chefe de estado provisoriamente por 180 dias. O *Meia Hora*, em dia 12 de maio de 2016, já se antecipava e a colocava como fora do cenário político brasileiro.

Figura 58 - PRONATEC

O jornal ironiza o PRONATEC, programa de capacitação profissional criado pelo governo Dilma.



Fonte: Elaborado pela autora.

Ainda é possível verificar no trecho marcado acima pela seta que o veículo carioca ao publicar no subtítulo manchete de capa “Nem precisa se inscrever no PRONATEC”, estabelece uma referência irônica ao Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e ao Emprego (PRONATEC), criado pelo Ministério da Educação (MEC) no governo de Dilma Rousseff. A iniciativa é voltada para o acesso gratuito a cursos de educação profissional e tecnológica. Portanto, nesse enunciado resgata-se um outro discurso, que é o da ex-presidenta que divulgou incansavelmente o PRONATEC durante o seu segundo mandato de governo e também nos debates políticos na época da sua reeleição, em 2014, como uma alternativa eficiente contra o desemprego e de formação e capacitação de jovens no mercado de trabalho. Dessa forma, o jornal debocha/desmoraliza o Programa ao realizar essa associação com o afastamento de Rousseff do poder e a perda do cargo. O veículo insinua que Dilma ficará desempregada, mas que não será necessário recorrer ao PRONATEC, uma vez que já estão sendo oferecidas em sua manchete de capa sugestões de ocupações profissionais.

Diante da análise dos recursos lexicais, sintáticos e semânticos aplicados nos enunciados na manchete de capa, ressalto que o jornal de forma estratégica parece valer em criar enunciados “criativos” e humorísticos para ultrapassar os limites aceitáveis da comicidade em uma matéria jornalística. O *Meia Hora* faz o emprego de textos que incentivam em um primeiro momento o riso como artifício para marcar o seu posicionamento político e, em uma segunda instância, ainda para debochar, ironizar e até ridicularizar a ex-presidenta em seu processo de *impeachment* e em suas ações de governo como presidenta da

República. Segundo Brait (1996) este é um exemplo da mobilização de recursos produtores de efeitos de sentido. Sobre estes efeitos e a necessidade de distinção entre ironia e humor, Gomes (2008) aponta:

É assim que, por esse recurso ao cômico e ao polêmico, ora o enunciador parece abrir brechas nos limites do quadro ideológico dominante do jornal para um dizer questionador ou não autorizado- e, nesse caso, não se arrisca a tomar uma posição direta demais, quanto mais tratando-se de revelações sobre personalidades públicas tão importantes, resguardando-se por meio de uma voz discreta, de tom gafolheiro, deixando a responsabilidade do dito à interpretação dada pelo leitor - ora, por intermédio do mesmo procedimento controla as possíveis leituras que o enunciatário deve fazer do mundo mostrado nas páginas do jornal. (GOMES, 2008, p. 114).

Já na edição de 1º de setembro de 2016, o *Meia Hora* ao enunciar na chamada de capa “Dilma sai de Brasília” utiliza o verbo “sair” no seu valor intransitivo, exigindo um complemento verbal, que neste caso, pode se referir tanto a um adjunto adverbial de lugar com o “de Brasília” (identificando o local) como também a um adjunto adverbial de modo, mostrando o meio de transporte utilizado por Rousseff para deixar o governo.

Figura 59 - Edição do *Meia Hora* de 1º de setembro de 2016



Fonte: (DILMA..., 2016).

Considero que a primeira associação foi realizada pelo veículo vinculando a perda do mandato da ex-presidenta com a saída dela da capital federal, local em está localizada a sede administrativa do Governo Federal. O verbo “sair”, nesse caso, mostra que Rousseff foi retirada do poder, fato comprovado pelo enunciado do entretítulo: “Por 61 votos a 20, Senado demite a presidente. Temer assume de vez o comando”. Em “... Senado demite a Presidente”, o *Meia Hora* atribuiu a saída ao Senado e o verbo dicendi ‘demitar’ demonstra a ação e o poder do legislativo em destituir Dilma do cargo. Já em “Temer assume de vez o comando”, o

veículo coloca o assume de vez para se referir à presidência definitiva nas mãos do novo governante.

Com o adjunto adverbial de lugar “...sai de Brasília”, o efeito de sentido é o de zombar de Rousseff ao dizer que ela saiu em um carro chamado “Brasília”, dando a entender que ela deixa o Palácio do Planalto e da Alvorada, sede do governo federal, em uma situação de inferioridade, em um carro popular e até fora de uso. Ressalto que essa expressão tem duplo sentido, que esse só pode ser construído se associarmos a chamada principal à imagem presente na capa, numa associação entre o verbal e não-verbal, em Brasília (cidade) com Brasília (carro). Neste caso, a linguagem não-verbal atualiza o sentido da linguagem verbal:

Figura 60 - Sátira



Fonte: Elaborado pela autora.

Ainda no chapéu “Será que temos algo a ‘Temer’?” o jornal emprega o sarcasmo ao colocar o verbo “temer”, no sentido de ter medo, levantando a hipótese de desconfiança sobre a condução política do presidente Michel Temer no poder. Há também nesse enunciado o jogo de palavras com o nome de ‘Temer’. O uso e a presença das aspas simples sinaliza essa marcação.

Por fim, com relação à chamada de capa parece que ela dialoga com a manchete principal publicada no jornal. Ao enunciar “É o meu maior prazer” e “Dilma sai de Brasília” logo na sequência, o *Meia Hora* parece comemorar de forma irônica o afastamento da ex-presidenta mostrando sua ideologia política. Parece existir uma associação entre a chamada e a foto-ilustração, que é caracterizada como interferência de séries por Brait (1996), que também identifica esse processo como de confluência de informações discursivas e ideológicas:

Essa interferência significa a configuração de um espaço discursivo que justapõe dois segmentos textuais pertencentes a formações discursivas diferentes, mas que, pela distribuição na página e por outras marcas textuais específicas, articulam-se, referencializam-se, formando uma unidade motivadora de efeito de sentido irônico. (BRAIT, 1996, p. 36).

Nessa segunda parte da análise discorrerei sobre como a linguagem não-verbal presente na capa abaixo promove articulações com os elementos linguísticos já levantados na primeira parte deste texto:

Figura 61 - Fotomontagens



Na capa acima, o jornal *Meia Hora* apresentou fotomontagens de Dilma Rousseff, dispondo-as em quatro colunas, cooptando a atenção do leitor. Além disso, a uma mesma fotografia da ex-presidenta foram introduzidos elementos não-verbais (como itens de vestuário, maquiagem, acessórios, entre outros), que a identificam com o estereótipo específico das profissões sugeridas pelo veículo à Rousseff.

É importante mostrar que o jornal utilizou como base das fotomontagens a foto oficial da ex-presidenta, publicada no portal do Palácio do Planalto, em 10 de julho de 2011 e, apresentada na montagem a seguir, em uma comparação da fotografia sem as interferências e junto às três fotomontagens de Dilma, que selecionei para esta análise:

Figura 62 - Interferências



¹⁴ Esclareço que apenas a última foto oficial da ex-presidenta Dilma Rousseff (na figura 62), presente na montagem, é que faz referência à (FOTO..., 2013).

O *Meia Hora* promoveu um reenquadramento da foto original nas fotomontagens. Sousa (2002, p. 78) afirma que “reenquadrar uma fotografia é um gesto frequente em fotojornalismo, pois assim pode concentrar-se a atenção do observador no motivo e retirar da imagem elementos que desviem o olhar do que é importante.”

Este teórico explica ainda que, desde os anos 80, os fotógrafos começaram a promover alterações nas fotografias e, com o uso da tecnologia a criação da imagem ficcional tornou-se mais fácil e rápida. Sousa (2002) aponta os efeitos conotativos que produzem sentidos às imagens já explorados em outras fotografias deste capítulo. Ancorado nos processos de *Trucagem* e de *Objetos em Cena* com a inserção de objetos nas fotografias originais, o jornal criou as fotomontagens, acrescentando assim, outros sentidos à imagem original de Dilma Rousseff.

Chamo a atenção para as indumentárias, características das profissões de “Ciclista” e “Jurada do Masterchef”, por exemplo, que foram acrescentadas à fotografia original. Para a função de ciclista, o veículo incorporou à imagem original os seguintes elementos (capacete, óculos e blusa), equipamentos de proteção que são apropriados para exercer a atividade sem se machucar. Esta imagem pode ser uma referência também à atividade praticada pela ex-presidenta em seus momentos de lazer, que foi flagrada e noticiada pela imprensa em diversos momentos do mandato de Dilma Rousseff, especialmente durante os escândalos da lava jato em que foi acusada de cometer “pedaladas fiscais”. Já na ocupação de “Jurada do Masterchef” acrescentou-se o avental e o chapéu de *chef*. Enquanto na sugestão de Big Brother, a ex-presidenta aparece como na foto oficial (de blazer claro e de faixa presidencial). A inserção de elementos, nesse caso, ficou por conta do cenário, que recebeu um fundo azul e o desenho do mascote do Big Brother Brasil (BBB), fazendo referência às vinhetas que circulam na abertura da versão brasileira do programa televisivo.

Vale destacar que esses artifícios podem ser decisivos na criação de um estereótipo sobre a imagem de Dilma Rousseff. Fato que fica mais reforçado ao relacionar as fotomontagens às legendas. É a associação da linguagem não-verbal à verbal produzindo significados. O jornal ao sugerir a profissão de ciclista enuncia: “Olimpíadas tá aí e há quem diga que pedaladas é com ela”. O veículo insinua a associação de Dilma com o desvio do dinheiro público por meio de pedaladas fiscais. Em “.. há quem diga”, o *Meia Hora* se isenta na responsabilidade sobre a acusação. Ainda ironiza a fama da ex-presidenta ser uma pessoa ríspida e mal educada na legenda da profissão de “Jurada do MasterChef” em “Experiência em dar esporro é o que não falta”, fazendo uma referência aos boatos de que Rousseff seria uma chefe grosseira com ministros e assessores diretos. Quanto à ocupação de “Big Brother”,

o veículo publicou o texto “Paredão e eliminação já são familiares”, remetendo às votações e também à perda do mandato no processo de *impeachment*. Joly (2007) lembra que essa é a função de âncora da mensagem linguística defendida por Barthes (1961). De acordo com a semiótica, o processo “consiste em deter essa corrente flutuante de sentidos, consequência inevitável de polissemia da imagem, indicando um bom nível de leitura e o que deve ser privilegiado por entre as diferentes interpretações que uma única imagem pode proporcionar.” (JOLY, 2007, p. 127).

Sobre este processo Gomes (2008, p. 14) também afirma que “ao conjugar a imagem fotográfica e a palavra, o sentido produzido não pode prescindir nem de uma nem de outra linguagem, ambas apresentando uma relação e uma função particular no todo que é o texto sincrético (verbo-visual)”, leia-se verbal e não-verbal. Ou seja, o leitor conseguirá dar sentido ao texto fazendo uma associação da imagem às legendas e vice-versa. Brait (1996) chama a atenção que:

É possível flagrar a ambiguidade, reconhecendo um efeito de sentido irônico, humorístico, desde que seja estabelecida uma relação literal entre foto e a imagem, ou seja, que se leia o texto como legenda da foto ou a foto como ilustração do texto. Dessa maneira, a percepção do sentido global oscilante patrocina um equívoco do ponto de vista referencial, o qual, ao mesmo tempo, coloca em perspectiva um efeito de sentido, só possível através da vizinhança sintagmática texto-imagem. (BRAIT, 1996, p. 71).

Quanto ao aspecto cromático, o jornal empregou o recurso de dispor as fotografias sob um fundo neutro. Sousa (2002) discorre sobre essa ação, afirmando que:

No fotojornalismo, por princípio, os motivos têm de se destacar claramente do seu fundo. Um fundo confuso, face ao qual o motivo se dilua ou perca importância, raramente permite construir uma mensagem clara. As relações figura - fundo são dinâmicas. Os elementos que se encontram no fundo, tal como aqueles que rodeiam o motivo, em princípio contribuirão para que à foto seja atribuído um sentido por parte do observador (de quem, em último grau, depende sempre a atribuição de um sentido final à mensagem). (SOUSA, 2002, p. 85).

Já as molduras das fotos e o fundo da manchete são marcados pela cor vermelha, na intenção de sinalizar e destacar cada imagem disponibilizada ao leitor. “O *vermelho* é o mais fortemente conotado de todos os termos de cor, ainda mais do que o *preto* ou *branco*... É a cor do signo, do sinal e da marca”, ressalta (PASTOUREAU, 1997, p. 160-161, grifos do autor).

As legendas ainda aparecem em preto, certificando a cor da autoridade neste caso do jornal que enuncia e, também dando o significado de maus presságios, segundo os conceitos do teórico em seu dicionário das cores:

Figura 63 - Recursos cromáticos



Apresento, a seguir, na edição de 1º de setembro de 2016, como o *Meia Hora* se valeu de uma foto-ilustração na chamada de capa, afim de enunciar o afastamento de Dilma Rousseff do governo e do poder.

Sousa (2002) esclarece que a ilustração fotográfica se caracteriza por submeter a um processo de produção podendo ser manipulada e/ou montada para acompanhar as matérias jornalísticas. Seguindo essa premissa, apresento na imagem abaixo de que forma a foto-ilustração passou por um processo de montagem, sendo formada pela composição de fotografias de elementos e objetos, que foram incorporadas umas às outras na intenção de produzir uma imagem final para divulgação.

Figura 64 - Afastamento de Rousseff



Fonte: Elaborado pela autora.

Mostro através da sinalização das setas de que forma a imagem publicada foi composta por uma justaposição de outras imagens. A fotografia do rosto de Dilma aparece de forma desproporcional ao restante do tronco e do braço. Essa é uma pista de que a imagem final de Rousseff foi formada por uma montagem de fotos (rosto + tronco + braço). Além disso, essa sobreposição foi colocada em outra imagem: dentro de um carro Brasília, como se a ex-presidenta estivesse conduzindo o veículo. Ressalto que para contextualizar a fotografia final ainda foram incorporadas fotos do Palácio do Planalto e do gramado, além de um fundo preto na intenção de compor um cenário.

Alguns elementos escolhidos para fazer parte dessa fotomontagem me chamaram a atenção. A fotografia do rosto de Dilma retrata uma situação de felicidade. Rousseff é representada com um sorriso largo no rosto, acenando em um cumprimento de despedida, como se estivesse olhando para o leitor e mostrando satisfação com a saída do governo. Assim, o jornal debocha da perda do mandato de Rousseff ao induzir que ela estava feliz com o afastamento do poder.

Saliento, ainda, que a ex-presidenta dirige uma Brasília, carro antigo e ultrapassado, conforme disse anteriormente, que parece fazer uma metáfora com o seu governo. É como se o *Meia Hora* insinuasse ironicamente que Dilma Rousseff estivesse conduzindo um governo arcaico/morto. Outro destaque, fica por conta do enunciado na placa do carro que reforça essa suposição: “DF – Brasília Fim-2016”. O jornal também parece lembrar ao leitor a origem política de Rousseff, ao colocar a vestimenta dela em vermelho, promovendo uma referência e associando a cor à esquerda e também ao Partido dos Trabalhadores. Podemos ainda ir mais além nessa análise. De acordo com Guimarães (2000), a cor vermelha pode ser aplicada como interdição e, em alguns casos, também como punição.

Esta imagem da despedida de Dilma Rousseff, dentro do contexto do afastamento pelo *impeachment*, pode ser associada ao fundo preto na intenção de passar a ideia de luto e treva. Pastoureau (1997, p. 141) chama a atenção que a cor preta pode simbolizar ainda a “cor daquilo que está sujo ou manchado.” Essa ligação também pode ser feita, por exemplo, ao associar a cor preta aos escândalos de corrupção no Palácio do Planalto, onde fica a sede maior do poder em Brasília, que está representado pela foto do edifício.

Assim como as outras capas apresentadas no decorrer dessa análise, esta chamada de capa é um exemplo em que a mensagem não-verbal é constituída pela interação de diferentes tipos de signos: plásticos, icônicos e linguísticos. Aproprio-me das palavras de Joly (2007, p. 131) para afirmar que “a interpretação destes diferentes tipos de signos joga com o saber cultural e sociocultural do espectador, a quem é exigido, grande trabalho de associações mentais”, para a construção dos sentidos e significações dos textos.

8 CONCLUSÃO

Com base nessa investigação apresentada, nestas considerações finais retomo em primeiro lugar o percurso deste trabalho de dissertação. No 1º capítulo de *Introdução* apresentei os fundamentos e os caminhos que nortearam e me trouxeram à pesquisa sobre a (des)construção da imagem de Dilma Rousseff em capas de jornais impressos durante o período do *impeachment*. Também mostrei o *corpus* do meu trabalho formado por enunciados (manchetes, chamadas e imagens) de 16 capas dos seguintes veículos: (1) *Diário Catarinense (SC)*; (2) *Diário do Nordeste (CE)*; (3) *Extra (RJ)*; (4) *Folha de S. Paulo (SP)*; (5) *Hoje em Dia (MG)*; (6) *Meia Hora (RJ)*; (7) *O Globo (RJ)*; (8) *O Popular (GO)*; (9) *O Tempo (MG)*; (10) *Super Notícias (MG)*; (11) *Tribuna (PR)* e (12) *Zero Hora (RS)*, que circularam em 12 de maio e 1º de setembro de 2016, datas de repercussão de dois momentos marcantes do afastamento (provisório e definitivo) da ex-presidenta do poder no processo de *impeachment*.

Já no 2º capítulo intitulado *Um Acontecimento Histórico e Midiático* fiz uma retomada do processo de *impeachment* e discorri a respeito da carreira política de Rousseff e dos seus mandatos à frente da presidência da república do Brasil. É importante ressaltar que, no decorrer dessa seção, foi possível perceber como a mídia aos poucos foi construindo a imagem de Dilma Rousseff ao longo da história, desde a sua vitória como a primeira presidenta eleita do Brasil, passando por sua reeleição em seu segundo mandato até os momentos de crise com as manifestações populares de 2013, chegando ao seu afastamento da presidência do Brasil.

Os 3º, 4º e 5º capítulos foram dedicados à sustentação teórica - metodológica deste trabalho, que fundamentou toda a investigação e ainda embasou a análise do *corpus* nas premissas de teóricos consagrados na área da Análise do Discurso Francesa, da Análise do Discurso Crítica e também da Semiótica e da Semiologia, oferecendo um caráter e um engajamento interdisciplinar à minha pesquisa, com o intuito de analisar a linguagem verbal e não-verbal disposta pela mídia em seus enunciados durante o *impeachment*, nas datas de 12 de maio e 1º de setembro de 2016. No 3º capítulo tratei a Mídia como Prática Discursiva e de Poder, influenciada pelos elementos históricos e ideológicos dos meios de comunicação dominantes no país. No 4º capítulo mostrei o papel dos enunciados no discurso e ainda discorri sobre o gênero “Capa de Jornal” dentro da AD, objeto do meu estudo nesta pesquisa. Já no 5º capítulo abordei o Discurso, a Semiótica e a Semiologia – buscando nestas áreas, subsídios e caminhos que ajudassem a analisar e compreender o discurso não-verbal presente

nos enunciados dos veículos analisados. No 6º capítulo apresentei a *Metodologia* do meu trabalho, o passo a passo da pesquisa, a seleção e apresentação do *corpus*, os critérios de seleção das capas e as categorias empíricas de investigação do material coletado. Enquanto no 7º capítulo fiz uma leitura crítica e interpretativa dos enunciados, com base em toda a teoria estudada nesta investigação ponderando sobre o processo de (des)construção da imagem de Dilma Rousseff em capas de jornais impressos, que circularam durante o período do *impeachment*, por meio de estratégias como o *Silenciamento* e a *Ironia*.

Tendo em vista os aspectos observados e explorados neste estudo, tanto na parte teórica como na analítica do *corpus* desta dissertação, apresentados acima, mostro a seguir as impressões e os resultados da minha investigação, centrada na pesquisa da (des)construção da imagem da ex-presidenta Dilma Rousseff.

Levantei e analisei as marcas verbais e não-verbais presentes e também ausentes nos enunciados, ou seja, os ditos, os não-ditos e silenciados pelos veículos, em 17 enunciados entre manchetes e chamadas de 16 capas de 12 jornais impressos, além de 28 imagens publicadas (fotografias, foto-ilustrações, ícones, entre outras), no intuito de flagrar o discurso midiático, enquanto meio de disseminar a ideologia e o poder dos “donos da mídia”, como também de produzir sentidos e significados aos acontecimentos sócio-históricos.

Assim, minha análise corrobora as premissas de Thompson (1998) sobre o fato de que os meios de comunicação são responsáveis por estabelecer relações entre visibilidade e poder e de Charaudeau (2006, p. 63), que acentuava que “toda instância de informação, quer queira, quer não, exerce um poder de fato sobre o outro.” Tais premissas que vão ao encontro das postulações de Pêcheux, discorridas no 3º capítulo deste estudo, ao defender que os sujeitos são interpelados, tanto pelas suas ideologias como também pelo seu processo histórico. Logo, pude verificar na prática ao observar o *corpus* desta pesquisa que os meios de comunicação têm essa função, não só de transmitir a informação como também de produzir significados para os leitores, exercendo, assim, o papel tanto de construir como de desconstruir imagens no meio social e, ainda, de reproduzir estereótipos, marcando, dessa forma, a sua interferência na formação da opinião pública.

Portanto, atesto que um dos resultados desta pesquisa foi constatar que Dilma Rousseff não teve um caminho diferente daquele imposto por seus adversários políticos, pois a mídia legitimou o processo de *impeachment*, tratando-o como um simples troca de presidente, mostrando assim, seu posicionamento ideológico por meio da (des)construção da imagem da ex-presidenta. Os enunciados publicados pelos veículos apontam que houve uma tentativa e um empenho generalizado dos meios de comunicação investigados, por meio do

seu discurso midiático de poder, em construir a imagem de Michel Temer como o novo presidente da República do Brasil, exaltando a sua figura por meio de enunciados e imagens que o destacaram, em detrimento da imagem de Dilma Rousseff, promovendo a invisibilidade da ex-presidenta, através de estratégias como o silenciamento/apagamento/censura, retirando-a, desse modo, do circuito do poder político. Fato que comprovou que enquanto uma figura política é exaltada no meio midiático outra é desconstruída.

Observei, ainda, que em alguns veículos, sobretudo, nos jornais que circulam em regiões mais distantes do país, existiu uma tendência em reproduzir discursos de agências de notícias vinculadas aos grandes grupos midiáticos do Sudeste, apresentando aos leitores os mesmos conteúdos e as mesmas abordagens percorridas pelos grandes jornais de circulação nacional, o que retrata, a meu ver, uma prática tendenciosa dos meios de comunicação em replicar e unificar discursos, através dos conteúdos, mostrando, assim, sua parcialidade no lugar do seu papel em informar de forma isenta.

Conforme já alertado no decorrer do 3º capítulo, a mídia é uma prática discursiva, em que o discurso jornalístico constrói realidades, em que os sujeitos são interpelados pelas ideologias dos meios de comunicação que detém a enunciação, movimento este que foi reforçado nas escolhas das estratégias verbais e não-verbais empregadas pelos veículos nos enunciados de capa analisados. Assim não só a linguagem verbal como, especialmente, a não-verbal, através de escolhas semióticas e semiológicas, serviram de aliadas na produção de significados aos textos. Nesse sentido, destaco na parte verbal, o uso de estruturas sintáticas como verbos, advérbios, conjunções adversativas entre outros e, especialmente, na parte não-verbal utilizando recursos dentre elas as imagens (fotografias), conforme os preceitos teóricos apresentados por Barthes (1961) neste estudo, podendo direcionar a leitura e a percepção do leitor e oferecendo ainda significados ao texto. Estes recursos parecem ser selecionados pelos editores dos jornais impressos, a fim de não só compor os textos como também de produzir sentidos aos enunciados, estabelecendo e reforçando as relações de poder da mídia na sociedade.

Por conseguinte, enfatizo que as manchetes de capa privilegiaram a imagem de Michel Temer associada ao novo e a uma nova era, como a figura que seria responsável por mudanças positivas e significativas na política social e econômica do Brasil. Já Dilma Rousseff aparece com menor expressividade e evidência nos enunciados produzidos pela imprensa, tendo a sua imagem relacionada na maior parte das capas à derrota, à misoginia, ao fracasso ou à imagem do Partido dos Trabalhadores, o que favorece uma vinculação da sua figura pública aos escândalos de corrupção atribuídos ao Partido, fato que pode reforçar nos

leitores a percepção da ex-presidenta como a de uma autoridade culpada pelas acusações recebidas por desvio de dinheiro público e que está fora do jogo de poder e do circuito político. Foi possível constatar, ainda, que as imagens de Dilma Rousseff foram apresentadas ao público por meio de vários estereótipos, sobretudo de maneira pejorativa. Na maioria dos enunciados a ex-presidenta é silenciada, sendo preterida em relação à imagem de Michel Temer ou por outros atores do *impeachment*, tendo a sua figura associada ao sentimento de derrota, tristeza e de apagamento. Noutras, a imagem é construída de maneira debochada, sendo retratada através de um discurso irônico e até sarcástico, que se apresenta disfarçado de humor, por meio do uso de elementos verbais e não-verbais nas capas que contribuíram para que ela aparecesse sob uma visibilidade negativa tanto da sua imagem como também do seu governo. É possível perceber ainda como a mídia apresenta elementos que retratam a misoginia contra Rousseff, elencando nas capas irônicas discursos do machismo presente na sociedade brasileira, que insistem em desvalorizar a mulher perante os homens no meio social.

Diante de todas as constatações expostas acima e apontadas ao longo da análise do *corpus* desta investigação, ressalto que a intenção desse estudo, portanto, cumpre a sua função ao servir de ponto de partida para a discussão do papel da mídia na sociedade e de promover uma reflexão sobre a atuação dos meios de comunicação, enquanto (des)construtores de imagens nos enunciados jornalísticos, que podem tanto influenciar como impactar a opinião da sociedade em suas percepções e na produção de sentido das notícias.

REFERÊNCIAS

- BACZKO, Bronislaw. **Los Imaginarios Sociales: memórias y esperanzas colectivas**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1984.
- BAKHTIN, Mikhail. (1979). **Estética da criação verbal**. 4. ed. Trad. P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 1978.
- BARTHES, Roland. **Diário de luto**. Lisboa: Edições 70, 2009.
- BAUER, Martin.W. ; GASKELL, George. (org.) **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 13 ed. Petrópolis: Vozes, 2015.
- BONI, Paulo César. **O discurso fotográfico: a intencionalidade de comunicação no fotojornalismo**. São Paulo: Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). São Paulo: ECA/USP. 2000.
- BRAIT, Beth. **Ironia em perspectiva polifônica**. São Paulo: UNICAMP, 1996.
- BRANDÃO, Helena. **Introdução à análise do discurso**. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.
- BRASIL. Lei nº 1.079, de 10 de abril de 1950. Define os crimes de responsabilidade e regula o respectivo processo de julgamento. **Diário Oficial da União**, Rio de Janeiro, 12 abr. 1950. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/leis/L1079.htm>. Acesso em: 15 out. 2017.
- BRASIL, Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Texto Constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988. Brasília, Senado Federal – Secretaria Especial de Editoração e Publicações, 2012.
- CAPAS do jornal Extra. EXTRA. Rio de Janeiro, ano XIX, n. 7.202, 12 maio. 2016. Disponível em: <<https://extra.globo.com/capas-jornal-extra/2016-05-20-19286728.html>>. Acesso em: 06 maio. 2017.
- CAPAS do jornal Extra. [S.l.]: Extra, 18 jun.2013. Disponível em: <<https://extra.globo.com/capas-jornal-extra/18-06-2013-8725228.html>>. Acesso em: 15 mar. 2018.
- CARMO, Marcia. **Aprovação ao governo cai, mas Dilma é a 2ª mais popular da América Latina**. Buenos Aires, BBC, 28 de out. 2011. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/10/111028_dilma_pesquisa_mc>. Acesso em: 08 dez. 2017.
- CASA NOVA, Vera; PINTO, Julio. **Algumas semióticas**. Belo Horizonte: Autêntica. 2009.
- CASSAR. Dicionário online do Aurélio, 20 set. 2018. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com>>. Acesso em: 20 set. 2018.
- CAZARIN, Ercília. Ana. **A leitura: uma prática discursiva**. Linguagem em (Dis)curso, 29 set. 2006. Disponível em:<http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/336>. Acesso em: 15 mar. 2016.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e Discurso: modos de organização**. Patrick Charaudeau; [coordenação da equipe de tradução Angela M. S. Correa & Ida Lúcia Machado]. – 2.ed. – São Paulo: Contexto, 2010.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. Tradução de Angela M. S. Corrêa. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

DESTITUIR. **Dicionário online do Aurélio**, 20 set. 2018. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com>>. Acesso em: 20 set. 2018.

DIÁRIO Catarinense. In: Blog do Mazzarino, [S.l.], 18. jun. 2013. Disponível em: <<http://www.blogdomazzarino.com.br/tag/diario-catarinense/page/3/>>. Acesso em: 15 mar. 2018.

DIÁRIO CATARINENSE. Santa Catarina: Diário Catarinense, 2016 . Diário. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por: [erikadourado@gmail.com] em 16 maio. 2017.

DIÁRIO DO NORDESTE. Fortaleza: Diário do Nordeste, 2016. Diário. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por: [erikadourado@gmail.com] em 27 maio. 2017.

DIÁLOGO ameaça Dilma. Jornal O Globo. [S.l.]: 17 mar. 2016. Disponível em: <<https://www.josenildomelo.com.br/news/dialogo-ameaca-dilma-jornal-o-globo/>>. Acesso em 16 maio. 2018.

DILMA é capa da revista Forbes e fica em 3º no ranking de mais poderosas. Brasília, G1, 22 ago. 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2012/08/dilma-e-capa-da-revista-forbes-e.html>>. Acesso em: 26 fev. 2018.

DILMA Rousseff é a terceira Presidente do Brasil a sofrer um processo de impeachment. [S.l.]: Encontro Digital, 08 dez. 2015. Disponível em: <<https://www.revistaencontro.com.br/canal/atualidades/2015/12/dilma-rousseff-e-a-terceira-Presidente-do-brasil-a-sofrer-um-processo.html>>. Acesso em: 26 fev. 2018.

DILMA sai de Brasília: por 61 votos a 20, Senado demite Presidente, Temer assume de vez o comando. **Meia Hora**, Rio de Janeiro, ano.11, n. 3.880, 1º set. 2016. Disponível em: <<http://www.elkioskero.com/Collections/conteudo/13734755>>. Acesso em: 06 maio de 2017.

DISCINI, Norma. **O estilo nos textos: história em quadrinhos, mídia, literatura**. São Paulo: Contexto, 2003.

DISCINI, Norma. **A comunicação nos textos**. São Paulo: Contexto, 2005.

DIJK, Teun A. Van. **Discurso e Poder**. São Paulo: Contexto, 2012.

ERNESTO, Marcelo. Aprovação do governo Dilma bate novo recorde. **Estado de Minas**, Caderno Política, Belo Horizonte: 19 abri. 2013. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2013/03/19/interna_politica,359501/aprovacao-do-governo-dilma-bate-novo-recorde-aponta-pesquisa.shtml>. Acesso em: 26 fev. 2018.

FAC – símile da capa. **Folha de S. Paulo**, 18 jun. 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cp18062013.shtml>>. Acesso em: 15 mar. 2018.

FERREIRA JUNIOR. **Capas de jornal**. A primeira imagem e o espaço gráfico visual. São Paulo: SENAC, 2003.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Primeira página:** Folha de São Paulo. 6ª ed. São Paulo: Publifolha, 2006.

FOLHA DE S. PAULO. São Paulo: Folha, 2016. Diário. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por: [erikadourado@gmail.com] em 10 out. 2016.

FLUSSER, Vilém. **Ensaio sobre a fotografia: para uma filosofia da técnica.** Lisboa: Relógio D'Água, 1998. 96 p.

FOTO oficial da Presidenta. **Foto Oficial da presidenta Dilma.** Portal do Planalto: [S. l.]: 25. out. 2013– Disponível em: <<http://www2.planalto.gov.br/presidencia/presidenta/foto-oficial>> Acesso em 22 mar.2018.

FOUCAULT, **A arqueologia do saber.** Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1986.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FREIRE, Eduardo Nunes. 2009. **O design no jornal impresso diário.** Do tipográfico ao digital. Revista Galáxia, São Paulo, n. 18.

GOÉS, Carlos. **O que é pedalada fiscal? Um manual para não-economistas.** Mercado Popular, [S.I] 08 out.2015. Disponível em<<http://mercadopopular.org/2015/10/o-que-e-pedalada-fiscal-um-manual-para-nao-economistas/>>. Acesso em: 08dez.2017.

GOMES, Regina. Souza **Relações entre linguagens no jornal:** fotografia e narrativa verbal. Niterói: EdUFF, 2008.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Comunicação, mídia e consumo:** Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades. São Paulo, Vol. 4, N. 11, P. 11-25 Nov. 2007.

GREGOLIN, Maria do Rosário (Org). **Discurso e mídia: a cultura do espetáculo.** São Carlos, SP; Claraluz, 2003.

GUERRA, Abílio. **A mídia nas eleições presidenciais.** A persuasão discreta da Folha de S.Paulo. [S. l.], Vitruvius, Resenhas online. ano 13, nov. 2014. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/13.155/5349>>. Acesso em: 26 fev. 2018.

GUIMARÃES, Luciano. **As cores na mídia:** a organização da cor-informação no jornalismo. São Paulo: Annablume, 2003.

GUIMARÃES, Luciano. **A cor como informação:** a construção biofísica, linguística e cultural da simbologia das cores. São Paulo: Annablume, 2000.

HOJE EM DIA. Belo Horizonte: Hoje em Dia, 2016. Diário. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por: [erikadourado@gmail.com] em 29 jun. 2017.

IMPEACHMENT: da admissibilidade ao julgamento. Brasília: Agência Senado, 26 ago. 2016. Disponível em:<<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/08/26/impeachment-da-admissibilidade-ao-julgamento>>. Acesso em: 04 out. 2017.

IMPrensa repercute reeleição de Dilma no Mundo. [S.l.]: Federação do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, 2018. Disponível em: <<http://fem.org.br/album/93>>. Acesso em: 06 dez. 2017.

JABLONKA, Edyta. **Do emoticon ao meme** – Evolução dos símbolos na comunicação virtual. 2012. Disponível em <<http://periodicos.ufpb.br/index.php/actas/article/download/15558/8898>>. Acesso em: 08 mar. 2018.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. São Paulo: Papyrus Editora, 2007.

LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia**. São Paulo: Ática: 1999.

LAGE, Nilson. **Teoria e técnica do texto jornalístico**. Rio de Janeiro: Campus, 2005.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso Literário**. (Trad. Adail Sobral). São Paulo: Contexto, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Tradução de Freda Indursky. 3. ed. Campinas: Pontes/Editora da Unicamp, 1997.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **A ação dos verbos introdutórios de opinião**. Intercom: Revista Brasileira de Comunicação, São Paulo, v. 14, n. 64, p. 74-92, 1991.

MEDRADO, Benedito. **Textos em cena: a mídia como prática discursiva**. In: SPINK, Mary, Jane (Org.). Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas. São Paulo: Cortez, 1999.

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. **Caso Lava Jato**. Entenda o caso. Brasília, Ministério Público Federal, [2018]. Disponível em: <<http://www.mpf.mp.br/para-o-cidadao/caso-lava-jato/entenda-o-caso>>. Acesso em: 18 ago.2017.

MITTMANN, Solange. Alguns apontamentos sobre militância digital. In: GRIGOLETTO, Evandra [et al.] **Discursos em rede**: práticas de (re)produção, movimentos de resistência e constituição de subjetividades no ciberespaço. Recife: UFPE, 2011. p.119-139.

MOURA, Dione Oliveira. **O relato jornalístico: além do atual, do singular e do extraordinário**. In: MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sergio Dayrell (Org.). O jornal: da forma ao sentido. 3. ed. rev. e ampl. Brasília: Ed. UnB, 2012. p. 323-338.

NAVARRO BARBOSA, Pedro Luis. **O papel da imagem da memória na escrita jornalística da história do tempo presente**. In: GREGOLIN, Maria do Rosário (Org.). Discurso e mídia: a cultura do espetáculo. São Carlos: Claraluz, 2003. p. 111-124.

NOGUEIRA, Kiko. **No Brasil, golpistas não querem resolver a crise, mas controlá-la para benefício próprio, diz o Nobel Pérez Esquivel**. [S.l.]: Diário Centro do Mundo, 18 maio. 2016. Disponível em: <<https://www.diariodocentrodomundo.com.br/no-brasil-golpistas-nao-querem-resolver-a-crise-mas-controla-la-para-beneficio-proprio-diz-o-nobel-perez-esquivel/>>. Acesso em: 15mar.2018.

NÖTH, Winfried; SANTAELLA, Lúcia. **Imagem: Cognição, Semiótica, Mídia**. São Paulo: Iluminuras, 1998.

O AFASTAMENTO de Dilma em capas de jornal: qual cobertura foi mais correta?. [S.l.]: Blog da Kika Castro, 14 maio. 2016. Disponível em: <<https://kikacastro.com.br/2016/05/14/afastamento-dilma-jornais/>>. Acesso em: 06 maio. 2017.

O TEMPO. Belo Horizonte: O Tempo, 2016. Diário. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por: [erikadourado@gmail.com] em: 06 maio. 2017.

- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 8.ed. Campinas: Pontes, 1999.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. Campinas: Ed. Unicamp, 2015.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez, 2001.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso em Análise: Sujeito, Sentido, Ideologia**. SP: Pontes, 2011.
- PASTOUREAU, Michel. **Dicionário das cores do nosso tempo: simbólica e sociedade**. Lisboa: Estampa, 1997.
- PÊCHEUX, Michel. **Análise automática do discurso**. In: GADET F.; HAK, T. (Orgs.). Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 2ª ed. Campinas: Ed. Unicamp, 1993.
- PÊCHEUX, Michel. **A análise do discurso: três épocas (1983)**. In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Unicamp, 1997.
- PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução: Eni Pucineli Orlandi. 4ª ed. Campinas: Pontes Editores, 2006.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: uma crítica a afirmação do óbvio**. Tradução: Eni Orlandi et al. – 4ª ed. – Campinas: Unicamp, 2009.
- PÊCHEUX, M. **O papel da memória**. In: ACHARD, P. et al. O papel da memória. Tradução de José Horta Nunes. 3ª. ed. Campinas: Pontes, 2010.
- PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2000. Tradução. José Teixeira Coelho Neto.
- PICCININI, Cláudia Lino. **Imagens no ensino de ciências: uma imagem vale mais do que mil palavras?** In: MARTINS, I.; GOUVÊA, G.; VILANOVA, R. O livro didático de ciências: contextos de exigência, critérios de seleção, práticas de leitura e uso em sala de aula. Rio de Janeiro: [s.n.], 2012.
- PLANALTO divulga foto oficial do Presidente Michel Temer. **Retrato foi feito na biblioteca do Alvorada em maio deste ano**. [S.l.]: GPI, 11 nov. 2017. Disponível em: <<https://www.gp1.com.br/noticias/planalto-divulga-foto-oficial-do-Presidente-michel-temer-423581.html>> . Acesso em: 15 mar. 2018.
- PRESIDENTES do Brasil. [S.l.]: [2018]. Disponível em: < <http://Presidentes-do-brasil.info/Presidentes-da-republica/michel-temer.html> >. Acesso em: 15 mar. 2018.
- PRIMEIRAS páginas de Jornais de 1º de novembro de 2010- vitória Dilma. [S.l.]: Pedreco, 1º nov. 2010. Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/pedreco/primeiras-pginas-de-jornais-de-1-de-novembro-de-2010-vitria-de-dilma-rousseff>>. Acesso em: 15 mar. 2018.
- PORTO, Sérgio Dayrell (Org.). **O jornal: Da forma ao sentido**. 2. ed. – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.
- POSSENTI, Sírio. **Humor, língua e discurso**. São Paulo: Contexto, 2010.

QUEM controla a mídia no Brasil?. [S.l.]: MOM, 2018. Disponível em: < <https://brazil.mom-rsf.org/br/> >. Acesso em: 1º mar. 2018.

RICARDO Lewandowski lê resumo de relatório do julgamento do impeachment. Brasília, Agência Senado, 31 ago. 2016. Disponível em: < <https://www12.senado.leg.br/noticias/audios/2016/08/ricardo-lewandowski-le-resumo-de-relatorio-do-julgamento-do-impeachment/> >. Acesso em: 04 out. 2017.

ROJO, Roxane. **Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola.** In: ROJO, Roxane Helena Rodrigues; MOURA, Eduardo (orgs.). Multiletramentos na escola. São Paulo: Parábola Editorial, 2012, p. 11-32.

SANTAELLA, Lucia. **Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-moderno.** Revista Famecos, Porto Alegre, dez. 2003, p. 23-32.

SANTAELLA, Lucia. **Leitura de imagens.** São Paulo: Melhoramentos, 2012.

SANTAELLA, Lucia. **Matrizes da linguagem e pensamento: sonora, visual, verbal: aplicações na hipermídia.** São Paulo: Iluminuras e FAPESP, 2005.

SANTAELLA, Lucia. **O que é Semiótica.** São Paulo: Brasiliense, 1983.

SCALZO, M. **Jornalismo de revista.** São Paulo: Contexto, 2006.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a Mídia?.** São Paulo: Edições Loyola, 2005.

SODRÉ, Muniz. **Reinventando a cultura: a comunicação e seus produtos.** Petrópolis/RJ: Vozes, 1999.

SOUSA, Jorge Pedro. **As Notícias e os Seus Efeitos.** Coimbra: Minerva, 2000.

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo. Introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa.** Florianópolis, Brasil: Letras Contemporâneas, 2002. 124 p.

SOUZA, Marcelo Serrano; JACINTHO, J. M. M. **O acesso à informação como pressuposto da cidadania no Estado Democrático de Direito.** In: ENCONTRO NACIONAL DO CONPEDI. 25., 2016, Brasília - DF. [Constituição e Democracia I]. Anais... Florianópolis - SC: CONPEDI, 2016. p. 337-352. Disponível em: < <https://www.conpedi.org.br/publicacoes/y0ii48h0/5ccav186/MX062SHHP9UN16KC.pdf> >. Acesso em: 28 abr. 2018.

SUPER NOTÍCIA. Belo Horizonte: Super, 2016. Diário. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por: [erikadourado@gmail.com] em 06 maio. 2017.

TEIXEIRA, Tattiana. **Infografia e jornalismo.** Conceitos, análises e perspectivas. Salvador: Editora UFBA, 2010.

TCHAU, querida #6. [S.l.], Kibe Loco, 12 maio. 2016. Disponível em: < <https://www.kibeloco.com.br/?s=meia+hora> >. Acesso em: 06 maio. 2017.

“TCHAU, querida” e “não vai ter golpe” marcam protestos no Brasil. [S.l.], Notícias ao Minuto, 17 abr. 2016. Disponível em: <<https://www.noticiasao minuto.com/mundo/573390/tchau-querida-e-nao-vai-ter-golpe-marcam-protestos-no-brasil>>. Acesso em: 15mar.2018.

THOMPSON, John B. **A Mídia e a Modernidade**: uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 1998.

TRIBUNA. Curitiba: Tribuna, 2016. Diário. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por: [erikadourado@gmail.com] em 22 maio. 2017.

TRINDADE, Naira. **Foto oficial de Temer é segunda versão, tirada em dezembro**. [S.l.]: Estadão. Coluna do Estadão, 25 jan. 2017. Disponível em: <<http://politica.estadao.com.br/blogs/coluna-do-estadao/foto-oficial-de-temer-e-segunda-versao-tirada-em-janeiro/>>. Acesso em: 06 mar. 2018.

VILLELA, Gustavo. **O Brasil foi às ruas em 2013**. Mês entrou para a História com protestos convocados por redes sociais, sem comando de partidos, sindicatos e UNE, reunindo mais de 1,5 milhão. Black blocs atuam com violência. [S.l.]: Acervo O Globo, 15 maio. 2014. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/o-brasil-foi-as-ruas-em-junho-de-2013-12500090>>. Acesso em: 15 mar. 2018.

VILLEVERDE, João. **Balanco indica que melhor ano de Dilma foi o primeiro**. Estado de São Paulo. Economia & Negócios, São Paulo, 23 abri. 2014. Disponível em: <http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,balanco-indica-que-melhor-ano-de-dilma-rousseff-foi-o-primeiro-imp-,1157334> > Acesso em: 26 fev. 2018.

ZANCHETTA Jr., Juvenal. **Imprensa escrita e telejornal**. São Paulo: Unesp, 2004.

ZERO HORA. Porto Alegre: Zero Hora, 2016. Diário. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por: [erikadourado@gmail.com] em 22 maio. 2017.

ANEXOS



FOLHA DE S. PAULO

95
ANOS

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

folha.com.br

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO

ANO 96 • QUINTA-FEIRA, 1º DE SETEMBRO DE 2016 • Nº 31.928

EDIÇÃO SP/DF • CONCLUÍDA ÀS 02H29 • R\$ 4,00

SENADO DESTITUI DILMA; TEMER PEDE PACIFICAÇÃO

★ CASSADA POR 61 VOTOS A 20, PETISTA MANTÉM SEUS DIREITOS POLÍTICOS ★ IMPEACHMENT
PÕE FIM A 13 ANOS DE PT ★ APÓS ASSUMIR, PEEMEDEBISTA PROMETE REFORMAS ECONÔMICAS



▶ EFETIVO Michel Temer assina a sua posse presidencial no Congresso; estão ao seu lado, da esq. para a dir., os presidentes da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia (de terno azul), do Congresso, Renan Calheiros, e do Supremo Tribunal Federal, Ricardo Lewandowski

Black blocs voltam a depredar carros e prédios em atos no centro de SP

Manifestantes contrários ao impeachment de Dilma Rousseff entraram em confronto com a Polícia Militar na noite desta quarta-feira (31) em ao menos quatro pontos de São Paulo.

O ato teve início pacífico na avenida Paulista. Na região central, black blocs quebraram vidros e depredaram carros; a polícia reagiu com gás lacrimogêneo e bombas de efeito moral. Ao menos cinco pessoas se feriram, entre elas um policial.

Em ato em Brasília, três foram detidos após conflito com a polícia. Ato pró-Dilma no Rio não teve incidentes. Poder A17



Manifestantes destroem carro de polícia no largo do Arouche, em SP

EDITORIAIS Opinião A2

Leia "Governo novo", a respeito do impeachment de Dilma Rousseff e posse de Michel Temer, e "Fresta de oportunidade", acerca da queda do PIB no segundo trimestre de 2016.

JANIO DE FREITAS

O nome verdadeiro para o impeachment é apenas este: golpe

Poder A14

ANÁLISE LEANDRO COLON

Temer terá de conter gritaria de tucanos e instabilidade de Renan

Poder A11

RENATO JANINE RIBEIRO

Flá-flu de duas décadas entre PT e PSDB acaba com derrota de ambos

Opinião A3

ROGERIO CHEQUER

Combate à corrupção é a primeira frente em nova fase do país

Poder A16

RODÍZIO

Não devem circular carros com placas cujo final seja: 7 ou 8

Cotidiano B2

ATMOSFERA

Dia frio, com garoa à noite

7 ou 8

B2

CIRCULAÇÃO 302.248/61a (impressões + digitais)
AUTÊNCIA 30.248.473 visitantes (ônibus/ruas)
Mínima 12°C. Máxima 21°C



NOVO **ix35** 2017 2.0 FLEX

ELEITO O MELHOR SUV DO BRASIL E O MELHOR DO MUNDO NOS ESTADOS UNIDOS.

A PARTIR DE R\$ **99.990** À VISTA

VEJA MAIS NA PÁGINA 5.

CAOA HYUNDAI NEW THINKING. NEW POSSIBILITIES.

RODAS ARO 18"

EXCLUSIVO TETO SOLAR SUPERVISÃO

www.caoa.com.br/hyundai

Pedestre, use sua faixa.

O Popular

Fundado em 3 de abril de 1938 por Jaime Câmara, Joaquim Câmara e Rebouças Câmara

Senado abre a porta para Temer

NOVO GOVERNO Votação do processo de impeachment no Senado, que entrou na madrugada de hoje, indicava a aprovação da saída da presidente Dilma por ampla maioria. Até 1h30 desta quinta-feira, havia 35 votos declarados pelo afastamento e apenas 12 contra **P6 A 12**

Marcello Dantas



“ Nós vamos mostrar aqui o verdadeiro golpe do PT. O verdadeiro golpe é exatamente o desemprego ”

Ronaldo Caiado (DEM)

Beto Barata / Agência Senado



“ É preciso extinguir os avanços de esquerda, romper com a mentalidade retrógrada, premiar o mérito ”

Wilder Morais (PP)

Marcello Dantas



“ Está em jogo um patrimônio caro aos brasileiros: a estabilidade fiscal e monetária do País ”

Lúcia Vânia (PSB)

Novo núcleo

Quais nomes estão garantidos na Esplanada dos Ministérios

Do mesmo lado

Vice em vias de virar presidente jamais esteve contra o Planalto

Contra-ataque

Deputados petistas prometem oposição feroz ao novo governo

ISSN-1677-6224



22776

HOJE

A quinta-feira será de sol com algumas nuvens na capital do Estado. Não vai chover

TEMPERATURA

MAX MIN 33° 19°

UMIDADE

MAX MIN 74% 38%

MEGA-SENA

Concurso 1817
01 04 26
39 47 55

QUINA

Concurso 4.081
24 26 34
68 72

LOTOFÁCIL

Concurso 1360
01 02 03 04 05 06 08 10
11 12 14 18 20 23 24

ATENDIMENTO

Classificados **3250-5323**
Assinaturas **3250-5353**
Assinantes **3250-1220**

POUPANÇA 0,6774%

OURO R\$ 139,90

DÓLAR (COMERCIAL) R\$ 3,447

DÓLAR (TURISMO) R\$ 3,59

BOVESPA - 0,58%

BOI GORDO À VISTA (MÉDIA) R\$ 136,91

HOJE EM DIA

HOJEEMDIA.COM.BR - Nº 10.026 - SEGUNDA EDIÇÃO - CONCLUÍDA ÀS 09:30 - ASSINANTE
ASSINATURA - BELO HORIZONTE E GRANDE BH: (31) 3270-8200 OUTRAS CIDADES: 08002830483
RELACIONAMENTO COM O ASSINANTE - BELO HORIZONTE E GRANDE BH: (31) 3270-8260 OUTRAS CIDADES: 08002830483

FIQUE POR DENTRO COM TODOS OS CANAIS DO HOJE EM DIA

R\$ 2,00

ON-LINE

HOJEEMDIA.COM.BR
FACEBOOK.COM/JORNALHOJEEMDIA
INSTAGRAM @JORNALHOJEEMDIA

TWITTER @JORNALHOJEEMDIA
WHATSAPP - 31.98372-1031

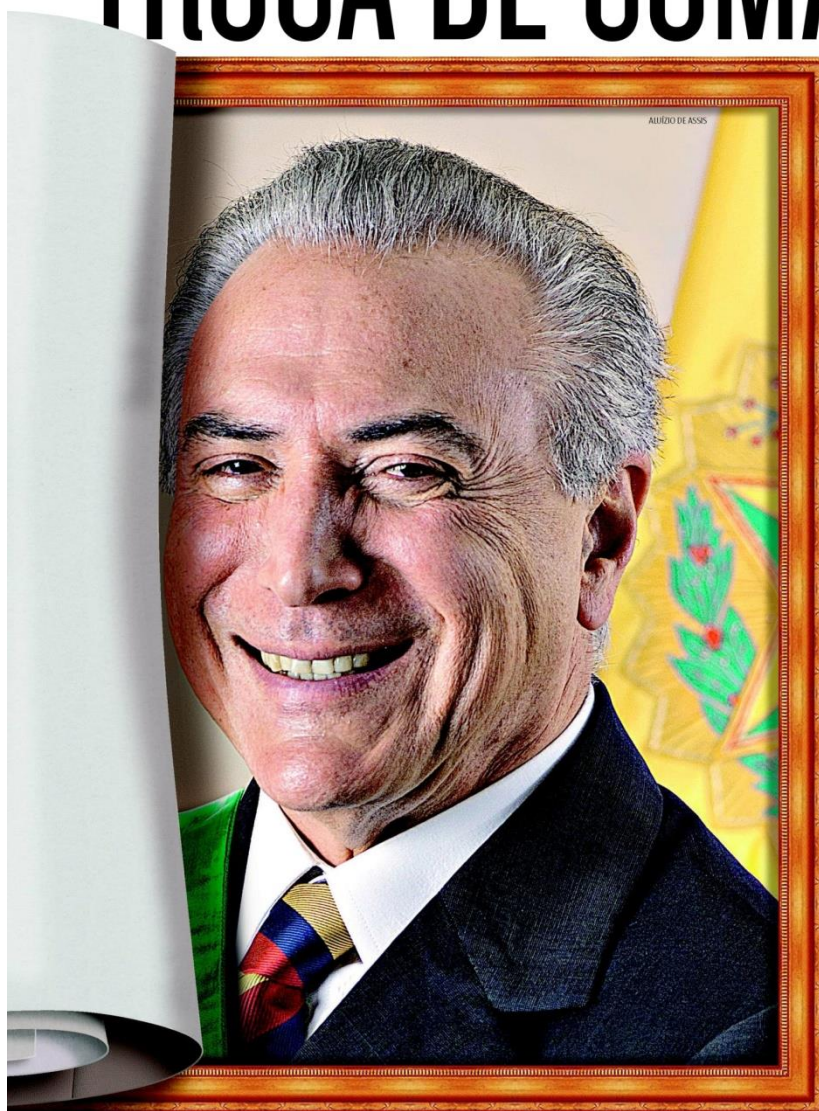
12 MAIO 16

QUINTA
BELO HORIZONTE / MG
28 ANOS



18°C A 31°C
SOL E AUMENTO DE NUVENS DE MANHÃ.
PARCADAIS DE CHUVA À TARDE
E À NOITE.

TROCA DE COMANDO



Extrapolando todas as previsões, sessão para análise da abertura do impeachment no Senado varou a madrugada, adiando para hoje votação do afastamento de Dilma. O discurso dos parlamentares, porém, sinalizava a derrota do governo. Até meia-noite, 33 dos 43 senadores que foram à tribuna se disseram a favor do processo. Presidente faz pronunciamento às 10h, e primeira fala de Michel Temer será às 15h. **PRIMEIRO PLANO - P.4 E 5**

TEMER MONTA EQUIPE E PT SE PREPARA PARA SER OPOSIÇÃO

Plano é colocar em ministérios nomes que fizeram parte das gestões de FHC, Lula e da própria Dilma. Lista pode ter mineiro, mas não contempla nenhuma mulher. Petistas prometem intensificar luta política. **PRIMEIRO PLANO - P.5 E 6**

MANIFESTAÇÕES CONTRA MINISTÉRIO DOIS EM UM

Produtores e gestores reagem à possível fusão da Cultura com o MEC. Medo é o de que demandas específicas sejam engolidas pelas educacionais. Ações voltadas para minorias também estariam em risco. **ALMANAQUE - P.24**

BRASIL PROVA QUE CORRUPÇÃO AFASTA INVESTIDOR, DIZ FMI

País ilustra estudo apontando que o desvio sistêmico de dinheiro público pode desestabilizar a política e afetar o crescimento nacional. No mundo, propinas consomem até US\$ 2 trilhões por ano. **PRIMEIRO PLANO - P.10**

Futebol. Ex-técnico de Portugal, Paulo Bento é o novo treinador do Cruzeiro. **Página 42**

O TEMPO

2ª EDIÇÃO
EXEMPLAR DE ASSINANTE

1 x 0
Galo perde e volta a contar com a mística do Horto.
Página 43



R\$ 1,50 (outros Estados R\$ 2,50) - www.otempo.com.br - Belo Horizonte - Ano 20 - Número 7088 - Quinta-feira, 12/5/2016

Impeachment. Em sessão que entrou pela madrugada, a maioria dos parlamentares apoiava afastamento

Senado vota fim da era PT após 13 anos

- ✓ Dilma esvaziou gabinete e discutiu com assessores a saída do Planalto
- ✓ STF rejeitou recurso de última hora para impedir abertura de julgamento

■ O ambiente era mais sóbrio do que o visto na Câmara dias atrás, mas a sessão no Senado para votar a abertura do impeachment também foi de reprovação ao governo petista. Em discursos que invadiram a madrugada, de 44 senadores que haviam falado até o fechamento desta edição, só nove foram contrários ao afastamento da presidente. Cedo, Dilma Rousseff recebeu a notícia de que o Supremo Tribunal Federal havia rejeitado o pedido de anulação feito pela Advocacia Geral da União no dia anterior. Depois, ela se reuniu com assesso-

res, gravou uma mensagem, que será divulgada hoje, na qual volta a afirmar que foi vítima de um golpe, e acertou os detalhes de sua saída do Palácio. Está programada uma renúncia coletiva dos ministros sem qualquer colaboração na passagem do governo para Michel Temer. A imprensa internacional repercutiu durante todo o dia a movimentação política e destacou o clima de "fim de festa" de aliados do poder. Em Minas, atos pró e contra o impeachment foram tranquilos, mas houve confusões no Distrito Federal. **Páginas 2 a 15**

Transição Michel Temer vai defender a Lava Jato em pronunciamento

■ Michel Temer recebeu a família em Brasília e passou o dia em reuniões sobre a formação do novo governo. Ele também preparou uma mensagem para hoje dando apoio à continuidade das investigações e falando em esperança. **Página 6**

Investigações Cassação de Delcídio põe Lula novamente na linha de Moro

■ Ex-senador era o único com foro privilegiado no caso sobre compra de silêncio de Cerveró, e afastamento levaria processo de volta para Curitiba. Gilmar Mendes avaliará acusação contra Aécio, e Toffoli abre novo inquérito contra Cunha. **Página 15**

DIDA LAMPARESTIANO/CONTEÚDO - 05.2016



Gabinete
Henrique Meirelles
é confirmado no
Ministério da Fazenda
Página 7

R\$ 7 tri
são pagos em propinas no mundo, diz o FMI. **Página 19**

Perspectiva
Novo governo terá de enfrentar crises fiscal e da dívida pública
Página 10

Opinião
EDITORIAL
Novo rumo

Página 24

JOSÉ R. DE TOLEDO
4,88o dias em 1o

Página 2

MÍRIAM LEITÃO
Queda inevitável

Página 21

*902 - Instituto Maplin S/A, Conselho 2.004 - Grande Rio de Janeiro
 Filiação: 10 anos, letters legible e unguenta e nota (14.95.000)

H MEIA HORA DE NOTÍCIAS R\$ 1

meiahora.com **O MAIS LIDO DO RIO*** QUINTA-FEIRA, 12/05/2016 • ANO 11 • Nº 3.768

Rio-2016 **Faltam 85 dias**

Bradesco **prezunic** herbarium

NEM PRECISA SE INSCREVER NO PRONATEC

11

ARRASA, QUERIDA!

MEIA HORA dá a maior moral e sugere novas ocupações bem legais pra Dilma

APRENDIMAS 1000

JOGADORA DE FUTEBOL



É sempre bom estar pronta pra cair e jogar a Segundaona

TÉCNICA DA SELEÇÃO



Já, já o que está lá vai sair também

JURA DA DO MASTERCHEF



Experiência em dar esporro é o que não falta

TELETUBBIE



Chegou a hora de dar tchau!

CICLISTA



Olimpíada tá aí, e tem quem diga que pedalada é com ela

CANTORA DO CALYPSO



Afinal, a lua e o Cunha traíram a presidenta

ROQUEIRA



Porque a política no Brasil tá heavy metal

BIG BROTHER



Paredão e eliminação já são familiares

NA ESTAÇÃO 04

Bala perdida fere mulher em Bangu

MANGUEIRA 02

Feirão tem mais de mil empregos

VAI VENDO... 30

Lucas Lucco mete caô pra Anitta e toma toco



REPRODUÇÃO DEVIDEIO

ESPORTES

VASCOVENCE. FLUEFOGO JOGAM HOJE

O GLOBO

QUINTA-FEIRA, 12 DE MAIO DE 2016 160x120 - Nº 30.229

Irislei Marinho (1870-1925) — (1904-2001) Roberto Marinho

RUA S. JACINTO 1011 - 20140-020 - RJ - 0800 400 0888 - oglobo.com.br

TROCA DE COMANDO

DILMA AFASTADA TEMER ASSUME COM REFORMAS

Primeiros atos serão para enxugar a estrutura do Estado

Dilma Rousseff foi afastada da Presidência da República na manhã de hoje. A aprovação da admissibilidade do processo de impeachment pelo Senado interrompe ciclo de 13 anos de poder do PT, partido que detém o Planalto de mãos dadas com os fracassos de Dilma. Redonda, não conseguiu mais camuflar a conduta errática da economia e as consequências de seus erros, o que agravou a perda de poder político e levou milhões às ruas con-

tra o maior escândalo de corrupção do país. O destino de Dilma foi selado às 03h4m de hoje por 55 votos sim (mais de dois terços do total de senadores) e 22 não. Ela está afastada do cargo por até 180 dias, período de seu julgamento, e será notificada ainda hoje da decisão do Senado. O vice Michel Temer (PMDB-SP) assumirá em seguida, com 19 dos 22 ministros escolhidos. E tomará posse imediatamente do gabinete presidencial no Planalto.

Agora não mais como coadjuvante na conturbada relação com Dilma, começará reduzindo a estrutura do Estado, com extinção e fusão de ministérios, e editará MPs para dar fôlego privilegiado ao presidente do Banco Central e ao chefe da Advocacia Geral da União (AGU). Também prometerá rigor fiscal e se comprometerá a enviar ao Congresso propostas para reformar a Previdência e o sistema tributário. **PÁGINA 2 e 42**

EDITORIAL
'Novo marco de defesa da responsabilidade fiscal'
PÁGINA 22



Plenário do Senado, quinta-feira, 12 de maio, às 03h4m. Sessões de oposição comemoram a aprovação da admissibilidade do processo de impeachment da presidente Dilma, sessão histórica durou mais de 20 horas

Brasil ainda requer legislação que organize o sistema partidário
MIRIAM FERREIRA, PÁGINA 21

Novo governo precisa provar capacidade de enfrentar a crise
MIRIAM FERREIRA, PÁGINA 24

O retrato de um político formal, atento e forjado por desilusões
JOSÉ BASTOS MORENO, PÁGINA 34

Sempre à sombra do PMDB, PT encerra acuada sua era no poder
LUZ ANTÔNIO NOVAES, PÁGINA 16

Batalha do impeachment traça cenário para a disputa de 2018
PAULO CELSO PEREIRA, PÁGINA 26

ANCELMO GOMES
Nova chance à esquerda.
PÁGINA 30

LAURO JARDIM
A política volta ao Planalto.
PÁGINA 28

NELSON WOTTA
A última perda de Dilma.
PÁGINA 28

ELMAR FRANCO
A missão da "salvação".
PÁGINA 31

SÉRGIO SADUL
Temer de Temer para o Congresso.
PÁGINA 31

CORA RÔNALI
Dilma, criatura de si mesma.
PÁGINA 29

ARNALDO BLOCH
Segue o velho cochovo.
PÁGINA 30

VERISSIMO
Corrupção põe fim a certezas.
PÁGINA 23

PEDRO DORNA
Uma receita de 228 anos.
PÁGINA 29

É na rampa da caricatura...

CRICKO



JOSÉ PADILHA
O juiz Moro e o código samurai.
PÁGINA 28

DENÍTRIO MAGNOLI
Restam os gritos de guerra.
PÁGINA 23

CARLOS ALBERTO SARDONBERG
Corte de gastos é prioridade.
PÁGINA 22

FREI BETTO
O legado e o futuro do PT.
PÁGINA 28

MARCO ANTÔNIO VILLA
A sociedade se auto-organiza.
PÁGINA 20

FLÁVIA OLIVEIRA
A fronteira do ridículo.
PÁGINA 31

ZUENIR VENTURA
O melancólico fim da utopia.
PÁGINA 17

ALAN GRIPP
A construção do 11 de maio.
PÁGINA 31

MÁRVIO DOS ANJOS
Dilma e o nome da ruptura.
PÁGINA 31

ARTUR XEXÉO
Temer é o que tem para hoje.
PÁGINA 30

ANA CRISTINA RES
Com a ajuda de Eça de Queiroz.
PÁGINA 28

PAULO CEZAR CAJU
Participar mais é a saída.
PÁGINA 29

PROMOÇÃO
LUNCH BOX
Silicone



PODE SER USADA NO MICRO-ONDAS!

4

R\$ **0,25**

ISSN 1807-8427

9 781807 842026

Super
NOTÍCIA

OUTROS ESTADOS R\$ 1,00 - 2ª EDIÇÃO - BELO HORIZONTE, QUINTA-FEIRA, 12 DE MAIO DE 2016 - ANO 15 - NÚMERO 515



FIM DA LINHA PARA DILMA

Em uma longa sessão, que entrou pela madrugada de hoje, a maioria dos senadores apoiava o impeachment contra a petista Dilma Rousseff, que já esvaziou o gabinete no Palácio do Planalto. Michel Temer fará hoje um pronunciamento à nação como presidente interino. PÁGS. 10 a 15



THALITA ZAMPIROLLI

Preso estuprador do carro vermelho

Suspeito de atacar três mulheres na Pampulha foi reconhecido pelas vítimas. PÁG. 3

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Homem tenta matar a mulher com um machado

Após uma discussão, suspeito agrediu a companheira com golpes na cabeça. O filho do casal, de 3 meses, também ficou ferido. Agressor foi preso e a mulher está internada em estado gravíssimo. PÁG. 5

WALLANE CAMPOS/DIVULGAÇÃO

TRANSEXUAL QUER ENTRAR COM TUDO!

Modelo realizou testes para a novela "À Flor da Pele", de Glória Perez, e torce para ser aprovada pela equipe da Globo. PÁG. 20

Galo perde e vai decidir no Horto

DOUGLAS MAGNO

Atlético encarou o São Paulo, mas foi derrotado por 1 a 0, no Morumbi. Para passar à semifinal da Libertadores, terá que fazer dois gols de diferença. PÁG. 31



Pratto balançou as redes, mas impedido

América empata em 0 a 0 com o Bahia, no estádio Independência, no jogo de ida da segunda fase da Copa Brasil. PÁG. 28

Finalmente, Cruzeiro contrata o novo comandante. Técnico que dirigiu a seleção de Portugal chega na segunda-feira. PÁG. 30



#PARTIU

Impeachment não derruba apenas Dilma Rousseff da presidência, mas sim o projeto de poder de um partido, de um grupo, de um líder sindical. Depois de 14 anos, o Partido dos Trabalhadores desce a rampa do Planalto.



PORTO ALEGRE
ANO 53 N° 18.462 - 3ª EDIÇÃO
SC/PR - R\$ 3 | DEMAIS REGIÕES - R\$ 4,50 | URUGUAI - R\$ 4,00
R\$ 2,50 Produto R\$ 2,41 | P&A e Cobos R\$ 0,09

ZH
ZERO HORA

QUINTA
12 MAIO 2016

EDIÇÃO CONCLUÍDA ÀS
06:36

DILMA É AFASTADA E TEMER ASSUME

Depois de uma sessão que durou mais de 20 horas, Senado aprova por 55 votos a 22 o afastamento da presidente Dilma Rousseff por até 180 dias. O vice Michel Temer ocupará o cargo assim que for notificado



OS **SETE DESAFIOS**
QUE AGUARDAM
MICHEL TEMER

ANÁLISE DO TEOR
DOS **DISCURSOS**
EM PLENÁRIO

ROSANE DE OLIVEIRA
VELHOS PROBLEMAS
EXIGIRÃO RESPOSTAS
NO CURTO PRAZO

MARTA SFREDO
NOME SUGERIDO
PARA BC É UM SINAL
POSITIVO AO MERCADO

CONHEÇA QUEM
SÃO OS **MINISTROS**
QUE ASSUMEM

VOTAR **META FISCAL**
SERÁ PRIORIDADE
DA NOVA GESTÃO

DAVID COIMBRA
O GOVERNO TINHA
QUE ACABAR. O BRASIL
ESTÁ MELHORANDO

MARCELO RECH
TEMER ASSUMIRÁ SEM
TRÉGUA E SEM CARTA
BRANCA PARA ERROS



DIÁRIO CATARINENSE

DC

A DESPEDIDA

Por 55 votos a 22, a presidente Dilma é afastada do cargo. Michel Temer assume o governo ainda hoje, assim que for notificado pelo Senado

QUEM SÃO OS NOVOS MINISTROS | **OS SETE DESAFIOS PARA O BRASIL VOLTAR A CRESCER**

Notícias | 8 a 26

SANTA CATARINA
ANO 31 N° 10.944
OUTROS ESTADOS- R\$ 1,00
R\$ 2,50

QUINTA-FEIRA

12 DE MAIO DE 2016

VIVER SC

DC homenageia hoje nomes que orgulham Santa Catarina

Notícias | 29

UNIVERSIDADES

PÓS-GRADUAÇÃO TERÁ COTAS

Critérios têm de ser apresentados em 90 dias

Sua Vida | 41

COPA DO BRASIL

FIGUEIRA VENCE O SAMPAIO FORA

Alvinegro encaminha a classificação

Esporte | 42

COMUNICADO

O Diário Catarinense pede desculpas à empresa ALMEIDA JUNIOR, detentora de seis shopping centers em SC, por ter incluído, equivocadamente, seu nome na capa da edição de ontem. A citação correta seria MENDES JUNIOR.

Lamentamos o erro e ressaltamos que a catarinense ALMEIDA JUNIOR é uma empresa que muito nos orgulha por ser um exemplo de credibilidade e empreendedorismo, que investe e cria milhares de empregos em nosso Estado.

Reiteramos nossa admiração ao Grupo Almeida Junior.

Diário Catarinense

Diário

do Nordeste

FUNDADOR EDSON QUEIROZ
www.diariodordeste.com.br

ENTREVISTA COM HEITOR

O deputado Heitor Férrer (PSB) é o quarto da série com os candidatos a prefeito de Fortaleza, exclusivo para o Diário do Nordeste e TVDN

Política
Eleição
P.11



DILMA CASSADA

61 VOTOS A FAVOR
E 20 CONTRA

A presidente Dilma Rousseff foi destituída da Presidência do Brasil, após uma sentença histórica no Senado, que pôs um fim a 13 anos de governo petista no País. Ela poderá exercer cargos públicos nos próximos anos. **NACIONAL P.13 A 16 INTERNACIONAL P.17 NEGÓCIOS P.1**

FOTO: AGENCIA SENADO



NOVO PRESIDENTE

Temer: 'colocar o País nos trilhos'

Michel Temer assumiu a Presidência do Brasil em uma cerimônia no Senado. Em seu discurso de posse, prometeu "uma nova era" para a maior economia da América Latina. Ele precisará manter sua base parlamentar em cenários de ajuste fiscal e Operação Lava Jato. **NACIONAL P.13 A 16**

FOTO: AGENCIA SENADO



DECISÃO JUDICIAL

Policiais suspeitos de chacina são presos

Os 44 policiais militares suspeitos de participarem da chacina que deixou 11 mortos e 7 feridos nos bairros Curió e São Miguel, na Grande Messejana, no dia 12 de novembro de 2015, se apresentaram durante todo o dia de ontem, no 5º BPM (Centro), para ficar detidos. **POLÍCIA P.9**

PROPOSTA

Novo salário mínimo deve ser de R\$ 945,80

O Governo Federal prevê que o salário mínimo para o ano que vem ficará em R\$ 945,80. O valor consta do projeto do Orçamento Geral da União de 2017, enviado ontem ao Congresso Nacional por ministros de Temer. **NEGÓCIOS P.6**



DERROTA AMARGA NO BEIRA-RIO

Última Hora P.20

O Fortaleza perdeu por 3 a 0 para o Internacional, em partida disputada ontem à noite, em Porto Alegre. O Tricolor terá que reverter a vantagem dos gaúchos no jogo de volta, em Fortaleza. Agora, a equipe cearense entra em campo contra o Asa, em Arapiraca, pela Série C. **FOTO: FUTURAPRESS**

SELEÇÃO ESTREIA COM TITE

Jogada P.18
O Brasil tentará se recuperar nas eliminatórias sul-americanas para a Copa do Mundo da Rússia-2018, hoje, contra o Equador, na altitude de Quito.



ZOEIRA

ILUSTRADORA DE MODA CEARENSE É SUCESSO

P.2 E 3



SAÚDE

Ceará é o estado com mais óbitos por microcefalia

Dados de boletim, entre outubro de 2015 e 20 de agosto deste ano, o Ceará registrou 23 óbitos causados por microcefalia e outras alterações do Sistema Nervoso Central (SNC), sugestivos de infecção congênita. **CIDADE P.8**

CADERNO 3

ZÉLIA DUNCAN CANTA SAMBAS DO NOVO DISCO EM FORTALEZA

P.6



HOSPEDAGEM

Conheça os 10 melhores hostels do Brasil

Os hostels (ou albergues, em bom português) são uma opção barata para hospedagem dos viajantes. Hoje, muitos deles oferecem serviços diferenciados, bons preços, cuidado impecável com higiene e boa localização. **TUR P.1**

EDIÇÃO
FABIANAS
FECHEMENTO
0558

ACOMPANHAM OS CADERNOS NEGÓCIOS,
CADERNO 3, TUR, ZOEIRA E CLASSIFICA-
DOS (PARA TODO O CEARÁ)

CLASSIFICADOS
Ofertas
nesta edição

2.096

MEGA SENA 1802 13 17 29 45 49 50
QUINA 1172 05 20 34 43 60

EDITORIAL

Espera-se do Congresso e do Planalto
empenho nos esforços de debelar o des-
gastado ambiente econômico e político.



ISO 9001
Ano Industrial
Certificado

TRIBUNAPR.COM.BR | (41) 9683-9504 | TWITTER.COM/TRIBUNAPR | FB.COM/TRIBUNADOPARANA

TRIBUNA

TAMO JUNTO

R\$ 1,25

MÁX. 18° | MÍN. 8°

CURITIBA, QUINTA, 01 DE SETEMBRO DE 2016 | ANO 60 | Nº 18.192



PRA FRENTE, BRASIL

Ontem Dilma deu tchau e Temer assumiu um país dividido. Os desafios são reativar a economia e criar empregos. Pra isso, precisa do apoio de um instável Congresso. [p4](#), [5](#) e [6](#)

Dia histórico. Manifestantes vão às ruas em BH e, em São Paulo, entram em confronto com a polícia. **Página 10**

O TEMPO

2ª EDIÇÃO
EXEMPLAR DE ASSINANTE

Impeachment
61 **20**
A FAVOR CONTRA
Não houve abstenções

R\$ 1,50 (outros Estados R\$ 2,50) - www.otempo.com.br - Belo Horizonte - Ano 20 - Número 7200 - Quinta-feira, 1/9/2016



“Golpista é você, que está contra a Constituição. Não vamos levar desaforo para casa.” **Michel Temer**

Senado cassa Dilma, mas mantém direitos políticos

✓ Ex-aliado, Renan Calheiros vota por impeachment

✓ Petista promete oposição incansável e prevê retorno

✓ “Anistia” racha base e pode beneficiar Eduardo Cunha

Os senadores aprovaram, por 61 votos a 20, o afastamento definitivo de Dilma Rousseff, encerrando uma era de 13 anos do PT no poder. Seis parlamentares que até então ocultavam suas posições, incluindo Renan Calheiros (PMDB-AL), apoiaram o impeachment. Uma segunda votação permitiu que a petista mantivesse o direito de ocupar cargos públicos, eletivos ou não. A “anistia” foi considerada “anistia” por membros do DEM e do PS-

DB, e a Câmara considera a medida um precedente para o julgamento do deputado Eduardo Cunha (PMDB-RJ). Michel Temer, que tomou posse da Presidência em cerimônia sem discurso no Senado, terá que recompor a base e enfrentar a recessão na economia quando retornar da China. Rodrigo Maia (DEM-RJ) assumiu interinamente. Dilma reafirmou que é vítima de um golpe e prometeu oposição enérgica. **Páginas 2 a 12, 16 a 18 e Opinião**

Temer propõe união nacional e condena traições

Em pronunciamento na TV, Temer defendeu reformas e programas sociais e disse que o momento é de união país. Comunistas, adotou um tom duro e cobrou esforço para aprovação de medidas. **Páginas 6 e 7**

Queda da economia brasileira é a mais forte no mundo

PIB tem sexto trimestre seguido de quedas, e economia encolhe 4,9% em 12 meses. Governo propõe salário mínimo de R\$ 945,80 em 2017 em projeto enviado ao Congresso. **Páginas 16 a 18**



“Haverá a mais firme, incansável e enérgica oposição que um governo golpista pode sofrer.” **Dilma Rousseff**

ELIMINATÓRIAS

Seleção de Tite mostra a cara hoje no Equador

Na estreia do novo treinador, Brasil enfrenta equatorianos, às 18h, em Quito, com a missão de vencer e deixar a sexta colocação na tabela. **PÁG. 29**

COPA DO BRASIL

Cruzeiro vai com força máxima contra Botafogo

Em busca do quinto título da competição, equipe celeste quer trazer bom resultado do Rio de Janeiro para decidir em casa a vaga para as quartas de final. **PÁG. 35**

R\$ 0,25

ISSN 1807-8427

9 771807 842006

Super

NOTÍCIA

OUTROS ESTADOS R\$ 1,00 - 2ª EDIÇÃO - BELO HORIZONTE, QUINTA-FEIRA, 1 DE SETEMBRO DE 2016 - ANO 15 - NÚMERO 5277

DIDA SAMPÃO/ESTADÃO CONTEÚDO



H&M/DIVULGAÇÃO

GISELE BÜNDCHEN

TOP DAS TOPS

Mesmo longe das passarelas, brasileira encabeça a lista das modelos mais bem-pagas do mundo pelo 14º ano consecutivo. **PÁG. 24**

DILMA É CASSADA E TEMER ASSUME A PRESIDÊNCIA



EVARISTO SA/APP

Em uma sessão histórica, o Senado aprovou, por 61 votos a 20, o afastamento definitivo da presidente Dilma Rousseff do cargo. Uma segunda votação polêmica permitiu que ela mantenha os direitos políticos. **PÁGs. 10 a 18**

Após assumir definitivamente a Presidência da República, Michel Temer se reuniu com seus ministros e viajou em seguida para a China. Dilma reafirmou que é vítima de um golpe e prometeu oposição enérgica. **PÁGs. 10 a 18**

PROMOÇÃO

NESTA SEMANA, FORD DEL REY

FORD DEL REY 4

PROMOÇÃO

De um TCHAN! na sua cozinha

FRIGIDEIRA (20 CM)

4

PROMOÇÃO

minha pantufa TEMER

PROMOÇÃO

cesto

PARTICIPE!

* PS OS: Sábados 10 e 12h; G10, Grande Rio 30/14 - Grande Rio de Janeiro
Fólios A5 104-anos, melhores condições comparadas a outros (14.990.000)

MEIA HORA DE NOTÍCIAS

meiahora.com

O MAIS LIDO DO RIO*

QUINTA-FEIRA, 11/09/2016 • ANO 11 • Nº 3.880

ACREDITE, AGOSTO ACABOU!

PROMOÇÃO KIT CHURRASCO DO MEIA HORA

Selo 5

R\$ 1

ABUNDÂNCIA!

30



REPRODUÇÃO/ISTOCK

GRACY É BUMBUM GRANADA!

CADERNO DE ESPORTES



OLIVIERO SOUTAL/IMAGEM

É O MEU MAIOR PRAZER

'CORTA PRA MIM, RAFAEL SILVA!'

De virada é mais gostoso! Mengão de Everton vence o Figueira, por 3 a 1, e se classifica de forma heroica na Copa Sul-Americana

COPA DO BRASIL: FLU EMPATA E BOTA JOGA HOJE

SERÁ QUE TEMOS ALGO A 'TEMER'?

08

DILMA SAI DE BRASÍLIA

Por 61 votos a 20, Senado demite a presidenta. Temer assume de vez o comando

